



Universidade de Brasília
Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e
Ciência da Informação e Documentação
Departamento de Ciência da Informação e Documentação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

A FOTOGRAFIA COMO MEMÓRIA NA VIDA DOS CANDANGOS

Rita Barreto de Sales Oliveira

Brasília
2008

Universidade de Brasília

Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação

Departamento de Ciência da Informação e Documentação

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

**A FOTOGRAFIA COMO MEMÓRIA
NA VIDA DOS CANDANGOS**

Rita Barreto de Sales Oliveira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof.a Dr.a Miriam Paula Manini

Brasília

2008

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Iris Soares L. A. Serafim
CRB 1/1818.

Oliveira, Rita Barreto de Sales.

O48f A fotografia como memória na vida dos candangos / Rita Barreto de Sales Oliveira; Miriam Paula Manini. – Brasília: UnB, 2008.

211 f.; il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília,
Departamento de Ciência da Informação.

1. Informação histórica - Brasília. 2. Fotografia. 3. História oral. 4. Brasília - Candangos I. Manini, Miriam Paula. II. Título.

CDU 77.03-028.16 (817.4)(043)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autora: Rita Barreto de Sales Oliveira

Título: A Fotografia como Memória na Vida dos Candangos

Área de concentração: Ciência da Informação

Linha de pesquisa: Gestão da Informação e do Conhecimento

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação ao Departamento de Ciência de Informação e Documentação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Ciência da Informação**.

Dissertação aprovada em: 09/05/2008.

Aprovado por:

Prof.a Dr.a Miriam Paula Manini
Presidente – Orientadora (UnB/PPGCIInf)

Prof. Dr. Renato Tarciso Barbosa de Sousa
Membro interno (UnB/PPGCIInf)

Prof. Dr. José Walter Nunes
Membro externo (UnB/História)

Prof.a Dr.a Celina Kuniyoshi
Suplente (UnB/CID)

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Josefa Barreto de Sales, que, em sua simplicidade, soube transmitir valores como respeito, honestidade, amor e persistência para se chegar ao que mais se deseja na vida.

(In memoriam)

AGRADECIMENTOS

À professora Miriam Paula Manini, pela orientação e atenção dispensadas durante a realização deste projeto.

Aos professores Georgete Medleg Rodrigues e José Walter Nunes, pelas preciosas sugestões e críticas feitas ao projeto de pesquisa quando da sua avaliação.

Aos professores Celina Kuniyoshi e Renato Tarciso Barbosa de Sousa, por terem aceitado generosamente o convite para compor a banca examinadora.

À Jucilene e à Marta, funcionárias da Secretaria de Pós-Graduação do CID-UnB, sempre solícitas e solidárias, pela pronta resposta a tudo de que precisei.

À Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, pelo afastamento remunerado para estudos.

À Escola de Aperfeiçoamento de Professores (EAPE), pela atenção que me dispensou durante este projeto de pesquisa.

Aos meus colegas do Centro de Ensino Fundamental 03 de Brasília, pelo apoio demonstrado desde a época em que me tornei aluna especial da UnB.

À minha amiga Renilda Gonçalves do Amaral, por todo apoio concedido durante a realização deste projeto.

À minha amiga Liliane Bernardes Carneiro, por todas as contribuições feitas para a realização deste projeto.

À minha amiga Gislene Maria Barral Lima, por todas as suas preciosas contribuições durante a realização deste projeto.

À minha amiga Genny Furquim de Almeida Tito de Moraes, pela força demonstrada durante a realização deste projeto.

Aos meus irmãos João Batista, Jacob, Paulo, Rute Maria, Paulo e Carlos Augusto, pelo apoio demonstrado durante a realização deste projeto.

Ao meu pai Ozair, pela sua valorosa contribuição.

A todas as pessoas por mim entrevistadas, pela maravilhosa contribuição.

À minha família: Fernando, Fernandinho, Gláucia e Mário Henrique, pelo apoio e compreensão durante a realização deste projeto.

“É preciso resguardar em tempo a memória de uma cidade para que nossos descendentes não se queixem de nós mais tarde.”

Cora Coralina

RESUMO

A dissertação *A Fotografia como Memória na Vida dos Candangos* é um estudo sobre a reconstrução e a ressignificação da história de vida de alguns indivíduos – os Candangos, primeiros moradores de Brasília – na recriação de suas identidades e direitos. Abrange não somente moradores de Brasília, mas também outros de diferentes localidades do Distrito Federal e do Entorno, de diversas classes sociais. O objetivo principal é acrescentar informações ao construto histórico produzido sobre o Distrito Federal, mediante o auxílio de fotografias de acervo pessoal, demonstrando como a imagem pode ser um instrumento valioso na reconstrução da memória dos indivíduos, possibilitando, posteriormente, a criação de um documento que recupere uma parcela da memória social de um povo, no caso, os Candangos. O estudo baseia-se nas histórias, percepções e interpretações de fatos mediante o auxílio de fotografias dos acervos pessoais e de relatos dos indivíduos pesquisados. O marco teórico corresponde ao levantamento da bibliografia relacionada aos seguintes temas: fotografia (história e considerações), memória (reconstrução do passado), História Oral (reflexões sobre a ética na História Oral, relações entre História Oral e memória, identidade coletiva) e a construção de Brasília. Entre os autores estudados, encontram-se Manguel, Bourdieu, Kossoy, Halbwachs, Benjamin, Aceves, Portelli, Castells, Carvalho, Brayner, Sinoti e Nunes. A metodologia utilizada engloba pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, coleta de fotos de acervo pessoal, tomada de fotografias, histórias de vida, quadros-resumo e entrevistas. A pesquisa visa a escrever as memórias de alguns indivíduos da comunidade brasiliense – os Candangos –, não se restringindo à reconstrução de um passado morto e enterrado, dentro de uma abordagem nostálgica, como se só o que já passou fosse bom e tivesse valor. Na verdade, visa à reconstrução de memórias de pessoas mais velhas que serão passadas às gerações mais novas pelas palavras, gestos, sentimentos de comunidade e de destino: elementos que ligam os moradores de um lugar. O trabalho deverá evidenciar o valor das pessoas que vêm da maioria desconhecida do povo e poderá inspirar outros pesquisadores a fazerem trabalhos semelhantes, cujo enfoque se dá a partir da história que vem das comunidades. Isso propicia o contato e a compreensão entre classes sociais e gerações, além de um sentimento de pertencimento a determinado lugar e a determinada época.

Palavras-chave: Fotografia, memória, Candangos, construção de Brasília, imagem, História Oral.

ABSTRACT

The dissertation *The Photography as Memory in Candangos' Life* is a study about the reconstruction and the resignification of some individuals' life history – the first inhabitants of Brasília, called Candangos – in the re-creation of their identities and rights. It includes not just people who live in Brasilia, but others, from different localities in Distrito Federal and Entorno, from different social classes. The main objective is to bring information to the historical construct produced about the Distrito Federal, by means of photographs of personal archives, demonstrating as the image can be a valuable instrument in the reconstruction of the individuals' memory. It can make possible, later, the creation of a document that recovers a parcel of the social memory of people; in this case, the original inhabitants of Brasília, called Candangos. The study is based on histories, perceptions and interpretations of facts, by means the aid of photographs of the personal archives, and narratives of the searched individuals. The theoretical references correspond to the bibliographic survey related to the following subjects: the photography (history and considerations), the memory (the reconstruction of the past), verbal history (reflections on the ethics in the verbal history, relations between verbal history and memory, collective identity) and the construction of Brasília. Among the studied authors, Manguel, Bourdieu, Kossoy, Halbwachs, Benjamin, Aceves, Portelli, Castells, Carvalho, Brayner, Sinoti and Nunes can be cited. The methodology used includes bibliographical research, field research, and collection of photos of personal archives, photograph taken by this author, life histories, summary table and interviews. The research intends to preserve the memories of some individuals of the community of Brasília – the Candangos –, but not restricting to the reconstruction of a dead and embedded past, in a nostalgic approach, as if just the past is good and worth. In fact, it seeks the reconstruction of memories of older people which will be passed to the new generations by words, gestures, feelings of community and fate: elements that bind the inhabitants of a place. The work will evidence the value of people who come from the unknown population and it could to inspire other researchers to make similar works, whose approach starts from the history of the communities. This provides the contact and the comprehension among social classes and generations, besides a feeling that people belong to the determined place and time.

Key-words: Photography, memory, Candangos, construction of Brasília, image, verbal history.

LISTA DE SIGLAS

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CAESB – Companhia de Águas e Esgotos de Brasília
CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil
CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da
Fundação Getúlio Vargas
DF – Distrito Federal
FMI – Fundo Monetário Internacional
GDF – Governo do Distrito Federal
HRAN – Hospital Regional da Asa Norte
IAPI – Instituto de Aposentadorias e Pensões da Indústria
IBRA – Instituto Brasileiro de Reforma Agrária
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INSS – Instituto Nacional de Serviço Social
IPASE – Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado
JK – Juscelino Kubitschek
LBV – Legião da Boa Vontade
km – quilômetro
m – metro
Necoim – Núcleo de Estudos, Cultura, Oralidade, Imagem e Memória no Centro Oeste
NOVACAP – Companhia Urbanizadora da Nova Capital
PMDF – Polícia Militar do Distrito Federal
QNE – Quadra Norte E
QNM – Quadra Norte M
RA-I – Região Administrativa I
SEDUMA – Sociedade de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente
SFH – Sistema Financeiro de Habitação
SHIS – Sociedade Habitacional de Interesse Social
SQN – Superquadra Norte
SQS – Superquadra Sul
UNE – União Nacional dos Estudantes
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UTI – Unidade de Terapia Intensiva

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
1.1. Memorial do projeto de pesquisa.....	15
1.2. Tema da pesquisa, delimitação do tema e problema-objeto da pesquisa.....	18
1.3. Objetivo geral	21
1.4. Objetivos específicos	22
1.5. Justificativa	22
1.6. Metodologia, técnicas e procedimentos de pesquisa	23
1.7. Expectativas em relação aos resultados da pesquisa	27
2. REVISÃO DE LITERATURA	28
2.1. A fotografia: história e considerações	28
2.1.1. Auto-retrato	35
2.2. A memória:	36
2.3. História Oral	46
2.3.1. Reflexões sobre a ética na História Oral	46
2.3.2. Questões sobre a relação entre História Oral e Memória	50
2.3.3. Conjecturas de identidade coletiva.....	59
3. A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA	65
3.1. Memórias de um Candango	65
3.1.1. Fotografias de Seu Ozair Marques de Sales	69
3.2. Casa da Memória Viva	70
3.2.1. Fotografias da Casa da Memória Viva	72
3.3. Trabalhos interpretativos sobre a construção de Brasília	75
3.3.1. Brasília: imagens e representações	75
3.3.2. Impactos da história de Brasília na (re)criação de identidades e direitos de moradores da Vila Planalto	78
3.3.3. Vizinhança e desenho urbano: Paranoá-DF.....	80
3.3.4. História e memória: Metropolitana e Núcleo Bandeirante.....	83
3.3.5. Nas asas da suprema insensatez.....	86
3.3.5.1. Fotografias de Brasília.....	88
3.3.6. O capital da esperança. Brasília, um estudo sobre uma grande obra da construção civil.....	94
4. RELATOS DOS ENTREVISTADOS	96
4.1. Nome dos entrevistados/Cidade onde moram	97

4.2. Entrevistas.....	98
4.2.1. Seu João.....	98
4.2.1.1. Fotografias de Seu João.....	100
4.2.2. Seu José Valter.....	102
4.2.2.1. Fotografias de Seu José Valter.....	104
4.2.3. Dona Judite.....	107
4.2.3.1. Fotografias de Dona Judite.....	110
4.2.3.2. Árvore Genealógica de Dona Judite.....	121
4.2.4. Dona Maria Ascendina da Silva.....	122
4.2.4.1. Carta de Juscelino Kubitschek a seus funcionários - 1ª. parte.....	124
4.2.4.2. Carta de Juscelino Kubitschek a seus funcionários - 2ª. Parte.....	125
4.2.5. Dona Maria Barreto.....	126
4.2.5.1. Fotografias de Dona Maria Barreto.....	130
4.2.6. Dona Myriam.....	143
4.2.6.1. Fotografias de Dona Myriam.....	145
4.2.7. Dona Sílvia.....	155
4.2.7.1. Fotografias de Dona Sílvia.....	157
4.2.8. Seu Valdir.....	160
4.2.8.1. Fotografias de Seu Valdir.....	164
5. ANÁLISE DE RESULTADOS.....	181
5.1. Dados sobre os entrevistados.....	186
5.2. Análise dos dados da Tabela 1.....	188
5.3. Análise de dados da Tabela 2.....	190
6. CONCLUSÕES.....	191
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	199
8. ANEXOS.....	205
8.1. ANEXO A - Quadro-resumo acompanhado de fotografia.....	205
8.2. ANEXO B – Quadro-resumo acompanhado de fotografia.....	206
8.3. ANEXO C – Formulário de entrevista.....	207
8.4. ANEXO D - Brasília de ontem e de hoje.....	209
8.5. ANEXO E – Autorização.....	210
8.6. ANEXO F - Carta do Presidente JK aos funcionários do governo.....	211

1. INTRODUÇÃO

O conhecimento das imagens, de sua origem, suas leis é uma das chaves do nosso tempo. [...] É o meio também de julgar o passado com olhos novos e pedir-lhe esclarecimentos condizentes com nossas preocupações presentes, refazendo uma vez mais a história à nossa medida, como é o direito e dever de cada geração (Pierre Francastel, *A realidade figurativa*, 1982).

O presente trabalho é um estudo sobre a reconstrução e a ressignificação da história de vida de alguns indivíduos – os Candangos, primeiros moradores de Brasília – na recriação de suas identidades e direitos. Abrange não somente moradores de Brasília, mas outros, de diferentes localidades do Distrito Federal e do Entorno, de diversas classes sociais. O objetivo principal é acrescentar informações ao construto histórico produzido sobre o Distrito Federal, mediante o auxílio de fotografias de acervo pessoal, demonstrando como a imagem pode ser um instrumento valioso na reconstrução da memória dos indivíduos, possibilitando, posteriormente, a criação de um documento que recupere uma parcela da memória social de um povo, no caso, os Candangos. O estudo baseia-se nas histórias, percepções e interpretações de fatos mediante o auxílio de fotografias dos acervos pessoais e de relatos dos indivíduos pesquisados.

A fotografia, neste projeto, está sendo utilizada como fonte histórica, indício, vestígio de que algo aconteceu. A esse respeito, Cavalcante (2005, p. 1777) afirma que

[...] ao se legitimar a fotografia como fonte histórica, faz-se necessário retomar a questão da postura que se tem da investigação em relação a qualquer documento, sejam decretos, tratados, registros de arrendamento, publicações parlamentares, correspondência oficial, cartas, diários particulares e, agora, as fotografias: o que nos dizem estes documentos quando nos ocupamos deles?

As fotografias prestam-se a múltiplas interpretações: como portadoras de mensagens a serem perenizadas ou como documentos. Para Gandara (2005, p. 1780), “as fotografias interpretadas como imagem/mensagem exigem a percepção de que existem outras formas de comunicação mais profundas e menos advertidas que as verbais”. Nas fotografias existem muitos sistemas sógnicos que integram o quadro cultural de uma sociedade. É necessário, entretanto, perceber as relações existentes entre a imagem e o que ela representa.

1.1. Memorial do projeto de pesquisa

Formei-me em Letras em 1985 e, desde então, participei de diversos cursos de formação continuada para professores. A idéia de estar atualizada frente a um mundo cada vez mais tecnológico me fascinava. Também um pensamento sempre se fez presente, embora distante: por que não fazer um curso de mestrado? Crianças em crescimento, dupla jornada de trabalho (na escola e em casa) e responsabilidades do casamento me fizeram adiar o sonho por mais de vinte anos. Entretanto, aquele pensamento sempre, invariavelmente, atraía-me. Todas as vezes que eu via cartazes anunciando algum curso de mestrado, minha cabeça se povoava de sonhos.

No primeiro semestre de 2005, finalmente, matriculei-me na UnB como aluna especial em Ciência da Informação, em uma disciplina chamada Leitura Documentária de Imagens, ministrada pela professora doutora Miriam Paula Manini. Esta disciplina me chamou a atenção para o fantástico mundo da fotografia, seus diferentes modos de interpretar a realidade e a possibilidade de fazer um projeto de dissertação relacionado a esse assunto.

No segundo semestre de 2005, a convite da professora Miriam, matriculei-me numa outra disciplina intitulada Leitura de Imagens, que complementava os ensinamentos obtidos na disciplina anterior. O estudo das duas disciplinas levou-me a fazer muitas reflexões acerca das possibilidades de leitura e interpretação de imagens.

A professora Miriam incentivou seus alunos especiais a prosseguirem seus estudos e pediu que fizessem um projeto como se fossem participar da seleção de mestrado. Daquele dia em diante, mil e uma idéias me vieram à cabeça: um cartaz, uma criança, um livro me inspiravam idéias que pudessem nortear o projeto.

Dias a fio eu procurava uma idéia que fosse a idéia. Ia à biblioteca da escola onde trabalhava e lia títulos, folheava livros, procurava inspiração. Certo dia, deparei-me com um exemplar da Ecléa Bosi: Memória e sociedade – lembranças de velhos. Abri-o, li-o e o amei. Daquele encontro literário nasceu a idéia para o meu projeto que foi se aperfeiçoando, num crescente de emoção e dúvidas, dúvidas e emoção, desejo de fazer um bom trabalho, medo de não o fazer, desejo de perfeição, insegurança quanto à avaliação; mas o projeto nasceu com alma, com um desejo de contar histórias, reviver memórias, fazer sorrir e fazer chorar...

Em 2006, participei do processo de seleção e me tornei aluna regular. Minha orientadora, professora Miriam, sempre zelosa, sempre consciente do seu trabalho como pesquisadora e professora, alertava-me para não cair em armadilhas que já pegaram outros

alunos desprevenidos e, desde o princípio, sem perder a meiguice e a amizade, mostrou-se rigorosa em suas colocações quanto à maneira de conduzir a dissertação e a sua correção.

O título do trabalho “A Fotografia como Memória na Vida dos Candangos” surgiu de uma inspiração causada pelo livro de Ecléa Bosi, porém adaptada a uma realidade vivida por mim. A idéia de memória de Bosi, inspirada na história de pessoas da sociedade paulista, foi adaptada por mim à memória dos Candangos que vieram para Brasília na época da construção da capital, tendo como base a fotografia, estudada nas duas disciplinas já citadas.

Assim como os personagens por mim entrevistados, também sou Candanga, uma vez que minha família, como a das pessoas apresentadas neste trabalho, percorreu um grande trajeto de seu estado de origem até Brasília. Minha família estava morando no sul da Bahia, quando meu avô Diogo teve a feliz idéia de mudarmos para a capital da República que estava recém-construída. Uma vez que a mudança foi decidida, iniciaram-se outras providências, como escrever para os parentes que já se encontravam em Brasília, separar os pertences que viriam na bagagem, juntar um pouco de dinheiro. Foi assim que, em pouco tempo, minha família veio para cá em 1966, em busca de melhores condições de vida.

Já havia pessoas da família morando por aqui: meu tio Barreto e família, meu tio Zé e família, e outros parentes. Todos estavam fugindo das péssimas condições de sobrevivência impostas aos nordestinos: falta de emprego ou condições para montar um negócio, falta de condições para prosseguir nos estudos, carestia dos gêneros alimentícios, descaso dos governantes em relação ao povo.

Entretanto, o sonho de dias melhores não se concretizou tão rapidamente. Nós (meu pai, minha mãe – grávida, e os quatro filhos: João, Jacob, eu e Paulinho) ficamos por três meses na casa de tia Maria em Taguatinga. Depois fomos morar na Vila do IAPI¹, assim como tantos outros que chegaram antes ou depois de nós. A vila era um lugar cheio de barracos, sem saneamento básico; os ratos eram companhias constantes dos moradores da vila; o banheiro ficava do lado de fora das residências e não tinha vaso sanitário, mas apenas um buraco no chão.

Meu pai, para sobreviver, ia vender frutas nas ruas de Taguatinga, e só depois de três meses ele conseguiu um emprego fixo no IBRA², como servente de cafezinho. As famílias da vila viviam sob constante tensão: quase todos os dias aparecia alguém para anunciar a derrubada dos barracos e a mudança das pessoas para lugares distantes e desconhecidos. Como meu pai estava empregado e havia um programa do governo para os trabalhadores do

¹ Instituto de Aposentadorias e Pensões da Indústria.

² Instituto Brasileiro de Reforma Agrária.

funcionalismo público, além de outros, para os demais trabalhadores, ele recebeu uma casa de zero quarto no Gama, financiada pela SHIS³.

O salário não era suficiente e, para ajudar nas despesas, minha mãe trabalhava como costureira, além de fazer todas as tarefas domésticas e cuidar da criação da família que cresceu até ficar com seis filhos: Rute Maria e Carlos Augusto nasceram no Distrito Federal. Meu pai e minha mãe foram vitoriosos na sua busca por dias melhores: conseguiram criar e educar a família, e todos os seus filhos possuem curso superior completo. Conseguiram também concluir o segundo grau; na cidade em que nasceram, só havia condições de completar até a quarta série primária. Mas não pensem que foi fácil, pois cada dia que passava era uma batalha a ser conquistada, uma etapa a ser vencida.

Pois bem: a saga de meus pais foi um exemplo para mim e eu pensei que, como eles, havia outros Candangos que talvez quisessem compartilhar suas histórias, mostrar suas fotografias, evocar suas lembranças...

.Assim nasceu o projeto; sua concretização, porém, só foi possível graças a personagens que resolveram narrar, lembrando, através da memória e das fotografias, seu passado, enquanto recriação. Na verdade, as narrativas só puderam vir à tona porque várias pessoas anônimas se dispuseram a colaborar com a pesquisadora, através do diálogo. Nesse encontro, cada narrador (através de sua experiência de vida) pôde colaborar um pouquinho com a história da construção de Brasília

Junto à história desses personagens, fiz uma revisão de literatura que contempla eixos temáticos sugeridos pelo próprio nome do projeto “A Fotografia como Memória na Vida dos Candangos”: fotografia, memória, História Oral, além, é claro, de trabalhos interpretativos sobre a construção de Brasília.

Para estudar essas questões, foi necessário fazer muita pesquisa, recriar procedimentos metodológicos, utilizar a criatividade. De fato, construir histórias de vida é um processo instigante, que requer muita ética, muita compreensão do outro, muitas indagações. Reconstruir a vida de outrem é uma tarefa que se torna muito interessante, principalmente quando baseada em rememoração através de fotografias. Rever uma fotografia se revela um ato quase mágico, porque embora nenhum único átomo do nosso ser tenha capacidade de voltar ao passado, nós podemos reconstruir um acontecimento baseado em nossas recordações. De alguma maneira, o Criador nos dotou de uma energia capaz de revisitar o passado.

³ Sociedade Habitacional de Interesse Social, que atualmente, corresponde ao Seduma (Sociedade de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente).

Desse modo, a noção de reconstrução do passado através da fotografia se configurou como uma alternativa viável na história da construção de Brasília. Nunes (2005, p. 39) nos lembra que numa relação temporal ambivalente, o que se recupera é a imagem do passado e não o passado:

As questões do passado, inscritas no presente, são e não são o passado. São imagens do passado que, ao serem reconstruídas no presente, através da memória, expressam uma ambivalência do tempo presente, na sua forma do atual ou da atualização (NUNES, 2005, p. 23).

A história que emergiu da experiência social das pessoas entrevistadas apareceu entrelaçada: os mesmos eventos se repetiram em diferentes localidades, as lembranças de diversos lugares que produziram vivências coletivas em locais como alojamentos de operários também. Benjamin (1987), ao falar do cronista que narra os acontecimentos, sem fazer distinção entre os grandes e os pequenos, ressalta que o mesmo leva em conta a verdade de que nada pode ser considerado perdido para a História. E acrescenta: “Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado”, explicando que só para a sociedade redimida, o passado é citável em cada um dos seus momentos.

Esse estudo nos permitiu refletir também sobre o conceito de identidade, como ela se manifesta no nosso dia a dia, pois num cenário que implica uma diversidade de pessoas, aparece constantemente a diferença de grupos, levando à discussão acerca das disputas que existem para assegurar a continuidade da história e memória desses mesmos grupos.

Assim, esta pesquisa nos permitiu revelar as tensões, os desejos, as vivências de pessoas que contribuíram de maneira significativa para a construção de nossa capital, que foi considerada no âmbito internacional como Patrimônio Cultural da Humanidade⁴. Qual será, entretanto, o maior patrimônio cultural de um lugar, a não ser o seu povo?

1.2. Tema da pesquisa, delimitação do tema e problema-objeto da pesquisa

O tema do presente trabalho é fotografia; não a fotografia como mera ilustração, mas como um elemento a ser estudado, analisado, pesquisado, capaz de indicar elementos de uma narrativa, tornar-se testemunha de uma história, compartilhar lembranças e causar emoções.

Mas, afinal, o que é fotografar? Ortensi (2005) afirma que “fotografar, segundo a

⁴ Em 1987, Brasília foi inscrita pela UNESCO na lista do patrimônio mundial, passando a partir daí, à condição de Patrimônio Cultural da Humanidade. Para tal, o GDF promulga o decreto 10.829, que regulamenta a lei 3.751, do Senado Federal, que trata da preservação da cidade. Em 1990, foi tombada pelo governo federal como patrimônio Histórico (NUNES, 2005, p. 23).

origem grega do termo, significa ‘escrever com a luz’ (do grego ‘phótos’ = luz; ‘graphos’ = escrita)”, e que a fotografia consiste na fixação em meio físico de uma imagem a partir dos raios luminosos que a compõem. Antes da evolução das modernas técnicas fotográficas, o homem já se preocupava em registrar imagens do seu mundo, seja por motivos práticos como transmitir uma informação; seja pelo sentido da beleza e da estética. O “sentido do belo deu origem às artes, incluindo a fotografia” (ORTENSI, 2005).

Olhar para uma imagem e poder descrever com detalhes o fato acontecido, a vestimenta dos personagens, o lugar fotografado, os sentimentos vivenciados na ocasião do clique da máquina sempre é um exercício muito fascinante, pois faz renascer em nós os mesmos sentimentos outrora vivenciados, tais como alegria, saudade, tristeza, dor, esperança. Tal exercício pode nos levar a lembrar não apenas o que está revelado na fotografia, mas outros acontecimentos que tenham algum tipo de verossimilhança com aqueles retratados naquele suporte de papel.

Neste projeto, tentou-se levar em conta o fato de que as fotografias, além de trazerem recordações à tona, servem como objetos de adorno ou, como já foi dito anteriormente, como objetos de arte. Algumas fotografias realmente merecem esse adjetivo não apenas pela imagem em si, mas também pelos efeitos visuais que possuem, ou por ambos.

Segundo Kossoy (1989, p. 14), a fotografia, uma das invenções surgidas à época da Revolução Industrial, teve um papel fundamental como portadora de informação e conhecimento, mostrando-se um instrumento de apoio à pesquisa nos mais variados campos da ciência como forma de expressão artística. Novidade interessante, seu consumo crescente e ininterrupto levou ao gradativo aperfeiçoamento das técnicas, mas foi nos Estados Unidos e nos grandes centros europeus que seu consumo aumentou, justificando inversões significativas de capital na indústria, nas pesquisas e na produção de equipamentos e materiais fotográficos. A grande aceitação da fotografia, principalmente a partir de 1860, favoreceu o surgimento de verdadeiros impérios industriais e comerciais.

Além disso, para Kossoy (1989, p. 15), o advento da fotografia possibilitou que as expressões culturais dos povos, tais como costumes, tipos de habitação ou religiões pudessem ser documentadas. Foram muitos os temas captados pelos fotógrafos a partir de então: a arquitetura das cidades, os conflitos armados, as expedições científicas e os retratos. O mundo conhecido apenas pela tradição escrita, verbal e pictórica agora mostrava uma nova face: um mundo em detalhe (uma vestimenta, uma arquitetura, uma cerimônia). Essa invenção viria possibilitar ao homem um novo tipo de conhecimento, uma aprendizagem do real de forma diferente, em função da nova informação visual e direta de povos distantes. Dessa forma, as

fotografias constituíram-se em documentos, embora seu conteúdo não revele apenas informações, mas funcione como um gatilho, um detonador de emoções.

Por falar em emoções, a máquina fotográfica, independentemente de marca, preço ou resolução, sem dúvida, é um objeto fascinante. Barthes (1989, p. 27) comenta sua emoção à frente da máquina fotográfica: “Diante da objetiva sou ao mesmo tempo: aquele que me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga e aquele de que ele se serve para exibir sua arte”. Tal é a emoção que sentimos, também nós, ao capturar um objeto em nossa máquina.

Como explicita o título desta dissertação, nosso tema está ligado ao Candango. Mas o que significa tal termo? Ora, segundo o dicionário de Ferreira (1978), “Candango é o operário das grandes obras de construção de Brasília, qualquer dos habitantes de Brasília” ou, ainda, “a designação dada pelos africanos aos portugueses”. Nesta pesquisa, Candango é entendido conforme as duas primeiras acepções de Ferreira.

Ao observarmos a fotografia de um evento vivenciado por nós, podemos lembrar dos detalhes daquele acontecimento, rememorar até mesmo coisas que não estão presentes na fotografia, recordar qual era a tonalidade exata da roupa que vestíamos, o perfume que usávamos, as pessoas com quem estivemos, as conversas que travamos. Podemos rir e chorar, tal é a força que a imagem exerce sobre as nossas emoções e os nossos sentimentos.

Com este trabalho *A Fotografia como Memória na Vida dos Candangos*, escrevemos a história de vida de alguns indivíduos, primeiros moradores de Brasília, apontando suas identidades e direitos, mostrando como a fotografia pode ser um instrumento valioso na reconstrução do passado.

Contatando moradores de diferentes localidades do Distrito Federal (Plano Piloto e cidades satélites) e região do Entorno, de diversas classes sociais, pudemos verificar na prática que “um dos elementos mais essenciais para a consolidação da identidade é justamente o jogo dialético entre semelhança e diferença” (BRANDÃO, 1986, p. 32). Ao realizar esse estudo com diferentes indivíduos pensamos na idéia de *communitas*, um jogo de “reclassificações periódicas da realidade e do relacionamento” (TURNER, 1974, p. 156). A esses antigos moradores foi solicitado que reunissem e nos mostrassem fotografias de seus acervos pessoais.

Turner (1974), ao estudar os ritos de passagem, propõe um desdobramento dos conceitos de estrutura, *communitas* e liminalidade. O rito de passagem promove a transição de um estágio individual ou coletivo para outro. Turner percebeu que, na transposição entre os estágios, os sujeitos rituais são frequentemente afastados da vida cotidiana e dispensam algum

tempo em uma interestrutura, chamada de situação liminal. Esse período é marcado por uma retirada do sujeito da estrutura social, ou seja, o indivíduo não estaria nem na estrutura anterior, nem na seguinte para a qual foi promovido. Ele enfatiza que a liminalidade é uma situação restrita às sociedades primitivas e é vivenciada coletivamente como resultado de uma crise social. Em sociedades complexas, ele insere o termo liminóide para se referir aos efeitos “quase-liminais” das performances culturais. Tal fenômeno seria engendrado continuamente por iniciativas particulares ou grupais, objetivando desafiar as estruturas sociais, fazendo críticas ou sugestões para a ordem oficial.

A liminalidade seria composta por três fases. A primeira seria a comunicação com o sagrado, em que símbolos secretos são comunicados para os sujeitos rituais em forma de exibição de objetos (reliquias, máscaras e instrumentos), de ações (danças, gestos), de narrativas (contos e narrações míticas). Esses símbolos representariam a unidade e a continuidade do coletivo. Seriam simples em sua forma, mas, por causa da multivocalidade, suscitariam interpretações culturais complexas. A segunda fase seria a desconstrução lúdica e a recombinação de configurações rituais. Nela, haveria um exagero ou distorção de características até então familiares ao sujeito; logo, as novas representações conduziram os adeptos dos rituais a refletirem sobre os valores básicos de suas sociedades. A terceira fase seria o instante de simplificação das relações da estrutura social em que reinaria a absoluta igualdade entre as pessoas envolvidas. O desenvolvimento dessa noção de igualdade culminou com o surgimento de *communitas*.

Com a realização de entrevistas pudemos perceber que estas podem acrescentar outros significados sociais ao processo de construção da memória, das identidades e de poderes que emergem na interação entre os indivíduos e sua cidade: relações, caminhos, tempos e espaços. Dessa forma, baseando-nos nessas entrevistas já concluídas, reproduzimos a história contada por esses Candangos com a maior fidelidade possível, tentando reconstruir, do ponto de vista de seus habitantes pioneiros, a memória da cidade, a qual, de outra forma, desapareceria.

1.3. Objetivo geral

Acrescentar informações ao construto histórico produzido sobre o Distrito Federal, mediante o auxílio de fotografias de acervo pessoal, demonstrando como a imagem pode ser um instrumento valioso na reconstrução da memória dos indivíduos, possibilitando, posteriormente, a criação de um documento que recupere uma parcela da memória social de um povo, no caso, os Candangos.

1.4. Objetivos específicos

- Trazer à tona a história de pessoas que vieram para a construção de Brasília no período de 1956 a 1960, mediante relatos evocados pela memória a partir de entrevistas e da observação de fotografias de seus acervos pessoais;
- Coletar fotografias para a criação de um banco de imagens pessoal sobre os Candangos;
- Demonstrar a importância da fotografia como um instrumento metodológico de criação e expressão do conhecimento histórico .

1.5. Justificativa

Como portadoras de um conteúdo documental, as fotografias, que retratam diferentes aspectos da vida passada de um país, de um povo, são importantes para os estudos das diferentes áreas do conhecimento. Essas imagens são muito úteis para a obtenção de informações em diversas áreas: Antropologia, Arquitetura, Etnologia, Arqueologia, História Social e demais ramos do saber. Nas palavras de Kossoy (1989, p. 35-36), elas “representam um meio de conhecimento da cena passada e, portanto, uma possibilidade de resgate da memória visual do homem e do seu entorno sócio-cultural”. Na visão de Brayner (2000, p. 73-78), a questão imagética ocupa cada vez mais espaço nos debates das Ciências Humanas e Sociais, não se restringindo apenas às imagens como fonte de pesquisa, mas como instrumento metodológico para a produção do saber. Até bem pouco tempo, as imagens em trabalhos de pesquisa em Ciências Humanas e Sociais tinham apenas a característica de ilustração ou complemento ao texto escrito. As imagens não eram consideradas como objeto de estudo, contribuindo potencialmente para a pesquisa. Atualmente, a iconografia leva o pesquisador a buscar uma metodologia voltada para o estabelecimento de um diálogo com a imagem, já que

É certo que as diferentes linguagens convivem articulando-se umas às outras, porém, suas especificidades impõem-se desde o momento em que escolhemos uma e não outra pra expressar aquilo que desejamos. Num primeiro momento faz-se necessário abordar a questão das relações entre o texto verbal e o visual numa pesquisa científica (BRAYNER, 2000, p. 77).

Brayner (2000, p. 78) afirma que esse tipo de abordagem nos faz pensar em questões relativas à objetividade ou à subjetividade da pesquisa, principalmente no caso das chamadas

imagens técnicas⁵, como a fotografia, por exemplo. Brayner acha necessário que se questione a noção de verdade que parece vir inerente a essas produções. Para esta autora, esse tipo de questionamento só é possível a partir de um estudo aprofundado das linguagens de cada uma dessas formas de expressão, que precisam ser percebidas num universo além das simples discussões da realidade. “Por que, por quem e para quem foi produzida essa imagem? São perguntas refeitas a cada momento de pesquisa” (BRAYNER, 2000, p. 78). A coleta de imagens, aqui, possibilita o estudo de uma parte da documentação visual sobre o Distrito Federal. Tal estudo nos permite levantar aspectos políticos, sociais e culturais que dizem respeito a diferentes momentos da história da cidade, além de diferenciar a forma como vários grupos sociais se relacionam com o passado e com o presente. Nishikawa (2005, p. 1800) escreve que “na tentativa de se construir um passado, constrói-se o presente. E nada melhor que a fotografia para reconstruir, de certa maneira, os acontecimentos passados”. Quando nos deparamos com uma imagem do passado e, através dela, podemos acessar nossa memória, na verdade estamos construindo o nosso momento atual, as lembranças que estamos tendo suscitam em nós sentimentos relacionados com o passado, mas não são o passado: são o presente.

1.6. Metodologia, técnicas e procedimentos de pesquisa

Abaixo enumeramos e explicamos a metodologia, as técnicas e os procedimentos que possibilitaram a realização da pesquisa de campo e a escrita da dissertação.

- **Pesquisa bibliográfica** – levantamento da bibliografia pertinente ao tema: fotografia (história e considerações), memória (reconstrução do passado), História Oral (reflexões sobre a ética na História Oral, relações entre História Oral e memória, identidade coletiva) e a construção de Brasília (Brasília: imagens e representações; impactos da história de Brasília na (re)criação de identidades e direitos dos moradores de Vila Planalto; vizinhança e desenho urbano: Paranoá-DF; memória e história: Metropolitana e Núcleo Bandeirante; nas asas da suprema insensatez);
- **Pesquisa de campo** – foi criado um formulário como instrumento de pesquisa a ser aplicado aos entrevistados, que descreve dados e informações sobre as suas vidas, sendo analisado e interpretado posteriormente para se chegar a conclusões e resultados na pesquisa. Observe-se neste formulário a questão nº. 15. De que fatos políticos

⁵ Fotografia, cinema, vídeo (BRAYNER, 2000, p. 78).

marcantes o (a) senhor (a) se lembra? A razão de esta pergunta aparecer se deve ao fato de que no recorte temporal 1956-1960, o Brasil enfrentou muitas crises políticas⁶ (ver item 8.3);

- **Uso de fotografias variadas no corpo do trabalho** – foram inseridas imagens de diferentes fontes (*sites*, revistas, etc.) na pesquisa (auto-retrato, fotografias de Brasília, entre outras);
- **Coleta de fotografias de acervo pessoal** – foi pedido aos entrevistados que nos mostrassem suas fotografias de acervo pessoal para que, com base nos relatos suscitados por elas, pudéssemos escrever a história de vida daquelas pessoas. Ao olhá-las, elas podiam se recordar dos momentos passados, relembrando o modo como estavam vestidas, as emoções que sentiram, as situações que viveram, etc.;
- **Tomada de fotografias** – a cada entrevista iniciada, pediu-se ao entrevistado que permitisse que sua fotografia fosse tirada, agregando-a ao trabalho de pesquisa, de forma que as pessoas que tomarem conhecimento do trabalho façam uma associação entre o entrevistado e a sua imagem;
- **Histórias de vida** – o formulário respondido pelo entrevistado, juntamente com as fotografias de acervo pessoal, objetivou possibilitar a escrita da sua *história de vida*. As fotografias serviram como meio de inspiração para que seu dono pudesse relatar sua história, relembrando cenas que, de outro modo, ficariam esquecidas, tais como: De quem foi aquele batizado? Quando foi mesmo que fulano se casou? Quem é aquela pessoa que está escondida atrás desta cena? E assim por diante;

⁶ Em 1955, Juscelino Kubitschek, conhecido como JK, foi eleito presidente do Brasil. Antigo prefeito de Belo Horizonte e governador de Minas Gerais, JK havia prometido em sua campanha uma gestão desenvolvimentista, sob o *slogan* "cinquenta anos em cinco". Apesar da vitória de JK, ninguém sabia ao certo se ele assumiria o poder. Em novembro de 1954, Café Filho adoeceu e foi obrigado a renunciar, ficando em seu lugar o presidente da Câmara, deputado Carlos Luz. Militares da Marinha e do Exército, descontentes com o resultado das eleições, não mediram esforços para armar um golpe e impedir a posse de JK. Acabaram frustrados. Percebendo a situação, o general Teixeira Lott destituiu o presidente em exercício, favorável ao golpe, e entregou o poder ao Presidente do Senado, Nereu Ramos. Isso garantiu, em janeiro de 1956, a posse do presidente eleito.[...] O programa econômico proposto por JK esbarrou na dificuldade de obter financiamento para a execução do plano de Metas. No início, JK esperava conseguir recursos por meio das exportações, o que não aconteceu. A saída, então, foi recorrer à emissão de moeda. A medida, porém, resultou em aumento da inflação no primeiro semestre de 1958. A alta inflacionária causou a inquietação dos credores externos do FMI (Fundo Monetário Internacional), que logo cobraram do governo medidas para reverter esse quadro. Nos primeiros meses de 1959, JK reduziu o crédito e os subsídios do petróleo e do trigo, o que desagradou aos empresários e à classe média. A insatisfação generalizada acabou fortalecendo os opositores, que acusavam o governo JK de subserviência ao capitalismo norte-americano e ao FMI. O presidente reagiu às críticas com uma atitude extrema: rompeu com o FMI e modificou toda a equipe econômica. É inegável que a política de JK deu grande impulso ao desenvolvimento econômico do país. Mas, ao mesmo tempo, seu governo foi responsável pelo agravamento de antigos problemas, como as desigualdades sociais, as diferenças regionais e a defasagem entre setores arcaicos e modernos da economia. Nesse período, a dívida externa cresceu e o controle de setores fundamentais da economia pelo capital estrangeiro também aumentou (FIGUEIRA, 2002, p. 380).

- **Quadros-resumo** – foi utilizado um quadro-resumo de Shatford (1986), onde pudemos verificar, na prática, os conhecimentos sobre análise de imagens, como o DE genérico, o DE específico, o SOBRE, além dos elementos QUEM, ONDE, COMO, QUANDO e O QUE (ver itens 8.1 e 8.2);
- **Entrevistas** – num primeiro momento, foram feitos contatos com moradores de diferentes localidades do Distrito Federal (Plano Piloto e cidades satélites) e região do Entorno, de diversas classes sociais, e, num segundo momento foram realizadas entrevistas com esses indivíduos, nas quais eles responderam perguntas a respeito de suas histórias, percepções e interpretações de fatos, mediante o auxílio de fotografias;
- **Autorização** – foi pedido aos entrevistados que lessem e assinassem uma autorização para a posterior edição e publicação das entrevistas;
- **Edição do "memorial do projeto de pesquisa"** – foi levantada a história do projeto de pesquisa desde o momento anterior à sua realização até o momento de sua materialização;
- **Edição do texto "Memórias de um Candango"** – foi pedido ao Senhor Ozair Marques de Sales que escrevesse a sua história de vida, especialmente para este projeto de pesquisa. Ao texto editado foram acrescentadas três fotografias, uma tirada no dia em que Seu Ozair escreveu o texto e duas de seu acervo pessoal;
- **Inserção de uma cópia da carta de JK** – foi utilizada uma cópia da carta de JK aos trabalhadores do governo, muito bem guardada por Dona Maria Ascendina da Silva;
- **Edição da carta de JK** – pelo fato de a carta de JK ser manuscrita, foi feita uma transcrição da mesma (ver item 8.6);
- **Visita à Casa da Memória Viva** – foi realizada uma visita a este museu na Ceilândia, com o objetivo de conhecer o espaço que possui exposição, biblioteca e história dos Candangos que foram removidos dos lugares (onde se fixaram na chegada em Brasília) para a Ceilândia;
- **Tomada de fotografias na “Casa da Memória Viva”** – foram tiradas fotografias do espaço;
- **Entrevista com o professor Manoel Jevan** – foi realizada uma entrevista com o professor Manoel Jevan para saber como funciona o museu;
- **Transcrição e edição da entrevista com o professor Manoel Jevan** – o relato do professor Manoel Jevan foi transcrito e editado;
- **Comparação de imagens de Brasília** – foram comparadas quatro fotografias, duas dos anos 1960 e duas dos anos 2004;

- o **Transcrição e edição das entrevistas** – o título da pesquisa *A Fotografia como Memória na Vida dos Candangos* indica a utilização de fotografias como meio de criação e expressão do conhecimento histórico. Essa decisão coloca uma questão fundamental: a relação entre imagem visual e história de vida, numa investigação que utiliza dois recursos básicos – a fotografia e a entrevista –, para reconstruir histórias e memórias de pessoas comuns em Brasília. Definido o tema, a pesquisa foi iniciada com o levantamento de pessoas que poderiam ser entrevistadas: aquelas que vieram para Brasília no período 1956-1960. Em seguida foi criado um formulário de entrevista, já citado anteriormente, com 17 perguntas que deveriam ser respondidas pelos entrevistados. Foi feito também um levantamento de estudos interpretativos sobre Brasília. Esta última atividade foi importante porque revelou muitas maneiras de se escrever a história de Brasília por parte de diferentes autores que buscam o ponto de vista dos pioneiros. Para os primeiros contatos, de caráter informal, utilizei apenas o caderno de anotações do campo, onde registrava os nomes e endereços das pessoas contatadas; se elas possuíam fotografias, especialmente da época da construção da capital; o conteúdo das conversas; o dia e a hora do próximo encontro para a realização da entrevista. As informações obtidas nesses momentos eram posteriormente avaliadas segundo sua importância para o tema em estudo, o que me permitia fazer a seleção de quem poderia ser entrevistado. Caso percebesse nessas primeiras abordagens que algumas pessoas não possuíam experiência significativa, não possuíam fotografias ou apresentavam dificuldades para fazer um relato oral, não as incluía na entrevista. Na data marcada para a entrevista, num segundo contato com as pessoas, utilizei o caderno de campo, o formulário de entrevista e a câmera fotográfica. A cada entrevistado pedi que posasse para algumas fotografias que viriam a integrar a entrevista. Tiradas as fotografias, iniciava-se a entrevista com o auxílio do formulário e das imagens separadas previamente pelo entrevistado. Quando o entrevistado relatava algo além do que estava no formulário, isto era acrescentado à entrevista. Algumas colocações dos entrevistados suscitavam dúvidas que, para serem esclarecidas, precisavam de outros questionamentos além dos já previstos. A cada caso específico foram se agregando novas informações que constariam no trabalho já editado. Cabe aqui ressaltar que as fotografias previamente escolhidas foram verificadas uma a uma, sendo que o entrevistado ia descrevendo a que ocasião cada uma pertencia. Durante a realização das atividades acima descritas, vínculos afetivos foram criados entre entrevistadora e entrevistado. Fui convidada para participar de

alguns eventos que ocorreram nas comunidades dos entrevistados, assim como para almoçar e/ou lanchar nas casas dos mesmos. Como resultado dessa relação entre entrevistadora e entrevistado surgiu uma interpretação da realidade investigada, fruto das relações de troca entre os dois. Essa interpretação deu origem a uma outra, no momento em que fiz a transcrição dos relatos orais, analisando as informações resultantes das observações advindas da documentação escrita e visual. Esses relatos orais foram transcritos primeiramente para o meu caderno de anotações de campo e, posteriormente, para o computador. As fotos, assinaladas no verso por um número, foram digitalizadas, editadas e acrescidas de uma legenda. No capítulo “Relato dos entrevistados”, cada entrevista foi editada juntamente com a fotografia tirada por minha câmera fotográfica e acompanhada de imagens dos acervos pessoais dos indivíduos escolhidos.

1.7. Expectativas em relação aos resultados da pesquisa

A pesquisa objetivou escrever as memórias de alguns indivíduos da comunidade brasiliense⁷ – os Candangos – não se restringindo à reconstrução de um passado que já não existe mais, dentro de uma abordagem nostálgica, como se só os acontecimentos passados fossem bons e valorosos. Na verdade, visou à reconstrução de memórias de pessoas mais velhas que serão passadas às gerações mais novas pelas palavras, gestos, sentimentos de comunidade e de destino. O trabalho evidenciou o valor das pessoas que vêm da maioria desconhecida do povo e, assim sendo, poderá inspirar outros pesquisadores a fazerem trabalhos semelhantes, cujo enfoque se dá a partir da história que vem das comunidades. Isso propicia o contato e a compreensão entre classes sociais e gerações, além de um sentimento de pertencimento a determinado lugar e a determinada época.

Esse estudo acrescentou novas informações à história do Distrito Federal, pois possibilitou aos indivíduos uma percepção viva do passado, que não seria apenas conhecido, mas sentido pessoalmente. Essa rememoração se mostrou muito importante para a constituição da cidadania. Com base nas lembranças das pessoas de um lugar podemos escrever lindos textos literários ou de história, uma vez que as reminiscências também são consideradas fontes de pesquisa para a produção de textos históricos.

⁷ Os indivíduos foram escolhidos entre cidadãos brasilienses que vieram morar em Brasília no período compreendido entre 1956 e 1960.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. A fotografia: história e considerações

O modo como uma fotografia reúne informação é representando coisas, eventos e pessoas da maneira como eles foram e não através de símbolos convencionados, como acontece com o texto ou com a pintura (Miriam Paula Manini, *Análise documentária de fotografias: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários*, 2002, p. 70).

A fotografia não é uma invenção recente, pois remonta aos primórdios da humanidade. Manguel (2001, p. 89) relembra Plínio, o Velho, segundo o qual a arte de reproduzir figuras de pessoas começou com os desenhos do contorno da sombra humana. Para Plínio, que escreveu em meados do século I, o trigésimo quinto volume da sua *História Natural*, tudo começou quando uma jovem apaixonada por um estrangeiro traçou o contorno da sombra do rosto do seu amado em uma parede. Pediu, então, ao seu pai que preenchesse as linhas com argila, criando uma imagem do rapaz.

A humanidade caminhou, fez progressos, utilizou a arte dos pintores e escultores para perpetuar a figura humana em suas diferentes fases: infância, mocidade, velhice, ao longo dos anos. Muito tempo depois de Plínio, em Paris, os irmãos Claude e Joseph Nicéphore Niepce desenvolveram uma prensa litográfica de ar quente, movida a motor, que lhes permitiu produzir imagens fidedignas da realidade, as quais tinham as tonalidades invertidas, ou seja, o preto em lugar do branco (MANGUEL, 2001, p. 90).

A invenção não parou por aí. Passados alguns anos, Louis Jacques Mandé Daguerre aperfeiçoou a invenção dos Niepce e a sua façanha foi muito bem sucedida: a nova técnica – o daguerreótipo – tornou-se universalmente popular e sua patente foi comprada pelo governo francês em 1839 (MANGUEL, 2001, p. 90).

Assim, a fotografia, num breve espaço de tempo, conquistou a sociedade, fornecendo as mais variadas imagens: o rosto dos parentes na nossa infância, o nosso casamento, o nascimento do primeiro filho, a primeira comunhão, a passagem pela escola, a formatura, o primeiro emprego, a morte, as guerras, as viagens, etc.

No âmbito da pesquisa que me proponho a realizar, é importante considerar a potencialidade informacional do registro fotográfico no domínio dos arquivos pessoais⁸, uma

⁸ Considera-se arquivo privado pessoal o conjunto documental produzido e/ou acumulado por um indivíduo ao longo de sua vida tanto na esfera de atuação privada quanto pública. Esse conjunto pode se constituir das mais variadas espécies documentais, tais como cartas, impressos, recortes de jornais, vídeos, fotografias, etc. (LACERDA, 1993, p. 53).

vez que as fotografias⁹ serão cruciais para a realização das entrevistas, sendo o ponto-chave da pesquisa. Lacerda (1993, p. 41) afirma que existem diferentes variáveis relacionadas à informação contida numa imagem fotográfica, que, sendo consideradas pelo profissional que organiza tais arquivos ou pelos usuários, podem proporcionar um entendimento mais profundo da fotografia como fonte de informação ou fonte de estudo para a história.

Mas o que é uma informação numa imagem fotográfica? Existe uma gama de possibilidades informativas numa fotografia, e Lacerda (1993, p. 41-42) alerta para o fato de que “algumas são comumente aceitas pelos profissionais e instituições de arquivo, bibliotecas e museus como as mais importantes a serem destacadas”. Tais categorias de informação são consideradas modelo para a descrição de imagens: código do documento, autor, título ou legenda¹⁰, local, data, descrição física do documento¹¹ e notas.

Como transmissora de uma mensagem, a fotografia pode e deve ser considerada como um texto. Para Mauad (2004, p. 22-25) “os textos visuais, inclusive a fotografia, são resultados de um jogo de expressão e conteúdo que envolve, necessariamente, três componentes: o autor, o texto, propriamente dito, e um leitor”.

O autor seria aquele que produz as fotografias, não fazendo diferença se é um profissional autônomo, um fotógrafo de imprensa, um fotógrafo oficial ou apenas um amador. O texto seria a imagem em si, sendo o controle das técnicas fotográficas variável, de acordo com os objetivos estabelecidos para a obtenção da imagem pretendida: o que pretendo transmitir com essa imagem?

O leitor seria aquele que vê e interpreta a imagem, cabendo-lhe saber que “uma fotografia é uma *fotografia*, ou seja, o suporte material de uma imagem” (MAUAD, 2004, p. 24). O significado de uma imagem pode variar de acordo com a compreensão do espectador e se dá a partir de regras culturais, as quais garantem que a leitura da imagem não seja limitada a um indivíduo, mas pertença à coletividade.

Mauad (2004, p. 24) afirma que:

A compreensão da imagem fotográfica pelo leitor/destinatário é dada em dois níveis, a saber:

- Nível interno à superfície do texto visual, originado a partir das estruturas espaciais que constituem tal texto, de caráter não-verbal;
- Nível externo à superfície do texto visual, originado a partir de aproximações e inferências com outros textos da mesma época, inclusive de natureza verbal. Neste nível, podem-se descobrir temas conhecidos e inferir informações implícitas.

⁹ As fotografias dos acervos pessoais dos indivíduos entrevistados.

¹⁰ A legenda compreende a descrição do evento e das pessoas retratadas (LACERDA, 1993, p. 41).

¹¹ A descrição física do documento diz respeito ao tipo, cromia, dimensões, por exemplo (LACERDA, 1993, p. 42).

Em relação à leitura da fotografia, Mauad (2004, p. 24) esclarece, ainda, que “existem regras de leitura de textos visuais que são compartilhados pela comunidade de leitores”. Essas regras não aparecem espontaneamente, na verdade, são resultados produzidos pela cultura.

Como vimos no início deste capítulo, a fotografia é um produto inventado, utilizado e compartilhado pela humanidade; é, portanto, um produto social. A esse respeito, vejamos alguns questionamentos do sociólogo francês Pierre Bourdieu¹².

Bourdieu (1979, p.15) faz a seguinte pergunta: “a prática da fotografia e a significação da imagem fotográfica podem e devem proporcionar material para a Sociologia?” Ele mesmo a responde, afirmando que esta ciência supõe, por sua própria existência, a superação da oposição fictícia que subjetivistas e objetivistas fazem surgir arbitrariamente. Se a Sociologia como ciência objetiva é possível, é porque existem relações exteriores, necessárias, independentes das vontades individuais e inconscientes (no sentido de que não se entregam à simples reflexão) que só podem ser captadas por meio da observação e da experimentação objetivas. Para este autor, uma Antropologia total deve culminar na análise do processo, segundo o qual a objetividade se arraiga na experiência subjetiva, englobando-a, no momento da objetividade e fundamentando-se em uma teoria de exteriorização da interioridade e na interiorização da exterioridade.

Bourdieu (1979, p. 15-24) escolheu estudar as diferenças de classe a partir da observação da prática da fotografia e da frequência a museus, por considerar estas atividades propícias para tal investigação. Para ele, o que um grupo social considera digno de ser fotografado revela o que este grupo considera digno de ser solenizado. Os objetos, lugares e personagens selecionados, as ocasiões para fotografar mostram o modo pelo qual cada setor se distingue dos outros. Ele constatou que a frequência aos museus aumenta à medida que se sobe de nível econômico e escolar; que as possibilidades de acesso e de êxito na escola crescem segundo a posição de classe que se ocupa e as condições recebidas da formação familiar. E considera estranho o fato de a fotografia alcançar tanta aceitação, uma vez que não há promoção pela escola, não há a obtenção de lucros rápidos e não está acompanhada pelo prestígio cultural que a frequência a museus ou a criação artística supõem. Existe um sistema bem codificado de normas que estabelecem quais objetos são considerados fotografáveis, as ocasiões e os lugares em que devem ser retratadas, as composições das imagens.

¹² Pierre Bourdieu (Denguin, 1 de agosto de 1930 – Paris, 23 de janeiro de 2002) foi um importante sociólogo francês. De origem campestre, filósofo de formação, chegou a docente na École de Sociologie du Collège de France, instituição que o consagrou como um dos maiores intelectuais de seu tempo. (WIKIPÉDIA. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_Bourdieu>. Acesso em 16 de fevereiro de 2008).

Bourdieu (1979, p. 24) afirma que a prática fotográfica é típica dos setores médios¹³, e que só é possível porque requer certo poder econômico, sendo necessária para comprovar a visita a centros turísticos e a lugares de lazer.

Na minha concepção, a fotografia é um prazer pertencente a diversas classes sociais, passando pela elite, classe média e chegando às camadas mais pobres, embora não seja plenamente popular, pois necessita de investimentos que não estão ao alcance de todos. Fotografar implica em ter máquina fotográfica ou poder aquisitivo para contratar os serviços de um profissional, além dos gastos com filmes, revelações, ampliações, etc. Atualmente, estamos vivendo um momento privilegiado com o advento das moderníssimas máquinas digitais, que, embora ainda um pouco caras, têm a vantagem de dispensar gastos com filmes e revelações. No entanto, a fotografia pode fazer com que a classe média tenha vantagens em relação às classes menos favorecidas, pois se fizermos uma pesquisa podemos averiguar que os passeios de classe média, em geral, são registrados e, ao nos contar que foram a este ou àquele lugar, fatal e geralmente os indivíduos desta classe sacam de seus pertences um álbum fotográfico ou um CD como indício de que aquilo que afirmam realmente aconteceu. Poderemos, então, enlevar-nos vendo as fotografias, ou ainda sentar à frente da televisão ou do computador e nos deleitar com as imagens produzidas, fazer perguntas, comentar um ou outro episódio.

O mesmo não acontece com as classes mais pobres, que normalmente não têm recursos para registrar seus eventos, a não ser quando estes são de grande valor social, como as festas de casamento, os batizados, as formaturas, etc.

Uma característica da fotografia é nos transportar para o passado, fazendo lembrar de acontecimentos que, talvez, se não estivessem gravados, nem seriam lembrados. Apropriarmos-nos de imagens do passado e, rememorando-as, ficamos emocionados. A esse respeito, Carvalho e Lima (1998, p. 111-122), ao analisarem a obra fotográfica de Militão Augusto de Azevedo¹⁴, dizem que a apropriação de imagens do passado não é um fato excepcional e que esta prática vem preencher funções essenciais para o funcionamento do corpo social. A

¹³ Para Bourdieu, a diferença entre os níveis culturais se estabelece pela composição dos seus públicos (burguesia/classe média/classes populares), pela natureza das obras produzidas (obras de arte/bens e mensagens de consumo de massas) e pelas ideologias político-estéticas que os expressam (aristocratismo esteticista/ascetismo e pretensão/pragmatismo funcional). Os três sistemas coexistem dentro da mesma sociedade capitalista, porque esta organiza a distribuição (desigual) de todos os seus bens materiais e simbólicos (CANCLINI, 2005, p. 78).

¹⁴ Nascido a 21 de junho de 1832, no Rio de Janeiro, Militão transferiu-se em 1862 para São Paulo, onde atuou por mais de vinte anos como retratista. Em 1875, adquire do sócio Carneiro a filial de São Paulo, transformando-a na Photographia Americana. De sua principal especialidade, o retrato, Militão legou-nos um conjunto de 12.000 fotografias organizadas em seis álbuns. Faleceu em São Paulo, em 1905 (GRANGEIRO, 1993; LAURITO, 1982; KOSSOY, 1980).

primeira função e, talvez, a mais importante, seria tornar familiar o momento presente.

As autoras advertem para o fato de que a força documental de um conjunto de imagens está associada a fatores como, por exemplo, a crença na fotografia como reprodução fiel da realidade sensível. A natureza mecânico-química e aparentemente autônoma da máquina fotográfica e, hoje, o caráter indicial da fotografia, reconhecido e valorizado no campo da semiótica, contribuem para transformar imagens fotográficas não apenas em documentos, mas em portadoras de vestígios de um período, dos quais o pesquisador extrai uma realidade não mais existente no espaço social, mas retido no espaço fotográfico¹⁵.

Carvalho e Lima (1998, p. 117) prosseguem dizendo que “A reconstituição do passado numa cadeia de eventos/imagens é parte do fenômeno de reificação e serve para criar sentido de continuidade” e concluem afirmando que a função ordenadora da memória que a obra fotográfica de Militão se propôs a cumprir é capaz de estabelecer a continuidade entre passado e presente, atenuando o processo de desenraizamento vivenciado principalmente pelos mais velhos, criando elos apaziguadores entre as gerações.

Ao nos referirmos à palavra fotografia, além do conceito já abordado neste trabalho, podemos pensar em outros. Paiva (1998, p. 218-220), ao falar de seu auto-retrato de 1970, “Foto na Hora, Lembrança de Brasília”, oferece uma série de definições para o termo: marca de vida, recordação, lastro antropológico, patrimônio em sua acepção de passado que se preserva, museu que revive a vida: “Não há nada mais forte do que um rosto, não há fotografia mais contundente do que o retrato. Fotografia que muito provavelmente sobreviverá a nós.”

Trentim (1998, p. 177-178) considera que a idéia da fotografia como descrição e manifestação da mesma coisa seja a base para um tipo de interpretação da realidade. Além de serem registros visuais de assuntos ou temas, as fotografias são também efeitos visuais daquilo que representam. O autor diz que são dois os critérios que orientam o registro da fotografia documental:

1. A busca da objetividade, sempre vinculada ao nível da informação desejada;
2. A proposição de enunciados claros sobre temas situados no tempo e no espaço.

Tais critérios, além de constituírem base para a abordagem dos temas, também orientam as técnicas da tomada fotográfica no que diz respeito a enquadramento, composição, luz, cor e utilização do equipamento.

¹⁵ Para esta e outras questões relativas à semiótica fotográfica, ver DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. 3ª ed. Campinas: Papyrus, 1999.

O que vemos quando nos deparamos com uma fotografia? Um recorte, um quadro, um pedaço da realidade? Pozenato (1998, p. 179) refere-se ao fato de que a invenção da fotografia provocou muitas mudanças e a que lhe parece mais evidente e que alterou o nosso próprio modo de ver foi esta: “A fotografia nos ensinou a ver o mundo recortado em quadros, quadros circunscritos pela câmera, e não como um contínuo limitado apenas pelo horizonte. O olhar disperso torna-se um olhar concentrado no recorte”.

A fotografia, entretanto, apesar de ter sido uma invenção fantástica, capaz de colaborar até mesmo com investigações policiais, desvendando mistérios, passa por críticas em relação à veracidade dos fatos que apresenta. Nishikawa (2005, p. 1799) alerta para o fato de que alguns estudiosos como Ivan Gaskell, Ciro Flamarion Cardoso, Boris Kossoy e outros começaram a questionar a visão de fotografia como imagem congelada no tempo.

As fotografias possuem elementos que questionam sua expressão máxima da realidade apresentada. Em primeiro lugar, por se tratar de um recorte da realidade, sua dimensão visual reduz a escala de observação. Não vemos todo o cenário no qual a fotografia foi tirada. No momento do clique, existe uma escolha, a eleição de um elemento (o foco), desprezando-se todos os outros elementos. Em segundo lugar, existe a visão do fotógrafo, que é aquele que escolhe determinado objeto em detrimento de outros. O que o leva a privilegiar um objeto e não outro faz parte de uma bagagem: sua cultura, sua formação, seus gostos, o trabalho sob encomenda, a sociedade em que vive.

Se atentarmos para os trabalhos científicos produzidos em nossas universidades, verificaremos que poucos são aqueles que utilizam a fotografia como tema de projetos. Normalmente, a fotografia é apenas um detalhe, um elemento de ilustração. Recuero (2005, p. 1869-1879) faz uma relação entre o conhecimento visual, a fotografia e o seu emprego em trabalhos científicos.

O autor afirma que, se antes a fotografia ilustrava galerias, informava em jornais e anunciava o consumível, agora busca no seio da ciência o lugar que lhe foi reservado: “Não ser arte, mas conter a arte. Não ser realidade, mas conter a realidade. Não ser ciência, mas mostrar a ciência” (RECUERO, 2005, p. 1869).

Recuero observa o fato de que a imagem fotográfica, depois de mais de um século e meio de invenção, só conquistou simples espaços de pouca importância em produções científicas. Continuando seu raciocínio, alerta para o fato de que qualquer pesquisador elabora o trabalho científico baseado na observação e que, na utilização da fotografia, o fenômeno pode ser recortado no momento da observação. O fragmento fotográfico é o próprio fenômeno, ou mesmo uma cópia fiel. A mecânica do corte fotográfico provocaria uma ruptura

na realidade, recortando-a e a copiando, copiando não apenas a imagem, mas também o fenômeno fotografado.

A fotografia permite, pois, quando observada, ver o fenômeno registrado: “Ele fica gravado, deixa de ser mais uma descrição feita por palavras e escritos. É uma imagem completa com a sua visualização” (RECUERO, 2005, p. 1870). Mas a utilização da fotografia em trabalhos científicos não é uma tarefa simples. Ela necessita do estabelecimento de normas e maneiras de obtenção, que, segundo Recuero, procurem dotar as imagens de um valor científico, que esbocem uma norma de leitura e que tentem formar um uso adequado não só como ilustrações de pesquisa, mas como parte da pesquisa com o mesmo valor da textualidade sígnica da escrita.

2.1.1. Auto-retrato

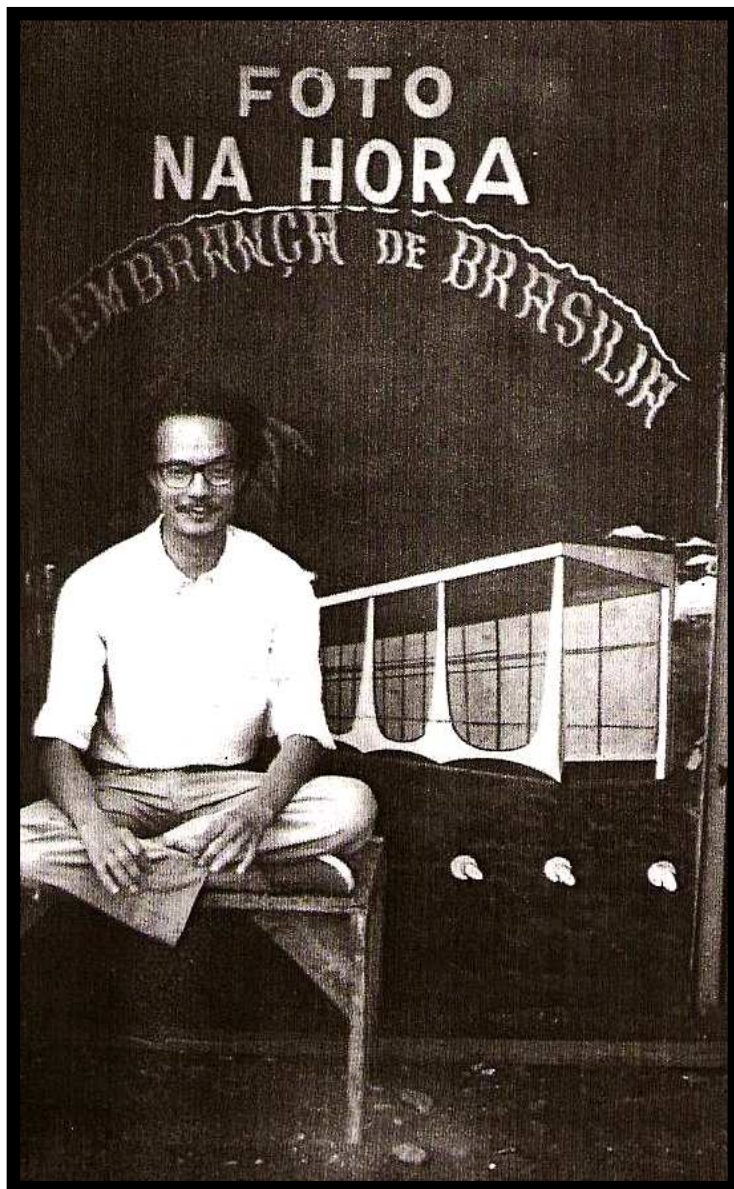


Ilustração 1: Foto na Hora, Lembrança de Brasília. (PAIVA, 1998, p. 216)

2.2. A memória: a reconstrução do passado

Minhas asas estão prontas para o voo. Se pudesse, eu retrocederia. Pois eu seria menos feliz se permanecesse imerso no tempo vivo (*Gerhard Scholem, Saudação do anjo*¹⁶).

O tempo sempre foi um tema interessante e intrigante para a humanidade. Ficamos encantados quando alguém que acabamos de conhecer faz algum comentário sobre o que teríamos sido ou feito no passado e ansiosos para saber o futuro. Por toda parte, ciganas, adivinhos, cartomantes e magos fazem sucesso e têm clientela garantida. A esse respeito Benjamin (1987, p. 229) comenta:

Certamente, os adivinhos que interrogavam o tempo para saber o que ele ocultava em seu seio não o experimentavam nem como vazio nem como homogêneo. Quem tem em mente esse fato, poderá talvez ter uma idéia de como o tempo passado é vivido na rememoração: nem como vazio, nem como homogêneo. Sabe-se que era proibido aos judeus investigar o futuro. Ao contrário, a Torá e a prece se ensinam na rememoração. Para os discípulos, a rememoração desencantava o futuro, ao qual sucumbiam os que interrogavam os adivinhos. Mas nem por isso o futuro se converteu para os judeus num tempo homogêneo e vazio. Pois nele cada segundo era a porta estreita pela qual podia penetrar o Messias.

Rememorar é algo que praticamos durante toda a vida e até nos causa certo prazer. Quem não sente saudades do cheiro da comida da mamãe quando era criança ou não se lembra das travessuras que praticou na infância e adolescência? Melhor ainda quando essas lembranças foram registradas através de fotografias. Cada vez que as olhamos, parece que temos sensações diferentes, mais lembranças vão aflorando, mais detalhes são percebidos. Como foi que eu pude cortar o meu cabelo desse jeito? Que roupa é essa? Onde andará esse amigo que há tanto tempo não vejo?

Nishikawa (2005, p. 1808) comenta que toda vez que observamos certa fotografia, sobre determinada paisagem, automaticamente a imagem expressa, já existente na memória do observador, será atualizada, de forma que os elementos pictográficos não envelheçam como memória, mas se atualizem como referência.

¹⁶ Retirado do ensaio obtido em BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

Um pesquisador que se dedicou ao estudo da memória foi Maurice Halbwachs¹⁷ (1990). Seus estudos relacionam a memória individual ao meio social. Esse autor sofreu forte influência de Émile Durkheim, para quem mesmo a lembrança particular, individual remete a um grupo, a um contexto com o qual o indivíduo interage (DUVIGNAUD, 1990, p. 14).

O conceito de Émile Durkheim é a base para os estudos sobre a memória individual e os grupos sociais aos quais o indivíduo pertence. Para Halbwachs, nossa memória individual está impregnada das memórias daqueles que nos rodeiam, de maneira que o nosso lembrar (reconstruir o passado) e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências alheias.

Quanto ao estudo da memória social, esta é vista por Le Goff (1994, p. 426-427) como um dos principais meios de abordar os problemas do tempo e da história, no que diz respeito ao retraimento da memória ou à sua transbordação. Esse autor divide seu estudo sobre a memória nos seguintes itens:

1. a memória étnica nas sociedades sem escrita;
2. o desenvolvimento da memória da oralidade à escrita, da Pré-história à Antiguidade;
3. a memória medieval, em equilíbrio entre o oral e o escrito;
4. os progressos da memória escrita, do século XVI aos nossos dias;
5. os desenvolvimentos atuais da memória.

Examinemos, então, o primeiro item, a memória étnica. Le Goff (1994, p. 427-430) afirma que este termo deve ser reservado à designação de memória coletiva para os povos sem escrita. O primeiro domínio onde esta é cristalizada seria aquele que dá um fundamento à existência das etnias ou das famílias, ou seja, aos mitos de origem. Nas sociedades sem escrita, existem os especialistas da memória, que, contrariamente ao que se deva pensar, não é a memória palavra por palavra. Nessas sociedades, a memória coletiva parece funcionar de acordo como uma reconstrução generativa e não mecânica.

Em relação ao segundo item, Le Goff (1994, p. 431-442) alude ao fato de que a memória coletiva, nas sociedades sem escrita, estaria ordenada em volta de três grandes interesses: a idade coletiva do grupo (fundada em certos mitos)¹⁸, o prestígio das famílias

¹⁷ Para esta e outras questões relativas à memória, ver HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

¹⁸ Mais precisamente nos mitos de origem (LE GOFF, 1994, p. 431).

dominantes¹⁹ e o saber técnico que é transmitido por fórmulas práticas²⁰.

A escrita permite que a memória coletiva seja beneficiada por um duplo progresso: o desenvolvimento de duas formas de memória – a primeira, na forma de comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável, que assume a forma de inscrição²¹, suscitando na época moderna uma ciência auxiliar da História, a epigrafia; e a segunda na forma de um documento escrito num suporte destinado especialmente à escrita (desde osso, estofa, pele, folhas de palmeira, carapaça de tartaruga, papiro e pergaminho até o papel como é conhecido hoje). Neste último, a escrita tem duas funções principais: a primeira corresponde ao armazenamento de informações, facilitando a comunicação através do tempo e do espaço e fornecendo ao homem um processo de marcação, memorização e registro; a segunda, quando se passa da esfera auditiva para a visual, corresponde à facilitação do reexame, da reordenação, da retificação de frases e até de palavras isoladas.

No terceiro item, Le Goff (1994, p. 442-457) aponta as profundas transformações ocorridas na memória coletiva, advindas da difusão do Cristianismo como religião e como ideologia dominante ou, em outras palavras, as mudanças da memória na Idade Média. O fato de a igreja monopolizar a conquista no domínio intelectual levou à cristianização da memória; à repartição da memória coletiva entre uma memória litúrgica e uma memória laica; ao desenvolvimento da história dos mortos, especialmente dos santos; ao relevante papel da memória no ensino que articula o oral e o escrito; e ao aparecimento dos tratados de memória. O Judaísmo e o Cristianismo acrescentaram algo mais à relação entre o homem e Deus. Ambos podem ser chamados de religião de recordação, porque atos divinos de salvação ocorridos no passado formam o conteúdo da fé, mas o livro sagrado e a tradição histórica insistem em aspectos considerados essenciais, na necessidade da lembrança como tarefa religiosa imprescindível.

No quarto item, Le Goff (1994, p. 457- 466) comenta os progressos da memória escrita até os nossos dias. Segundo este autor, a imprensa revolucionou lentamente a memória

¹⁹ Que se exprime pelas genealogias (id., *ibid.*).

²⁰ Fortemente ligadas à prática religiosa (id., *ibid.*).

²¹ No Oriente antigo [...], as inscrições comemorativas deram lugar à multiplicação de monumentos como as estelas e os obeliscos. Na Mesopotâmia, predominaram as estelas onde os reis quiseram imortalizar os seus feitos através de representações figuradas, acompanhadas de uma inscrição, desde o III milênio, como o atesta a Estela dos Abutres (Paris, Museu do Louvre) onde o rei Eannatum de Lagash (cerca de 2470 a.C.) fez conservar através de imagens e de inscrições a lembrança de uma vitória (LE GOFF, 1994, p. 431)).

ocidental. Revolucionou-a ainda mais lentamente na China, que, apesar de ter descoberto a imprensa no século IX da nossa era, só veio a utilizar os processos mecânicos ocidentais no século XIX. A imprensa, mesmo não podendo agir de forma massiva na China, teve efeitos importantes sobre a memória, pois os chineses imprimiram tratados científicos e técnicos que aceleraram e alargaram a memorização e o saber.

No Ocidente, as coisas foram um pouco diferentes. Com a imprensa, o leitor é colocado frente a frente com uma memória coletiva enorme, mas já não é capaz de fixá-la; em compensação, é frequentemente colocado em situação de explorar textos novos. A teoria clássica da memória formada na Antiguidade greco-romana foi modificada pela escolástica, que teve um lugar central na vida escolar, literária e artística da Idade Média, vindo a desaparecer quase completamente no movimento humanista.

A corrente hermética, fundada por Lúlio, entre outros, e impulsionada por Marsílio Ficino e Pico della Mirandola, desenvolveu-se consideravelmente até o início do século XVII. Esta corrente teria inspirado um personagem curioso, célebre no seu tempo, na Itália e na França, Giulio Camillo Delminio, “o divino Camillo”. Este veneziano construiu um teatro com base nos princípios da ciência mnemônica clássica, representando o universo. Tal teatro deve ser situado na Renascença veneziana no primeiro *Cinquecento*²² e *a arte di memoria*²³ deve ser colocada nessa Renascença.

O século XVIII joga um papel decisivo no alargamento da memória coletiva: os dicionários atingem os seus limites nas enciclopédias de toda espécie que são publicadas, enquanto os mortos são esquecidos: as sepulturas são abandonadas à natureza e os cemitérios ficam desertos e mal cuidados. Dois fenômenos foram muito importantes no século XIX e no início do século XX: a construção do monumento aos mortos²⁴ e o advento da fotografia, a qual revoluciona a memória, multiplica-a e a democratiza, permitindo a sua guarda no tempo e na evolução cronológica.

O último item refere-se aos desenvolvimentos contemporâneos da memória, que, no século XX, sobretudo depois de 1950, mostraram uma verdadeira revolução da memória, sendo a memória eletrônica a mais espetacular.

Como pudemos perceber, é impossível pensar em memória sem pensar em tempo. Quando tentamos relembrar algum acontecimento, inevitavelmente teremos que situá-lo na

²² Palavra italiana que significa "cento e cinquenta anos".

²³ Expressão italiana que significa a "arte da memória".

²⁴ Em numerosos países é erigido um Túmulo ao Soldado Desconhecido, procurando ultrapassar os limites da memória, associada ao anonimato, proclamando sobre um cadáver sem nome a coesão da nação em torno da memória comum (LE GOFF, 1994, p. 466-467).

dobradinha tempo/espaço. Esse tempo, no entanto, é experimentado na vivência em comunidade; os espaços rememorados são espaços culturais. A esse respeito, vejamos o que diz Barreto (2007, p. 164):

A memória trabalha sobre o tempo, porém sobre o tempo experienciado pela cultura. Nela, o tempo passado é reconstruído e revivenciado, o que traz um efeito restaurador, uma voz que permite a ressignificação do sentido existencial, atualizando conteúdos experimentados. A memória costura, tece o passado no presente, compondo tramas e enlaçando-se em novas possibilidades existenciais.

Entretanto, será que tudo de que nos recordamos é verdadeiro? Será que vivenciamos realmente tudo aquilo que vem à nossa memória? Ou será que nossa imaginação coopera com nossa vivência, fazendo-nos pensar que algo aconteceu quando na verdade apenas pensamos que ocorreu?

Callegaro (2007, p. 37) afirma que existem pesquisas que apontam que a lembrança que temos do passado não é uma reconstrução literal dos eventos, mas uma construção influenciada por expectativas e crenças do sujeito e pelas informações do presente. Este aspecto do funcionamento da memória leva a um fenômeno chamado “implantes da memória” ou “falsas memórias” ou, em outras palavras, a recordação de uma experiência que nunca ocorreu.

Este autor comenta que os psicólogos costumam dividir a memória em três operações básicas, a saber: codificação, armazenamento e recuperação. E explica cada uma delas: “A codificação é a transformação de uma entrada (input) sensorial em uma representação da memória. O armazenamento refere-se à manutenção deste registro, e a recuperação é a operação que dá acesso à informação arquivada” (CALLEGARO, 2007, p. 37).

Tais operações aparentemente ocorrem sequencialmente, mas, a bem da verdade, correspondem a processos independentes que se influenciam reciprocamente. Callegaro (2007, p. 37) cita o psicólogo britânico Frederic Bartlett²⁵ (1886-1969) como um dos primeiros a elucidar estes mecanismos na primeira metade do século XX. Bartlett teria pedido aos sujeitos de um estudo para lerem, em inglês, a tradução de uma lenda chamada “A Guerra dos Fantasmas”. Descobriu, então, que os sujeitos recontavam a história de acordo com o seu aprendizado cultural, distorcendo a evocação de forma que ficasse mais inteligível.

²⁵ Psicólogo que introduziu a noção de uma memória construtiva. Foi um dos pioneiros na pesquisa da codificação e recuperação da memória. Reconheceu, ainda nos anos trinta, a necessidade de estudar como o conhecimento e as expectativas prévias afetam significativamente a memória, intensificando, distorcendo ou interferindo nos processos pelos quais codificamos, armazenamos e recuperamos as informações sobre nossas experiências de vida (CALLEGARO, 2007, p. 37).

O trabalho de Bartlett e de outros pesquisadores na mesma linha de investigação levou à revelação de um fato importante:

A recuperação de uma lembrança não é literal e fidedigna como se fosse um filme. Na realidade, parece mais com uma montagem editada, que é influenciada fortemente pelas experiências prévias do sujeito. [...] Os aspectos originais das situações vivenciadas fazem parte das lembranças, mas também fazemos ajustes para tornar estas memórias coerentes com o modelo internalizado de expectativas sobre nós mesmos e sobre o mundo. Este processo de ajuste ocorre através da seleção do que lembramos, do que esquecemos e da adição de novas informações (CALLEGARO, 2007, p. 38).

A essa memória construída por nós, de acordo com nossas vivências, chamamos de memória construtiva. Callegaro (2007, p. 39-40) afirma que um exemplo interessante deste modelo é a situação de “falsas memórias” relatada por Jean Piaget, psicólogo suíço, em sua autobiografia²⁶.

Outro exemplo é o de um fato ocorrido nos EUA e relatado por Loftus (1997, apud Callegaro, 2007, p. 40):

Em 1992, um conselheiro de igreja no estado do Missouri, nos EUA, ajudou sua paciente Beth Rutherford, na época com 22 anos, a se lembrar, durante a terapia, que seu pai, um clérigo, violentou-a regularmente entre a idade de sete a quatorze anos, e que sua mãe, às vezes, teria colaborado, segurando-a durante o estupro bárbaro. Lembrou-se também que seu pai a teria engravidado duas vezes, forçando-a a abortar sozinha, com uma agulha de tricô. Durante a psicoterapia, estas “memórias reprimidas” foram estimuladas a vir à tona, e os fatos inaceitáveis e doloridos foram conscientizados, com o estímulo do terapeuta. O pai de Beth abdicou do posto que ocupava quando as acusações se tornaram públicas, e teve sua reputação e vida destruídas, passando a se fechar em casa para não ser agredido ou linchado. No entanto, exames médicos revelaram com segurança absoluta que ela simplesmente continuava virgem e que nunca tinha ficado grávida. Deste modo, ficou evidente que as memórias dos improváveis abusos foram involuntariamente implantadas durante a terapia. Em 1996, a família ganhou a ação movida contra o terapeuta e recebeu uma indenização de um milhão de dólares.

Podemos concluir, desse modo, que a reconstrução de uma lembrança nem sempre corresponde ao modo como o evento de fato ocorreu. Nossas lembranças são afetadas pelo conjunto de crenças preexistentes e por novas informações, construindo-se uma lembrança ajustada para ser coerente.

Para Benjamin (1987, p. 222), tudo que se refere à memória, tudo que aconteceu um dia é importante para a História e só uma humanidade redimida tem o poder de se apropriar do seu passado ou, em suas próprias palavras “somente para a humanidade redimida o

²⁶ O grande psicólogo lembrava vividamente de um incidente de infância, que sempre acreditou ser piamente verdadeiro, até descobrir que a história foi inventada por uma babá para enganar seus pais. As descrições falsas foram repetidas tantas vezes que Piaget acreditava não só que o fato ocorrera, como também que o tinha presenciado, com detalhes minuciosos sobre sua interação com pessoas, ambiente, etc. (CALLEGARO, 2007, p. 40).

passado é citável, em cada um dos seus momentos. Cada momento vivido se transforma numa *citation à l'ordre du jour*²⁷ – e esse dia é justamente o do juízo final”.

Entretanto, o que faz com que a memória se articule formalmente e de maneira duradoura na vida social? Por que as pessoas que se ausentaram se tornam presentes através da memória? Qual é o elo entre nosso presente e nosso passado, fazendo com que a nossa história não seja esquecida apesar do tempo? Bosi (1992, p. 28) afirma que a linguagem é a responsável por tais operações; ele conta que “É a linguagem que permite conservar e reavivar a imagem que cada geração tem das anteriores. Memória e palavra, no fundo inseparáveis, são a condição de possibilidade do tempo reversível”.

Ora, quando tentamos lembrar de algum fato que parece muito distante, podemos apelar para o testemunho de outras pessoas que estiveram no evento conosco, tanto para enfatizar determinado aspecto como para refutar algo que talvez não tenha nos agradado; mas recorreremos primeiro a nós mesmos. É o que comenta Halbwachs (1990, p. 25):

Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos pareçam obscuras. Ora, a primeira testemunha, à qual podemos sempre apelar, é a nós próprios.

Para Halbwachs (1990, p. 26), as nossas lembranças permanecem coletivas e são lembradas pelos outros, mesmo quando se trata de acontecimentos vivenciados somente por nós e com objetos que foram vistos apenas por nós. Isso acontece porque nunca estamos sós, em todos os lugares estamos rodeados de gente, “temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem”.

Quando entrevistamos diferentes pessoas sobre determinado evento, mesmo que se refira a um passado distante, é comum que os depoimentos apresentem semelhanças, pontos comuns. Esse fato condiz com o pensamento de Halbwachs (1990, p. 34), que afirma a existência da necessidade de que as memórias concordem entre si e tenham muitos pontos de contato para que a lembrança possa ser reconstruída sobre um fundamento comum.

Halbwachs (1990, p. 55) aponta a existência de dois tipos de memória: a autobiográfica e a histórica. A primeira teria apoio na segunda, uma vez que a história de cada um se apóia na história em geral; mas a segunda teria muito mais amplitude que a primeira, porém, não poderia nos representar o passado a não ser de forma resumida e esquemática, enquanto a memória de nossa vida proporcionaria “um quadro bem mais contínuo e denso”.

²⁷ Citação na ordem do dia.

Ainda de acordo com Halbwachs (1990, p. 67-72), se nos detivermos a respeito da História, podemos pensar que ela “não é todo o passado, mas também não é aquilo que resta do passado” (p. 67). Na verdade, ao lado da história formal, escrita, há uma história viva que continua e se renova através do tempo, na qual podemos encontrar correntes antigas que teriam desaparecido apenas na aparência. A lembrança que temos é, então, uma reconstrução do passado com o acréscimo de dados do tempo presente. Tal reconstrução teria sido preparada por outras reconstruções elaboradas em datas anteriores e de onde a imagem de antigamente já estaria bem alterada.

Seguindo esse raciocínio, na medida em que os acontecimentos se distanciam, temos o hábito de lembrá-los em forma de conjuntos. Dentre tais conjuntos alguns se destacariam, embora abrangessem muitos elementos, sem que possamos distinguir um do outro, nem fazer uma enumeração completa dos mesmos.

Quando verbalizamos uma lembrança, fazemo-lo a partir do que aprendemos em nossos grupos mais próximos: a família, a escola, a comunidade. Tais grupos, sabemos, exercem um domínio sobre nosso modo de ser. É o que observa Halbwachs (1990, p. 169): “quando um homem esteve no seio de um grupo, ali aprendeu a pronunciar certas palavras, numa certa ordem, pode sair do grupo e dele se distanciar. Enquanto ainda usar essa linguagem, podemos dizer que a ação do grupo se exerce sobre ele”. Mas a lembrança nunca é retida completamente, a não ser que coloquemos certos recursos em ação: “não é possível reter uma massa de lembranças em todas as suas sutilezas e nos mais precisos detalhes, a não ser com a condição de colocar em ação todos os recursos da memória coletiva” (HALBWACHS, 1990, p. 187).

Assim, aos nos reportar a um passado longínquo em busca de um cenário, por exemplo, a cidade onde passamos a nossa infância, devemos utilizar a planta da cidade antiga e não a planta da atual. É o que sugere Halbwachs:

Para encontrar uma cidade antiga no labirinto das novas ruas que pouco a pouco circundaram e transformaram casas e monumentos, [...] não se recua do presente ao passado seguindo em sentido inverso e de modo contínuo a série dos trabalhos, demolições, traçados das ruas, etc., que modificaram progressivamente o aspecto dessa cidade. Mas para reencontrar caminhos e monumentos antigos, conservados, aliás, ou desaparecidos, guiamo-nos pela planta geral da cidade antiga, transportamo-nos em pensamento até lá, o que é sempre possível àqueles que ali viveram, antes que se tivesse ampliado e reconstruído os velhos quarteirões, e para quem esses muros ainda de pé, essas fachadas de outro século, esses trechos de ruas guardam sua significação de outrora (HALBWACHS, 1990, p. 126-127).

Sobre as memórias individuais e coletivas, Kessel (2003) nos conta que se alimentam e têm pontos de contato com a memória histórica e são socialmente negociadas, mas têm

origens e características diferentes, seja pelo tipo de informação que guardam, seja pelo tempo que conseguem abarcar, seja pelas funções que ocupam. Também a forma como cada uma delas é preservada e comunicada é diferente. A memória histórica tem no registro escrito um meio privilegiado de preservação e comunicação enquanto a memória coletiva e a individual o têm na oralidade.

Kessel (2003) cita, ainda, o projeto *Memória Oral na Escola*, realizado por duas instituições não-governamentais: o *Museu da Pessoa*²⁸ e o *Instituto Avisa Lá*. O *Museu da Pessoa*²⁹ é uma entidade privada, com o objetivo de garantir a qualquer cidadão ter a sua memória preservada e socializada. A missão do *Museu da Pessoa* repousa na compreensão de que, na nossa sociedade, o direito de todos à memória registrada não está garantido pela ordem social vigente. Desde o começo, o *Museu da Pessoa* trabalhou na constituição de um acervo de depoimentos gravados, transcritos e inseridos em bancos de dados, tendo desenvolvido uma metodologia própria de captação e de processamento de depoimentos, e procurado meios de socialização das histórias coletadas através de produtos virtuais, publicações e exposições. Com as novas tecnologias de informação, e com a Internet, o sonho de garantir não só o acesso às informações preservadas num grande museu virtual, como a possibilidade de todos poderem inserir suas histórias nesse museu, tornou-se realidade. O *Museu da Pessoa* também realiza projetos de rememoração centrados em histórias de vida para empresas e instituições públicas.

Já o *Instituto Avisa Lá*³⁰ foi criado em 1986 e é dirigido à formação continuada de educadores, formadores e outros profissionais do ensino pré-escolar e das primeiras séries do ensino fundamental. O *Instituto Avisa Lá* trabalha na qualificação de educadores de escolas e de instituições que atendem crianças de baixa renda e contribui para a formulação de políticas públicas nessa área.

Vimos, neste capítulo, que memória e História estão sempre entrelaçadas. A memória é alimentada pela História e procura reconstruir o passado, servindo ao presente e ao futuro.

²⁸ Para saber mais, visitar a página da Internet no endereço eletrônico <http://www.museudapessoa.com.br>.

²⁹ O projeto tem o objetivo de constituir um acervo virtual sobre a identidade do Brasil de hoje, baseado na história de vida das pessoas. Identificar, articular e divulgar a história de brasileiros e brasileiras é contribuir para a geração e disseminação de um valioso conhecimento para as futuras gerações. Incentiva também a inclusão de fotografias.

³⁰ Para maior conhecimento visitar a página da Internet no endereço eletrônico <http://www.avisala.org.br>.

Como um dos meios de preservação da memória, temos a fotografia, grande advento da humanidade, que perpetua, para as gerações futuras, imagens que servirão de base para auxiliar na construção da História.

2.3. História Oral

2.3.1. Reflexões sobre a ética na História Oral

As transformações que têm marcado o campo da história, abrindo espaço para o estudo do presente, do político, da cultura, e reincorporando o papel do indivíduo no processo social, vêm, portanto, estimulando o uso das fontes orais e restringindo as desconfianças quanto à utilização da história oral. (Marieta de Moraes Ferreira, 1994)

Quais devem ser as preocupações relacionadas aos programas de História Oral? Para Alberti (1999, p. 32), em primeiro lugar, deve-se ter em mente o caráter permanente do programa; ninguém deverá implantar um programa de História Oral prevendo o seu fim. Isso implica na escolha de um tema continente, ou seja, um tema suficientemente abrangente para vários anos de trabalho e que marque a linha do acervo daquele programa. Tal tema deverá ser bem escolhido, pois acabará responsável pela identidade institucional³¹.

Em segundo lugar, convém verificar se não existe duplicidade de acervo com outras instituições, ponderando se compensa instituir uma linha de acervo já coberta por outro programa de História Oral.

Em terceiro lugar, um dado muito importante na constituição de programas de História Oral diz respeito à própria realização de entrevistas: é necessário um mínimo de contextualização para que a entrevista passe a fazer parte do acervo³².

Em último lugar, a constituição de um programa de História Oral exige a tomada de uma série de decisões sobre o tratamento das fontes orais a serem produzidas³³: definir como será o documento de cessão da entrevista, resolver se as entrevistas serão transcritas ou se serão abertas à consulta em forma de escuta, padronizar os instrumentos de auxílio à consulta (sumários e fichas técnicas), discutir como será feita a divulgação ao público do acervo

³¹ Como exemplo, Alberti (1999, p. 32) cita o acervo do CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, que é conhecido por conter várias entrevistas com homens públicos que tiveram atuação em acontecimentos e conjunturas relevantes de nossa história contemporânea – políticos, militares, tecnocratas, pessoas que exerceram cargos públicos ou que passaram boa parte de sua vida profissional em instituições estatais.

³² Segundo Alberti (1999, p. 33), deve-se reservar um espaço da entrevista para dados biográficos que situem o entrevistado no contexto estudado, informações sobre suas origens familiares, sua cidade natal, sua socialização e formação escolar, a escolha da profissão, enfim dados que ajudem o pesquisador do futuro a saber quem fala e de que perspectiva fala.

³³ Alberti (1999, p. 33) afirma que a grande maioria dos programas de História Oral só permite acesso às entrevistas de seu acervo depois que os entrevistados assinam um documento permitindo a abertura do depoimento ao público.

constituído³⁴.

As soluções mencionadas aqui vão depender do perfil da equipe de trabalho. Alberti (1999, p. 35-36) alerta, ainda, para os cuidados que são necessários na condução de entrevistas: a gravação, a eliminação de interferências vindas de telefone, barulho na rua, circulação de pessoas estranhas à entrevista; providências tais como usos de microfones na lapela e cuidados com as fitas magnéticas.

Sabe-se, portanto, que é importante manter princípios éticos em todo trabalho científico. No que se refere à História Oral, o assunto torna-se ainda mais sério, porque o historiador ou cientista, no momento em que vai entrevistar um indivíduo, deve fazê-lo conquistando a sua confiança. Nada seria mais desagradável para o entrevistador do que ser flagrado faltando com a verdade numa entrevista ou expondo o entrevistado ao ridículo.

Nesse sentido, ao abordar os princípios éticos relacionados à História Oral, Portelli (1997, p. 13) afirma que os historiadores orais têm a responsabilidade tanto de obedecer a normas confiáveis ao coligir informações, como também de respeitá-las, ao chegarem a conclusões e interpretações. Para este autor, como os historiadores orais são agentes ativos da História e participantes do processo de fazê-la, cabe-lhes “situar a ética profissional e técnica no contexto de responsabilidades mais amplas, tanto individuais e civis como políticas” (PORTELLI, 1997, p. 13). E acrescenta que:

a essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais (PORTELLI, 1997, p. 13).

Para Portelli (1997, p. 16), a experiência em entrevistar pessoas ao longo dos anos leva à conclusão de que

[...] a História Oral alia o esforço de construir padrões e modelos à atenção, às variações e transgressões individuais concretas. Assim, a História Oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém formam um todo coerente depois de reunidos.

Para tecer este capítulo, achamos interessante fazer um apanhado das normas e princípios éticos relacionados por Portelli (1997, p. 13-33) em sua Conferência³⁵ “Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral”.

³⁴ Haverá catálogos de depoimentos, será feita uma base de dados? (ALBERTI, 1999, p. 33).

³⁵ Realizada no evento “Ética e História Oral”, realizado pelo Programa de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em convênio com o CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil e o CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, fóruns preocupados e integrados a práticas de pesquisa com documentação oral, em 1997.

Muito bem, este autor considera que as diretrizes éticas representam uma proteção tanto para os entrevistados contra a manipulação por parte do entrevistador quanto uma proteção deste contra as reivindicações dos entrevistados. Vejamos, então, as normas e princípios para um bom trabalho de entrevista em História Oral:

- Guardar autorizações para publicação;
- Guardar aprovação das transcrições e citações quando a opinião do entrevistador for contrária à das pessoas que entrevistou;
- Não usar o material de entrevista de forma que possa prejudicar a pessoa de quem o obteve;
- Não desagradar à pessoa entrevistada;
- Um acordo verbal tem valor idêntico ao de um contrato lavrado em cartório e constitui garantia suficiente para ambas as partes;
- Manter um compromisso com a honestidade, ou seja, manter o respeito pessoal por aqueles com quem trabalhamos, bem como respeito intelectual pelo material que conseguimos;
- Manter uma busca pela verdade e a vontade de saber como as coisas são, equilibradas por uma atitude aberta às muitas variáveis de como as coisas podem ser;
- Manter respeito pelo valor e pela importância de cada indivíduo: “Cada pessoa é um amálgama de grande número de histórias em potencial, de possibilidades imaginadas e não escolhidas, de perigos iminentes, contornados e pouco evitados” (PORTELLI, 1997, p. 17);
- Como historiadores orais, nosso ato de ouvir se baseia na consciência de que todas as pessoas com quem conversamos enriquecem nossa experiência;
- Cada entrevista é importante, por ser diferente de todas as outras;
- A História Oral como uma arte do indivíduo leva ao reconhecimento não só da diferença, mas também da igualdade;
- Devemos fazer um esforço para criar um ambiente em que as pessoas tenham condições de estabelecer os próprios limites e de tomar as próprias decisões a esse respeito: “Não o conseguiremos ignorando as diferenças que nos tornam desiguais, nem paternalística (e desonestamente) simulando uma igualdade que inexistente” (PORTELLI, 1997, p. 20);
- Agir com educação: falar em um tom de voz agradável, dizer “muito obrigado/a”, sentar onde nos mandam, tomar o café ou o vinho que nos oferecem;

- A arte essencial do historiador é ouvir;
- Manter nossa pauta de trabalho flexível, a fim de incluir não só aquilo que acreditamos querer ouvir, mas também o que a outra pessoa considera importante dizer, possibilita que as nossas descobertas superem nossas expectativas;
- Nas entrevistas e nas conversas bem-educadas, não há mal algum em fazer perguntas e observações como: "Você tem certeza?", "Não sei muito bem se concordo com você.", "Outras pessoas já me deram versões diferentes desse episódio" (PORTELLI, 1997, p. 23);
- Embora possamos ser doutores em qualquer matéria entrevistando analfabetos, na situação de campo são eles que têm os conhecimentos. Podemos ter status, mas são eles que têm informações e, gentilmente, compartilham-nas conosco;
- A História Oral trata de subjetividade, memória, discurso e diálogo;
- Tem sido praxe, desde o início da História Oral, reproduzir as palavras textuais das fontes, com empenho muito maior do que em outras disciplinas;
- O texto que criamos é dialógico de múltiplas vozes e múltiplas interpretações: as muitas interpretações dos entrevistados, nossas interpretações e as interpretações dos leitores.

Embora sejam muitos os princípios e normas aqui explicitadas, creio que todos eles se resumem a um só: respeito. Se houver respeito em nossa entrevista, tanto pelo entrevistado quanto pelo assunto objeto de nossa investigação, manteremos os princípios éticos tão necessários ao trabalho científico. O nosso mundo, nesta época de globalização, precisa que a ética esteja no topo de todas as relações humanas, principalmente no que diz respeito às investigações científicas tão necessárias ao desenvolvimento da humanidade como um todo.

2.3.2. Questões sobre a relação entre História Oral e Memória

Tenemos a nuestra disposición un vocabulario inmenso para hablar del interior psicológico, ese dominio secreto en el cual la estructura y el proceso del sí mismo son tradicionalmente considerados componentes. Hablamos con facilidad y confianza de nuestros pensamientos, creencias, recuerdos, emociones, etc. También poseemos un extenso discurso a través del cual damos cuenta de las relaciones entre aspectos del mundo mental. Hablamos de ideas, por ejemplo, en la medida en que toman forma por los datos de los sentidos, se inclinan por nuestros motivos, caen dentro de la memoria, se alistan para el proceso de planeación, etc [...] En efecto, tenemos a nuestra disposición una ontología llena e intensa de la región interior (Kenneth J. Gergen, 1985).³⁶

A partir de meados do século XX, os cientistas sociais começaram a incorporar à ciência algo que anteriormente era conhecido apenas como ilusão: as emoções e os desejos, tornando-a fragmentada e subjetiva. Costa (2001, p. 74) diz que é neste cenário “que se proliferam os estudos autobiográficos, as histórias de vida, os contadores de história, enfim que as fontes orais foram revalorizadas na construção da História”.

Para que estudos biográficos, histórias de vida e narrativas de histórias ocorram, contudo, faz-se necessário recorrer à memória, a qual traz à tona lembranças ligadas a acontecimentos de caráter afetivo, quer sejam grandes ou pequenos. A capacidade de evocação nos garante reconstruir a história, perpetuá-la para sempre. Ferreira e Grossi (2004, p. 41) fazem uma interessante comparação entre “as histórias narradas que amealham vozes revividas e constelações de imagens, enredando os fios da existência” e o mito de Aracné³⁷. Estes autores afirmam que as narrações mobilizam um universo portador de memória e de experiência do vivido, criam disponibilidade para o encontro e a presença, asseguram o vínculo entre o sujeito e

³⁶ Temos à nossa disposição um vocabulário imenso para falar do interior psicológico, esse domínio secreto, no qual a estrutura e o processo de si mesmo são tradicionalmente considerados componentes. Falamos com facilidade e confiança de nossos pensamentos, crenças, recordações, emoções, etc. Também possuímos um extenso discurso através do qual damos conta das relações entre aspectos do mundo mental. Falamos de idéias, por exemplo, na medida em que tomam forma pelos órgãos dos sentidos, se inclinam por nossos motivos, caem dentro da memória, se catalogam para o processo de planejamento, etc. [...] Com efeito, temos à nossa disposição uma ontologia plena e extensa da região interior (Kenneth J. Gergen, 1985).

³⁷ Pela narrativa de Ovídio, Aracné era uma exímia tecelã que, esquecida de sua dimensão humana e, numa atitude de imprudente soberba, pretendeu dever seu talento apenas a si mesma. Isolou-se, na presunção de que seus trabalhos eram inigualáveis. Perdeu, então, o contato com a sua mestra divina, Palas Atena, a mãe da tecelagem. Numa atitude maternal, a deusa, disfarçada de velha, aconselhou-a a se arrepender. Insultada, ouviu um desafio para que seus trabalhos fossem comparados. Ofendida, Palas Atena aceitou o desafio. Ambas teceram histórias. Atena teceu sobre as metamorfoses através das quais certos deuses punem seus rivais; teceu também a si própria e a outros deuses em sua grandeza. Aracné desenhou histórias maliciosas das metamorfoses e das intrigas entre os deuses. A despeito da perfeição do trabalho de sua discípula, Atena rasga-o e fere sua rival com uma agulha. Aracné, insultada, enforca-se. A deusa sustenta-a no ar e não a deixa morrer. Transforma-a em aranha e lhe diz que, se quisesse tecer, que tecesse (FERREIRA e GROSSI, 2004, p. 41-42).

suas interações no mundo, devolvem uma história através de palavras, tornam possível a travessia do relato individual para a complicada construção do coletivo.

Para Gonçalves Filho (1988, p. 98), “o movimento de uma lembrança vibra fora dos compassos rígidos e desvitalizados de um conceito permanente, de uma idéia eterna, de um princípio abstrato: o ânimo que fomenta é gerado na espessura de uma experiência”. Tal experiência possui *plasticidade*, remete nossa atenção para os sentidos inesgotáveis de uma prática social; também possui *perceptibilidade*, trazendo à tona traços inconfundíveis que o individualizam; além de possuir *realizabilidade*, pois aparece como verdade incontestável através das inúmeras interpretações que é capaz de sustentar.

Quanto à História Oral, esta depende da memória para existir, pois é constituída basicamente de lembranças. Como procedimento metodológico, a História Oral tem um passado e, embora o uso do termo seja novo, ela é tão antiga quanto a História. Na verdade, foi o primeiro tipo de História.

Thompson (1992, p. 45-46) conta que o eminente historiador profissional francês do século XIX, Jules Michelet, já tinha consciência de que os documentos escritos eram apenas uma opção entre muitas outras fontes disponíveis:

Quando digo tradição oral, estou falando de tradição nacional, aquela que permaneceu espalhada de modo geral na boca do povo, que todos diziam e repetiam, camponeses, gente da cidade, velhos, mulheres, até mesmo crianças, aquelas que podemos ouvir ao entrar à noite numa taverna da aldeia, aquela que podemos colher se, ao encontrar à beira da estrada um transeunte descansando, começamos a falar com ele da chuva, da estação, e do alto preço dos mantimentos, da época do imperador, e da época da revolução (THOMPSON, 1992, p. 45-46).

Na perspectiva da História Oral como fonte, Ribeiro (2001, p. 15) destaca o estudo da História Social, que, a partir de 1929, com a publicação da *Annales*³⁸ na França, teria desencadeado uma mudança na concepção de História e ampliado a noção de documento. A partir daí, documento não é somente a fonte escrita oficial, mas todos os vestígios deixados pelo homem a partir de suas relações: as músicas, as pinturas, os vasilhames, os instrumentos, as fotografias, as fontes orais, etc. No entanto, a História Oral nos moldes modernos, com a coleta de depoimentos pessoais, só começou no início dos anos 1940 com o jornalista Allan Nevins, que teria desenvolvido um programa de entrevistas voltado para a recuperação de informações sobre a

³⁸ A fundação, na França, da revista *Annales*, em 1929, e da *École Pratique des Hautes Études*, em 1948, daria impulso a um profundo movimento de transformação no campo da história (FERREIRA, 1994, p. 2).

atuação de grupos dominantes norte-americanos³⁹. Esse primeiro ciclo de expansão da História Oral privilegiou o estudo das elites e iniciou a tarefa de preencher as lacunas do registro escrito mediante a formação de arquivos com fitas gravadas. A plena expansão desse processo ocorreu apenas na segunda metade dos anos 1960, prolongando-se ao longo dos anos 1970, principalmente nos Estados Unidos da América. No período que vai de 1965 a 1977, houve um grande desenvolvimento dos centros de História Oral naquele país, aumentando o número de oitenta e nove para mil unidades. No ano de 1967, foi criada a *American Oral History Association*, e no ano de 1973 foi lançada a *Oral History Review*. A partir de 1975, a História Oral universitária começou a se voltar para a trajetória dos excluídos (FERREIRA, 1994, p. 4).

Aceves (2000, p. 9-20) adverte para o fato de que a História Oral que tem se desenvolvido nas últimas décadas do século passado e no início deste tem proporcionado meios para se realizar alguns propósitos, tais como a obtenção de um melhor conhecimento da história da sociedade contemporânea e o poder de modificar uma prática científica, freqüentemente desligada de seu ambiente e dos sujeitos sociais com que interage. Prova disso é que tem se interessado em contribuir com novos tipos de evidências sociais e históricas, construindo arquivos orais e privilegiando uma aproximação qualitativa no processo de conhecimento histórico e antropológico. Tal prática de investigação também tem a conveniência de propiciar uma plataforma para a investigação educativa e de manter um vínculo entre os atores sociais e os meios de registro, estudo e difusão de aspectos significativos das experiências de vida individuais e coletivas.

Isto acontece porque, para a História Oral, é interessante compreender a dinâmica própria dos grupos e sociedades humanas e, como recurso metodológico, ela se preocupa com os feitos e fenômenos sociais de que participam instituições e indivíduos envolvidos em determinados processos econômicos, políticos e culturais. Esses interesses da História Oral surgiram em consequência do esforço pela busca de novas alternativas para o ofício de historiador, que foram se concretizando no processo de detectar novos sujeitos sociais, para abordá-los em escalas e níveis locais e regionais com o objetivo de buscar e compreender fenômenos sociais e históricos particulares, mediante a produção de novas fontes de informação e evidência histórica. A História

³⁹ Este programa veio a constituir o *Columbia Oral History Office*, organismo que serviu de modelo para outros centros criados nos anos 1950 em bibliotecas e arquivos no Texas, Berkeley e Los Angeles (FERREIRA, 1994, p. 4).

Oral, como método de investigação, orienta e aponta, propõe e sugere caminhos. Ainda não é um método terminado, pois está se construindo, regularmente, na prática.

Assim, quando falamos de História Oral como um método de investigação, estamos nos referindo ao procedimento de construção de novas fontes de investigação social e histórica, com base nos testemunhos orais coletados sistematicamente para investigações específicas, problemas e pontos de partida teóricos explícitos. Fazer História Oral equivale a produzir conhecimentos históricos, científicos e não simplesmente fazer uma exposição ordenada de fragmentos e experiências de vida dos *outros*. Na concepção de Aceves, o historiador oral

[...] es más que la grabadora que amplifica las voces de los individuos “sin historia”, ya que procura que la evidencia oral no substituya la labor propia de investigación y análisis sociohistórico; que su papel como investigador no quede reducido a ser sólo un eficiente entrevistador, que su esfuerzo y capacidad de análisis científico no queden depositados y substituídos por las cintas de grabación (ACEVES, 1996, apud Aceves, 2000, p. 10)⁴⁰.

Para Aceves (2000), a História Oral não pode ser concebida como um recurso metodológico cujo campo de ação e influência se restringe a um único país ou continente, já que atualmente é praticada no mundo inteiro, construindo suas próprias redes e campos inter-relacionais. Também não se identifica apenas com a História, uma vez que existem vários estilos e procedências profissionais. A interdisciplinaridade é um dos seus elementos característicos.

Aceves (2000) afirma que antes a História Oral era considerada apenas uma simples técnica de recopilação de testemunhos orais, mas com o passar dos anos, foi desenvolvendo sua identidade e, por volta dos anos 1980, começou a aparecer com mais força, além dos círculos da História, em outros campos de conhecimento, como a Antropologia, a Sociologia, as Ciências da Comunicação, a Psicologia Social e numa diversidade de disciplinas que têm algo em comum com as Ciências Humanas e Sociais. Como exemplo nesta direção, podemos citar a revista espanhola *Historia y Fuente Oral*, a inglesa *Oral History Journal* e a norte-americana *Oral History Review*, citada anteriormente.

Ora, a História Oral contemporânea derivou-se de uma prática de investigação procedente de um ramo da História Social, que tinha enfoques particulares que promoviam aproximações

⁴⁰ [...] é mais que o gravador que amplifica as vozes dos indivíduos “sem história”, já que procura que a evidência oral não substitua o labor próprio da investigação e análise social e histórica; que seu papel como investigador não seja reduzido a ser só um eficiente entrevistador; que seu esforço e capacidade de análise científica não sejam guardados e substituídos pelas fitas de gravação (ACEVES, 1996, apud Aceves, 2000, p. 10).

com a História Contemporânea tratando de abordá-la com novas contribuições, tanto pela seleção dos sujeitos e objetos de investigação quanto pelos métodos e ferramentas utilizados.

As tendências da História Popular e Local foram antecedentes importantes para o desenvolvimento da História Oral, já que mostravam a necessidade de ter perspectivas múltiplas para estudar os fenômenos históricos, inclusive os atuais. Por parte da História Local, por sua ênfase em considerar os níveis micro e regionais e, por parte da História Popular, por sua ênfase nos cidadãos mais idosos e populares.

Estas questões motivaram uma aproximação com disciplinas como a Economia, que realizou numerosos estudos de Demografia Histórica e História Econômica; como a Antropologia, que também propiciou a incorporação de estudos históricos e culturais e das mentalidades; como a Psicologia, que fez contribuições para tornar evidentes os campos subjetivos e dimensões não conscientes da realidade social.

Esse espírito, que desenvolveu a História Social como movimento internacional, renovou em grande escala os estilos e processos de investigação histórica, facilitando o aparecimento de uma corrente investigativa que retomasse o proposto pelas vertentes locais e populares e que se aplicasse a novos campos pouco considerados por outros colegas historiadores como a construção de novas fontes para a História Contemporânea e a aplicação de métodos e conceitos procedentes das Ciências Sociais em suas operações analíticas.

Desde o início, esse jeito de fazer história tratou de construir “fontes orais”, sobretudo como uma contribuição específica inovadora, uma vez que a construção dos acervos orais é um rastro que vai configurando a História Oral. No entanto, há os que criticam os investigadores da História Oral, porque gastam muito tempo fazendo entrevistas, transcrevendo-as, ou as revisando, com o fim de organizá-las, e as ordenando em arquivos. Há ainda aqueles que pensam que o trabalho do historiador oral se reduz a ser um especialista em entrevista gravada, que deixa seu trabalho por conta do gravador e do vídeo. Há ainda os que criticam a supervalorização da construção das fontes orais uma vez que não lhe são aplicados os controles de produção que os façam mais válidos ou úteis para outras investigações.

No entanto, uma das características da História Oral é produzir novas fontes, guiada pela idéia de contribuir com algo original, trazendo à tona personagens que de outro modo nem seriam notados. Nas palavras de Joutard, *“Hacer nuevas fuentes, contribuir a la ‘vibilización’ de los actores sociales era entonces una contribución específica de la historia oral respecto, por*

ejemplo, a la historia local y regional o a la econômica” (JOUTARD, 1986, apud Aceves, p. 12)⁴¹.

Assim, quando surgiu a necessidade de construir novas fontes como os arquivos orais, foi necessário recorrer à experiência desenvolvida em outros campos das Ciências Sociais, como a Antropologia, a Sociologia, etc., visto que, além de serem ciências com vasta produção acumulada, desde o início já construam as chamadas “histórias de vida”. Os sociólogos, ao nível internacional, já as tinham experimentado pelo menos desde os anos 1920, com os concursos públicos para recopilar autobiografias e testemunhos de camponeses e operários. Naquela época, já havia se desenvolvido uma metodologia qualitativa para coletar autobiografias produzidas na inter-relação entre o investigador e os sujeitos da investigação; os princípios técnicos e as ferramentas principais para elaborar guias e protocolos de investigação já tinham sido especificados.

Dessa forma, a prática da História Oral converteu-se em um campo profissional que recebeu pessoas de diversas áreas, incorporando-se novos métodos de investigação e assimilando-se técnicas para os trabalhos de campo. Na realidade, houve uma interação estreita com outras ciências, em que todos saíram ganhando.

Finalizando, Aceves (2000) afirma que o desenvolvimento da História Oral contemporânea tem sido moldado desde o princípio pela inter-relação com diversas disciplinas sociais e humanas, e que sua consolidação não é apenas uma derivação da História Social, visto que é o resultado de uma matriz de contribuições múltiplas que envolvem conceitos, métodos, técnicas, hierarquia nos sujeitos da investigação, modos analíticos, forma e estilos de difusão dos resultados; e que isto se manifesta nas revistas e órgãos editoriais dedicados a ela, assim como nos colóquios e conferências internacionais onde há a presença de diversas ciências.

No entanto, História Oral implica narração, que não é tarefa fácil, embora seja encantadora. Narrar uma história envolve emoções, recordações, sentimentos. Envolve algo que coordena corpo (através dos movimentos da cabeça e mãos, expressões no olhar), mente e espírito. Para Benjamin (1983, p. 57), não é fácil encontrar um narrador genuíno:

Torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa direito. É cada vez mais freqüente se espalhar em volta o embaraço quando se anuncia o

⁴¹ “Fazer novas fontes, contribuir com a viabilização dos atores sociais era então uma contribuição específica que dizia respeito à história oral, por exemplo, à história local, regional ou econômica” (JOUTARD, 1986, apud Aceves, p. 12).

desejo de ouvir uma história. É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, fosse retirada. Ou seja: a de trocar experiências. Uma causa deste fenômeno é evidente: a experiência caiu na cotação. E a impressão é a de que prosseguirá na queda interminável (BENJAMIN, 1983, p. 57).

O fluxo da memória, nas palavras de Gonçalves Filho (1988, p. 112), vem todo margeado por pontos ou acontecimentos de profunda significação: mudança de casa ou de lugar, morte de um parente, formatura, casamento, empregos, festas. Estes e outros eventos vão modelando o sentido das coisas que durante anos teriam resistido a nós e acabariam tomando algo do que fomos.

Se, entretanto, temos um narrador, é necessário que existam pessoas para escutar a narrativa e depois contá-la a seus filhos, que, por sua vez, contá-la-ão às gerações futuras. Tudo isto é necessário para que a História e a tradição não pereçam. Este recontar sempre e sempre, passando de uma geração a outra, é que vai garantir a condição essencial para a existência da narrativa. Benjamin (1983, p. 62) mostra-se preocupado não apenas com o desaparecimento da narrativa, mas também com o do “ouvinte”, pois algumas atividades que propiciavam o momento para a audição de narrativas estariam desaparecendo como *o fiar e o tecer*. Narrar, nas considerações de Benjamin, significa

[...] sempre a arte de as continuar contando e esta se perde quando as histórias já não são mais retidas. Perde-se porque já não se tece e fia enquanto elas são escutadas. Quanto mais esquecido de si mesmo está quem escuta, tanto mais fundo se grava nele a coisa escutada. No momento em que o ritmo do trabalho o capturou, ele escuta as histórias de tal maneira que o dom de narrar lhe advém espontaneamente. Assim, portanto, está constituída a rede em que se assenta o dom de narrar. Hoje em dia ela se desfaz em todas as extremidades, depois de ter sido atada há milênios no âmbito das mais antigas formas de trabalho artesanal (BENJAMIN, 1983, p. 62).

Na concepção de Benjamin, as várias formas de comunicação sofrem um tipo de concorrência, na qual a narrativa leva desvantagem em relação ao romance e à informação, por vários fatores: a narrativa estaria ligada ao aconselhamento, que hoje já está quase em desuso; o berço do romance teria ligação com a solidão do indivíduo (que não é capaz de contar os seus assuntos, para que possa ouvir conselhos); o indivíduo, assim isolado, não tem conselhos para receber, nem para dar. O leitor do romance é um solitário que é arrastado pela “esperança de aquecer sua vida enregelada numa morte que ele vivencia através da leitura” (BENJAMIN, 1983, p. 69). Assim como o romance, a informação também mantém grande distância da narrativa. Ao contrário da última, ela precisa afirmar sua veracidade, mas traz em si uma qualidade voltada para o tempo presente. Segundo Benjamin (1983, p. 61-62), a informação “reduz-se ao instante

em que era nova. Vive apenas nesse instante, precisa entregar-se inteiramente a ele, e, sem perda de tempo, compromete-se com ele”.

É importante ressaltar que, para narrar histórias, é necessário que uma faculdade fundamental esteja presente: a memória. Nunes (2005, p. 28-29) afirma que as questões colocadas em sua pesquisa “apontam para uma noção de patrimônio que não se vincula a um passado *congelado*, mas sim a um passado que ainda vive no presente e que se manifesta nas incessantes lutas dos grupos populares por múltiplos direitos, inclusive o direito à memória”.

Afinal de contas, o que é memória? Santos (1993) conceitua memória como “a capacidade de lembrar o passado. [...] capacidade de recitar um poema de cor, beber um copo d’água, seguir um trajeto diário sem tropeços ou, ainda, recordar fatos vivenciados no passado e aprender através deles”. Tais aspectos, que foram estudados durante muito tempo pela Psicologia e pela Filosofia, são associados na contemporaneidade a aspectos socioculturais. E, à medida que os aspectos sociais são considerados, os conceitos de memória se diversificam: *memória social, atos coletivos de lembrar e esquecer, tradição, traços de memória*. Esses conceitos representam diferentes abordagens de um único fenômeno, além de explicar fenômenos distintos. Santos acrescenta à sua discussão o fato de alguns autores se referirem à memória não apenas como uma representação do passado, mas como uma *tradição* ou, em outras palavras, como manutenção de aspectos do passado de que não temos consciência e que são expressos através de sentimentos, movimentos, hábitos e atitudes. Esta autora ressalta, ainda, que para nenhum dos autores abordados por ela em seu artigo⁴²

[...] memória significou a mera lembrança do passado. Todos eles acreditaram firmemente que não é possível ter a mesma leitura de um livro duas vezes. No entanto, a forma de perceber, compreender e explicar o passado variou entre eles. Halbwachs analisou como nossas memórias são mantidas através de convenções sociais. Neisser mostrou como nós, enquanto atores sociais, reconstruímos o passado cotidianamente. [...] Essas teorias, no entanto, ao explicar a relação entre indivíduo e sociedade exclusivamente a partir de uma rede de comportamentos, aceitam a incorporação total de homens e mulheres à sociedade, onde valores ou aspectos contraditórios para aqueles que vivem em sociedade são negligenciados. Os estudos de Marcuse e Foucault ressaltaram a importância de experiências do passado, do inconsciente individual ou coletivo ou, ainda, de relações de poder, e analisaram a memória não como construída socialmente, mas construindo o social (SANTOS, 1993).

⁴² *O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado* (1993).

Ao realizarmos o gesto de olhar uma fotografia e rememorar a situação outrora vivenciada nem sempre nos damos conta de que esse ato tão simples representa dois tempos: o tempo da criação (o da primeira realidade) e o tempo da representação (o da segunda realidade). Para Kossoy (2007, p. 134), ambos são os tempos da fotografia. O primeiro fixaria o acontecimento e o paralisaria ilusória e intencionalmente, enquanto o segundo (o tempo da representação) diz respeito tanto a lembranças quanto a documentos iconográficos.

Podemos finalizar este capítulo com uma reflexão: a memória é essencial para a existência da História Oral, a qual é construída socialmente em sua maioria pela massa de cidadãos desconhecidos. Não é construída por grandes estrelas, mas estrelas pequeninas que, certamente, têm muito a acrescentar ao construto histórico da região proposta para análise. Nesse contexto, a fotografia exerce um papel importantíssimo, pois representa uma maneira única de rememoração. Iniciativas, há, por toda parte, para que os acontecimentos que fazem parte da nossa atualidade não fiquem esquecidos quando já não estivermos nesta dimensão. Que contemos, então, as nossas histórias, que partilhemos nossas lembranças, que a experiência acumulada por nós tenha grande utilidade para as gerações vindouras.

2.3.3. Conjunturas de identidade coletiva

Na recuperação da história dos excluídos, os depoimentos orais podem servir não apenas a objetivos acadêmicos, como se constituir em instrumentos de identidade e de transformação social (Marieta de Moraes Ferreira, 1994).

O sentimento de identidade parece ser tão forte em nós, seres humanos, que grandes personalidades da história universal se preocuparam em estudá-lo. Uma dessas personalidades foi Sigmund Freud, que resolveu estudar este sentimento à luz da teoria psicanalítica:

En condiciones normales nada nos parece tan seguro y establecido como la sensación de nuestra mismidad, de nuestro propio yo. Esto yo se nos presenta como algo independiente, unitario, bien demarcado frente a todo lo demás. Sólo la investigación psicoanalítica – que por otra parte aún tiene mucho que decirnos sobre la relación entre el yo [...] – nos ha enseñado que esa apariencia es engañosa; que por el contrario, el yo se continua hacia dentro, sin límites precisos, con una entidad psíquica inconsciente [...] y a la cual viene a servir como de fachada. Pero, por lo menos hacia el exterior, el yo parece mantener sus límites claros y precisos (FREUD, 1968, p. 2) ⁴³.

Assim, podemos dizer que, desde o momento em que nos entendemos por gente até a hora do nosso último suspiro, algumas perguntas perpassam pela nossa mente: quem sou eu? De onde vim? Para onde vou? Para responder a estas perguntas, vários ramos das Ciências Humanas e Sociais têm se empenhado: Religião, Filosofia, História, etc. No entanto, ninguém conseguiu ainda satisfazer a nossa sede de saber, nem calar os nossos anseios em relação a estas questões. A busca pela nossa identidade começa, então, desde o momento em que nos percebemos como seres pensantes, perpetua-se por toda a nossa existência e vai conosco até o túmulo.

Para entendermos esta questão devemos nos lembrar que não estamos sozinhos no planeta, que fazemos parte de um grupo muito grande: o globo terrestre; embora cada um de nós faça parte de um grupo menor: um país, que por sua vez é dividido em estados. Então, fazemos parte de um estado, que é dividido em cidades, que por sua vez é dividida em bairros, que são divididos em partes menores, que nos levam a um endereço. E nesse endereço estamos nós, com a nossa individualidade, sempre querendo afirmar a nossa identidade.

⁴³ Em condições normais nada nos parece tão seguro e estabelecido como a sensação de nossa mesmice, de nosso próprio eu. Este eu se nos apresenta como algo independente, unitário, bem demarcado frente a todos os demais. Só a investigação psicanalítica – que por outra parte tem muito a nos dizer sobre a relação entre o eu [...] – nos há ensinado que essa aparência é enganosa, que ao contrário, esse eu continua dentro, sem limites precisos, com uma entidade psíquica inconsciente [...] e a qual vem servir de fachada. Porém, por mais longe que esteja do exterior, esse eu parece manter seus limites claros e precisos (FREUD, 1968, p. 2).

O fato de pertencermos ao grande globo terrestre significa que estamos sempre tentando nos afirmar tanto em relação aos nossos núcleos mais próximos (família, igreja, escola, vizinhança) quanto aos grupos maiores (estados e países vizinhos), vivendo, portanto, em uma sociedade de conflitos permanentes.

A esse respeito, Castells (2003, p. XXI) diz que “O nosso mundo e a nossa vida têm vindo a ser moldados pelas tendências em conflito da globalização e da identidade” e que a revolução das tecnologias de informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade: a sociedade em rede, cujas características são a globalização das atividades econômicas estrategicamente decisivas; a forma de organização em rede; a flexibilidade e instabilidade de emprego; a individualização da mão-de-obra; uma cultura da virtualidade real, construída pela mídia; a transformação das bases materiais da vida (tempo e espaço), mediante a criação de um espaço de fluxos e de um tempo atemporal com expressões das atividades dominantes e das elites que as controlam.

Afinal, o que é identidade? Para Castells (2003, p. 2), “entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo”. Referindo-se aos atores sociais, Castells (2003, p. 3) afirma: “entendo por identidade o processo de construção do significado com base num atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais) prevalece(m) sobre outras formas de significado”. As identidades, dessa forma, constituem fontes de significação para os próprios indivíduos, enquanto atores de uma história, e são construídas num processo de individualização.

Já Niethamer (1997, p. 119) afirma que “Identidade é uma das palavras-chave mais em voga hoje em dia, na política, na mídia e nos estudos culturais”; e, embora esta palavra fosse, até 1950, virtualmente desconhecida fora dos círculos dos matemáticos, a identidade pessoal passou a ser uma necessidade, e a identidade coletiva um novo padrão, em qualquer nível – de empresarial a europeu, de cidade a estado, a nação, a continente, de gênero a região, a descendência étnica; e se uma dessas entidades sociais dá sinais de uma crise de identidade, o corpo político está fadado a adoecer rapidamente, o que se explica por vários fatores, tais como: esfacelamento das instituições democráticas, crescente falta de consenso ou iminência de guerras civis.

A construção social da identidade, segundo Castells (2003, p. 4), ocorre sempre num contexto determinado por relações de poder, e ele propõe uma distinção entre três formas e origens de construção de identidades, a saber:

- Identidade legitimadora: é introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar a sua dominação sobre os atores sociais;
- Identidade de resistência: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação construindo, assim trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo, opostos a estes últimos;
- Identidade de projeto: quando os atores sociais, servindo-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir a sua posição na sociedade e de provocar a transformação de toda a estrutura social.

O primeiro tipo de identidade citado por Castells, *a identidade legitimadora*, dá origem a uma sociedade civil, ou seja, a um conjunto de organizações e instituições, bem como aos atores sociais estruturados e organizados que acabam reproduzindo a identidade que racionaliza as fontes de dominação estrutural. O segundo tipo de construção da identidade, *a identidade de resistência*, leva à formação de comunidades. O último tipo, *a identidade de projeto*, produz sujeitos que, segundo Castells, não são indivíduos, embora sejam constituídos a partir de indivíduos. No seu entender, sujeitos “são os atores sociais coletivos pelos quais os indivíduos atingem o significado holístico na sua experiência” (CASTELLS, 2003, p. 7).

Como vimos até aqui, as identidades são sempre determinadas por um contexto social. Para confirmar essa teoria podemos nos espelhar nos estudos realizados por Castells (2003), que viu no fundamentalismo “uma das mais importantes fontes de construção de identidade na sociedade em rede” (CASTELLS, 2003, p. 10) e afirmou que “nessa estrutura cultural/religiosa/política, a identidade islâmica é construída com base numa dupla desconstrução, realizada pelos atores sociais e pelas instituições da sociedade” (CASTELLS, 2003, p. 14).

O interessante nesse estudo é que Castells nos diz que o fundamentalismo islâmico não constitui um movimento tradicionalista e que os islâmicos procederam à reconstrução de uma identidade cultural que é hipermoderna. Ele vai além e afirma:

a identidade islâmica é (re)construída pelos fundamentalistas por oposição ao capitalismo, ao socialismo e ao nacionalismo árabe ou de qualquer outra origem, que, na sua visão, são ideologias fracassadas provenientes da ordem pós-colonial (CASTELLS, 2003, p. 16).

Ainda se referindo ao islamismo, Castells (2003, p. 19) afirma que “a identidade islâmica contemporânea realiza-se reagindo contra a modernização inatingível [...], os efeitos negativos da globalização e o colapso do projeto nacionalista pós-colonial.” Daí se pode depreender que a identidade fundamentalista parece se expandir em contextos sociais relacionados com a dinâmica da exclusão e/ou com a crise do Estado-Nação.

Num outro momento, Castells (2003, p. 23-27), analisando o fundamentalismo norte-americano, constata que o fundamentalismo é “um movimento reativo, voltado para a construção da identidade social e pessoal, com base em imagens do passado, projetadas num futuro utópico, com vistas à superação do presente”. Tal reação estaria relacionada à ameaça da globalização e à crise do patriarcalismo.

Se estamos na época da globalização da economia e da internacionalização das instituições políticas, talvez o sentimento nacionalista esteja mais acirrado em nossos corações do que em outras épocas, talvez estejamos tentando preservar a nossa identidade, com receio de que nos esqueçamos de quem realmente somos.

Alguns brasileiros, por exemplo, apesar de estarem buscando em outros países uma alternativa para melhores condições de vida, nunca se esquecem de suas origens e prova disso, por exemplo, é a instituição do *Brazilian Day* em Nova York. Tal evento artístico e cultural é um verdadeiro mega *show* e atrai milhares de brasileiros e estrangeiros, sendo televisionado para várias partes do mundo, incluindo o Brasil. Os brasileiros vestem as cores verde e amarelo e portam a bandeira do Brasil com muito orgulho, cantam as nossas canções e se deliciam com a apresentação de nossos artistas.

Assim percebemos que o problema da identidade cultural é uma constante em todas as partes do mundo e, no dizer de Lucas (2002, p. 27), tal problema se acha entrelaçado com o problema da unidade lingüística, a qual determina os fazeres e expectativas do grupo social.

No tocante à identidade brasileira, sabe-se que desde que a língua portuguesa foi imposta ao povo brasileiro, a nação começou a ser modelada pelo cruzamento de três raças principais, a saber: a indígena, a portuguesa e a africana. Para Lucas (2002, p. 28-51), a herança colonial configura-se como um dos obstáculos da identidade nacional, pois os portugueses não trataram igualmente as três culturas. Na verdade, eles se recusaram a transferir o saber à população local (indígenas) e à população subjugada (escravos), com o intuito de prolongar o domínio e de atrasar a emergência do sentimento de autonomia.

Dessa maneira, a manifestação escrita ficou reservada durante muito tempo aos portugueses, e só muito mais tarde o indígena seria valorizado enquanto povo construtor da nossa identidade. Foi somente após a independência política do Brasil em 1822 que os índios ingressaram na literatura brasileira de forma iterativa. Deve-se ao movimento literário chamado *Romantismo* a iniciativa de tratar o índio como um ente digno de ser valorizado, e tal valorização ficou conhecida em nossa literatura como *indianismo*, que ressaltava a coragem dos índios, sua beleza e suas lendas. O negro veio a ser lembrado na literatura brasileira somente a partir da segunda metade do século XIX, e a sua condição de escravo passou a ser tema de várias obras, como o imortal poema *Navio Negreiro*, de Castro Alves.

Faz-se necessário lembrar que os negros trazidos como escravos tiveram muitas dificuldades em reconstituir seu núcleo cultural transposto para o Brasil. O fato de os escravos serem oriundos de diversas regiões da África e, portanto, faladores de línguas e dialetos diferentes, fez os portugueses adotarem diferentes estratégias para mantê-los separados de seus grupos sociais. Para dificultar a comunicação entre os negros, os portugueses faziam de tudo: separavam as famílias, apartando os pais dos filhos, os irmãos de irmãs, dispersando sempre que possível os falantes do mesmo idioma.

Cultura é, entretanto, algo inerente à sociedade humana, e os negros, embora alijados do processo educacional vigente no país, legaram-nos grandes contribuições na música, na dança, na culinária e em outras áreas. O mesmo aconteceu com os indígenas, que, dizimados pela mão dos colonizadores e expulsos das terras onde viviam desde tempos imemoriais, não deixaram de contribuir com a nossa identidade: na música, na dança, na religião, nos cultos, etc. E os portugueses? Sua grande contribuição é a língua que liga uma diversidade de pessoas num país de dimensões continentais como é o Brasil.

Falando sobre a identidade brasileira, Neves (2001, p. 15) destaca

[...] um olhar cuidadoso sobre o Brasil [...] nos proporciona uma visão multiforme, policromática e heterogênea da realidade brasileira. O Brasil é múltiplo em sua unidade e contraditório em sua pluralidade. É um país de contrastes demarcados por diferenças regionais, paisagens exuberantes e diversificadas, composição racial variada, mas, principalmente, por desigualdades e por contradições sociais atávicas.

Neste fragmento, podemos notar que o autor destaca a diversidade do povo brasileiro e a sua riqueza. O maior patrimônio de um país ou região é o seu próprio povo. Por isto, neste projeto, pretendemos reconstruir a identidade de pessoas que participaram do mesmo evento: a

construção de Brasília. Como participantes de um projeto grandioso como foi a mudança da capital brasileira do Rio de Janeiro para a região Centro-Oeste, essas pessoas podem nos contar problemas, sentimentos e fatos comuns a todos. Pode-se dizer, por exemplo, que pertencem a um mesmo grupo, pois tiveram anseios, dificuldades e expectativas semelhantes. Reconstruir identidade, nesse sentido, é poder rememorar sua vida e seu passado através das lembranças e da visão das fotografias de seus acervos pessoais.

3. A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA

3.1. Memórias de um Candango



Ilustração 2: Seu Ozair em sua casa, em São João da Aliança, em 17 de janeiro de 2008, dia de seu aniversário.

Meu nome é Ozair Marques de Sales. Sou natural de Sambaíba, Distrito de Itapicuru, estado da Bahia. Sou filho de José Marques Defensor Júnior e Auta Ferreira Marques. Nasci no dia 17 de janeiro de 1938. Moro na Avenida Brasília, Quadra 2, Casa 10, Bairro Label, São João da Aliança, Goiás, CEP 73.760-000.

A minha vida profissional começou muito cedo: aos oito anos de idade já trabalhava na roça plantando milho, feijão, mandioca e batata-doce. Cuidava também do rebanho de ovelhas, precisamente em uma fazenda chamada Rita, a duas léguas da cidade de Rio Real, estado da Bahia, município vizinho de Itapicuru. No ano de 1950, eu e minha família fomos morar em Ibirataia, povoado pertencente ao município de Ipiauí, Bahia, na região cacauzeira. Meu pai era comerciante ambulante e seu comércio era de calçados, bordados, espingardas e arreios; minha mãe e eu vendíamos esses produtos na feira livre aos sábados. Quando ela não podia ir para a feira, eu ia vendê-los sozinho.

Depois de algum tempo trabalhando na feira, um primo meu chamado Veridiano Souza Ramos, conhecido por “Souza”, deu-me um par de sapatos usados por nome roló, ou seja, uma botina rústica de cano curto. Eu vendi o roló por vinte e cinco mil réis e comecei a comercializar os produtos que citei acima na Sambaíba, Bahia, e Tobias Barreto, Sergipe.

Cheguei a ter trinta contos de réis e, para se ter uma idéia do valor do dinheiro daquela época, eu tinha um conterrâneo chamado João Araújo que comprou um caminhão Chevrolet no valor de cento e cinco contos de réis na cidade de Aracaju, Sergipe.

Lembro-me bem de um episódio no final do ano de 1950, ocorrido precisamente no mês de dezembro: minha mãe me levou junto com meus irmãos, Áurea, Bernadete, Agnaldo, Napoleão e Raimunda, para passear na Sambaíba. Minha outra irmã Maria Marques, “Tolita”, foi criada por minha tia Nila, portanto ela não estava incluída na viagem nem morou em Ibirataia. Foi um passeio muito agradável.

Em 1955, a minha mãe faleceu e papai mudou com todos nós, menos Tolita, para Guaratinga, povoado pertencente ao município de Porto Seguro, Bahia. Ele comprou uma fazenda numa localidade chamada Córrego do Mineiro. Esta propriedade foi desbravada por nós. Quando chegamos no local, só existia uma capoeira, ou seja, uma área cujas árvores haviam sido derrubadas e que começou a se regenerar, formando uma mata rala. A fazenda ficava numa região da Mata Atlântica, na qual existem muitas espécies de madeira de lei. O desmatamento foi feito com o uso de machado, foice e facão, nada de motosserra. Eram as ferramentas mais usadas da época. No início, plantamos mandioca, milho, feijão, batata-doce e arroz. Mais tarde, plantamos café, cacau, banana, coco, manga, jaca e pastagem. Também tínhamos criação de galinhas, porcos, carneiros e vacas.

No ano de 1957, resolvi voltar para a Sambaíba. Chegando lá, sem ter uma profissão definida, resolvi aprender o ofício de sapateiro, o que ocorreu em três meses. No final do ano de 1958, resolvi ir para São Paulo; juntei alguns trocados e fui para Salvador. Lá chegando, comprei uma passagem de trem de Salvador a São Paulo. Embarquei e, no meio do caminho, na cidade de Contendas, Bahia, ele quebrou; era o famoso maria-fumaça. Ficamos lá dois dias até receber socorro. A viagem prosseguiu até chegar a Monte Azul, em Minas Gerais. Passamos mais um dia parados para trocar de trem. Seguimos para Belo Horizonte e mais uma vez tivemos que esperar um dia para a troca. O trem seguiu para o Rio de Janeiro e, quando eu cheguei lá, fui procurar minha bagagem. De posse da mesma, procurei uma hospedaria na Rua Getúlio Vargas, mas não dormi lá, apesar de ter pagado a diária. Voltei para a Central do Brasil e passei a noite praticamente sem dormir. No dia seguinte, tomei o trem para São Paulo e, ao desembarcar, procurei auxílio da Polícia e da Emigração. Naquela noite dormi na 6ª Delegacia de Polícia, na Rua Florêncio de Abreu, na capital. No dia seguinte, fui procurar um endereço de uns conhecidos nossos em Moema, fornecido por minha tia Marieta, mas não consegui encontrá-lo. Retornei, então, para São Paulo e tomei a decisão de retornar para a minha terra natal, Sambaíba. Comprei uma passagem para o Rio de

Janeiro e, chegando à Central do Brasil, comprei uma passagem para Salvador. Graças a Deus, eu tinha dinheiro suficiente para o retorno da minha viagem. Chegando à Sambaíba, resolvi me casar com dona Josefa Barreto da Anunciação.

Em 1964, já casados, minha mulher e eu resolvemos ir para Guaratinga, mais precisamente para a propriedade do meu pai, no Córrego do Mineiro. Já tínhamos quatro filhos: João Batista, Jacob, Rita e Paulo. Passamos a morar naquela localidade e ficamos ali o final de 1964, o ano de 1965 e uma parte do ano de 1966. Naquele ano, no mês de abril, fomos para Brasília. Moramos na casa do meu concunhado Cassiano Alves Barreto, sito à QNE⁴⁴ 03, Lote 29, Taguatinga, Distrito Federal. Lá moramos por três meses. Depois desse tempo, um comerciante chamado José Vencedor nos alugou um barraco. Naquele ano nasceu a minha segunda filha, Rute Maria.

No início, a vida foi muito difícil para mim. Sem emprego, tive que improvisar um carro de mão feito de madeira, no qual eu vendia frutas de porta em porta: bananas, laranjas, abacaxis, limões, etc. Mas como as vendas não davam para eu sustentar a minha família, deixei essa atividade e fui trabalhar como auxiliar de lanterneiro, em uma oficina de um português, em Taguatinga Sul. A oficina fazia a manutenção dos ônibus da empresa “Pioneira”. Eu tinha como instrutor e orientador, Hugo, meu sobrinho.

O ano de 1966 foi um ano muito difícil; eu sempre procurava trabalho nas obras em construção, mas não encontrava. No mês de julho daquele ano, finalmente, encontrei um emprego: a minha cunhada, Maria Barreto, tinha uma vizinha casada com um senhor que conhecia um coronel da reserva da Aeronáutica. Foi por intermédio deste último que eu fui admitido, em 31 de julho de 1966, no IBRA, Instituto Brasileiro de Reforma Agrária. O referido coronel, cujo nome era Rui de Freitas Ramos, assumiu o CRCT-2, o Centro Regional de Cadastro e Tributação do IBRA. Inicialmente, fui admitido como mensageiro, fazendo serviço de limpeza e cafezinho, atendendo principalmente o centro de cadastro já mencionado.

No ano seguinte, 1967, consegui comprar um barraco na vila do IAPI, que era uma invasão, lá morando até dezembro de 1968, mês em que “ganhei⁴⁵” uma casa da SHIS, na Quadra 2, Conjunto C, Casa 304, Setor Norte, Gama, DF⁴⁶. No ano de 1971, nasceu meu filho Carlos Augusto.

⁴⁴ Quadra Norte E.

⁴⁵ Naquela época, a pessoa que recebia uma casa da SHIS, que seria financiada pelo Sistema Financeiro de Habitação, costumava dizer que tinha ganhado uma casa.

⁴⁶ Distrito Federal.

Depois de dois anos trabalhando, passei para auxiliar técnico e, por último, fiz concurso interno para Técnico em Cadastro Rural. Algum tempo depois, o IBRA passou a se chamar INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

Trabalhei durante vinte e seis anos e me aposentei em tempo integral, com trinta e cinco anos de serviço, porque, tendo sido comerciante, consegui averbar junto ao INCRA uma certidão de tempo de serviço de nove anos expedida pelo INSS.

Sobre a minha vida escolar, quando eu cheguei a Brasília, em 1966, tinha apenas a quarta série primária. Nos anos de 1966 e 1967 eu não estudei. Só comecei a estudar em 1968. Como eu não tinha qualquer comprovante escolar, fui matriculado na quarta série primária e nos meados do ano passei para a quinta série na Escola Classe 12 do Gama. Depois fui promovido para a primeira série do curso ginasial, no Colégio Provisório do Gama, na Quadra 1, Setor Norte do Gama. Em 1972, concluí a quarta série do curso ginasial.

Concluí o curso de segundo grau no Colégio Compacto do Gama, formando-me em Técnico de Administração de Empresas no ano de 1980.

No ano de 1988, minha esposa, Josefa Barreto de Sales, faleceu.

No final de 1989, casei-me com dona Zenaide Maria das Graças Almeida. Desta união temos dois filhos, Isaac e Sara Lídia. Tenho três enteadas, cujos nomes são Márcia Regina, Andréia e Sílvia.

Termino este breve relato pedindo que Deus os abençoe, que essa caminhada sirva de exemplo para os nossos filhos, que eles entendam que através do trabalho e da honestidade é possível viver uma vida digna. E que as pessoas possam formar opiniões, determinar objetivos valiosos e orientar os jovens para uma vida melhor, com base na disciplina, no respeito ao ser humano, principalmente no amor a Deus e ao próximo.

3.1.1. Fotografias de Seu Ozair Marques de Sales



Ilustração 3: Seu Ozair (à direita), sua esposa Josefa, seus filhos (escadinha de quatro) João, Jacob, Rita, Paulo e Rute (no colo) no dia do batizado desta última em 1966.



Ilustração 4: O batizado do filho Carlos Augusto (no colo). Aparecem também o padrinho Deraldo (à esquerda), Jacob, Tolita (madrinha), seu Ozair, dona Josefa, Rute, Paulo, Rita e João.

3.2. Casa da Memória Viva

Na Ceilândia existe uma *Casa da Memória Viva*. É uma casa que foi transformada pelo seu morador, o professor Manoel Jevan Gomes Olinda. Nesta casa que se tornou um museu da história dos Candangos há muitas atrações: exposições, biblioteca e a história de pessoas que participaram da construção de Brasília⁴⁷ e foram removidas para a Ceilândia. É um espaço aberto à visitação de grupos escolares, gratuitamente, às terças e quintas feiras das 15h às 17h, e a pesquisadores e professores das 20h às 22h. Para visitá-la, é necessário agendamento prévio através do telefone 3377-4652. O endereço é QNM⁴⁸ 38, Conjunto D, lote 14, Ceilândia.

Eu visitei o espaço no dia 2 de março de 2007 e entrevistei o professor Manoel Jevan para saber como funciona e vejamos o que descobri.

A idéia de criar o museu surgiu em 1993, quando o professor Manoel Jevan ainda era um estudante de um colégio do Plano Piloto. Lá no colégio, os estudantes do Setor P Sul, um bairro da Ceilândia, eram discriminados pelos colegas de outras localidades. Eram chamados de *pé sujo*. O jovem estudante tinha vontade de crescer e com muito esforço se tornou professor de História. Nesta profissão sentiu uma grande vontade de ajudar os pioneiros de sua cidade e de lutar pelos excluídos. Foi deste desejo de justiça que surgiu a idéia de criar uma casa onde os Candangos pudessem se sentir à vontade, um lugar que ninguém se sentisse discriminado por fazer parte da comunidade ceilandense e ainda possibilitasse que seus freqüentadores pudessem conhecer a história de seus conterrâneos. O próprio professor, Manoel Jevan, saía às ruas da Ceilândia e conversava com os moradores procurando saber onde moravam os mais antigos, quais eram seus nomes, como viviam, de onde tinham vindo, que histórias tinham para contar...

As pinturas da Casa da Memória Viva são feitas por artistas da cidade e os objetos de decoração são adquiridos por meio de doações. A divulgação do museu ocorre através dos alunos do professor Manoel Jevan que visitam o espaço. Ele trabalha em duas escolas: uma no Setor P Norte, onde trabalha com Educação de Jovens e Adultos e outra no Setor P Sul, onde trabalha com Ensino Fundamental.

⁴⁷ Consultar o livro “Construtores de Brasília: estudo de operários e sua participação política”, de Nair Bicalho de Sousa, Editora Vozes, 1983, que aborda esta temática.

⁴⁸ Quadra Norte M.

A Casa da Memória Viva não recebe ajuda financeira, só recebe uma pequena contribuição de pesquisadores e alunos. O professor Manoel Jevan tem o sonho de transformar o museu numa fundação.

3.2.1. Fotografias da Casa da Memória Viva



Ilustração 5: Cartaz informativo.



Ilustração 6: Frase anunciando "A mala do livro".

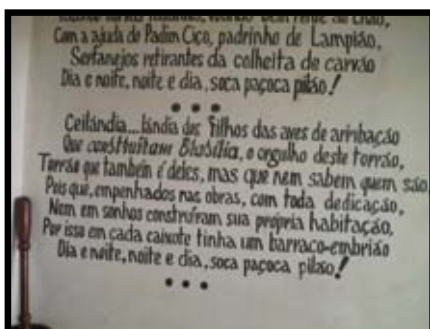


Ilustração 7: Poema sobre a Ceilândia.



Ilustração 8: Sementes de um exemplar da palmeira trazida para o Brasil por Dom João VI.



Ilustração 9: Cartaz com fotos sobre a Casa da Memória Viva.



Ilustração 10: Mural na parede.



Ilustração 11: Representação dos candangos, símbolo de Brasília, reivindicando a Ceilândia como terra também dos candangos.



Ilustração 12: Representação dos candangos.



Ilustração 13: Eu (Rita) e o professor Jevan no espaço destinado a palestras.



Ilustração 14: Eu (Rita) explicando aos alunos do professor Manoel Jevan qual era o meu projeto de pesquisa na Unb.



Ilustração 15: Objetos de decoração do museu.



Ilustração 16: Fachada do "Museu da Memória Viva".



Ilustração 17: Professor Jevan explicando sobre o que existe no museu.

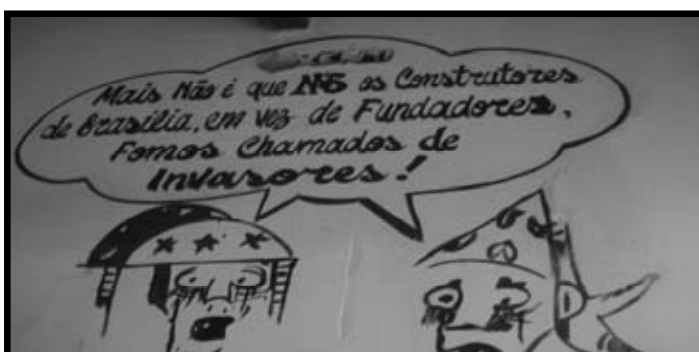


Ilustração 18: Representação dos candangos ceilandenses.



Ilustração 19: Bandeira na entrada da casa.

3.3. Trabalhos interpretativos sobre a construção de Brasília

3.3.1. Brasília: imagens e representações

A casa materna é uma presença constante nas autobiografias. Nem sempre é a primeira casa que se conheceu, mas é aquela em que vivemos os momentos mais importantes da infância. Ela é o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções. Fixamos a casa com as dimensões que ela teve para nós e causa espanto a redução que sofre quando vamos vê-la com os olhos de adulto (Ecléa Bosi, 1979, p. 435)

No texto *Brasília: imagens e representações*, Carvalho (2001, p. 167-180), procurando entender o período histórico referente à construção de Brasília, utiliza-se de contribuições obtidas em discursos populares ligados à capital da República: *Diário de um Candango*, de José Marques da Silva (um discurso popular literário), *O Candango na Fundação de Brasília*, de Sebastião Varela (em forma de cordel) e *Piotários e Pioneiros ou A Epopéia de Marcília*, de Natalino Cavalcante (sátira em forma de panfleto que narra a construção de Brasília).

Carvalho (2001, p. 169) destaca o fato de que “as vozes populares [...] fazem parte das séries discursivas” – no momento histórico da construção de uma nova cidade no interior do país. Na visão desta autora, os poetas populares traduzem, em seu discurso, os sentimentos dos primeiros Candangos: suas desesperanças, tristezas, humores, sarcasmos, mas isto não importa; o que importa são as condições de possibilidade de permanência de certas representações do imaginário. Nesse contexto, os discursos de Juscelino Kubitschek vêm colaborar com a imagem do Candango: um novo herói. Nas palavras da autora:

Nas imagens geradas pela fala do presidente Juscelino Kubitschek, constrói-se a figura de um novo herói, sujeito coletivo, corajoso, determinado; identificado inteiramente ao idealizador de Brasília, a ponto de substituir a ele e, trazer para o plano da materialidade, o que era apenas um sonho, um ideal (CARVALHO, 2001, p. 170).

Ora, os Candangos vieram para Brasília em busca de melhores condições de vida para si e para suas famílias. Tinham que ter coragem, pois iam enfrentar o desconhecido, além de, em sua maioria, deixarem para trás seus familiares, para buscá-los depois. No entendimento de Carvalho, houve um deslocamento da figura do presidente JK para o homem comum, cuja tarefa era empreender a construção daquela que no futuro seria Patrimônio Cultural da Humanidade; o Candango não seria apenas o construtor de Brasília, mas de sua própria vida. “O Candango ganha

então, em Brasília, a conotação do caçador de sonhos, domesticador do medo e dos espaços” (CARVALHO, 2001, p. 170).

Os Candangos enfrentaram muitos desafios para manter sua sobrevivência: obras com um mínimo de segurança (muitos Candangos morriam nas obras), ausência de suas mulheres, problemas com saneamento básico e outros. Para entender melhor esses personagens, Carvalho agrupa fragmentos em torno de certos sentidos axiais: identificadores-heróicos/apelo-mítico/integração nacional, desamparo/esperança, louvação do herói. E, analisando-os, verifica que esses enunciados trabalham a identidade e a figura do Candango, delimitando suas origens regionais e suas qualidades. Macho seria quase sinônimo de nordestino (maioria entre os Candangos); viril representava a decisão, o ato de realização de Brasília. Tanto na fala do presidente Juscelino Kubitschek quanto no discurso popular, a tônica argumentativa é a mesma: coragem, bravura, destemor e fidelidade do Candango.

Concluimos, então, a partir da leitura desse texto, que os Candangos contribuíram muito para o engrandecimento da capital da República, e como heróis que foram, enfrentando todo tipo de obstáculos tais quais os bandeirantes nas suas incursões pelo interior do Brasil, conseguiram guardar para sempre no imaginário popular, consagrado pelas obras de seus escritores populares, a imagem do eterno herói. Neste trabalho de pesquisa, pretendemos conseguir relatos que nos façam perceber o quão importante é a figura destes personagens que, com a sua coragem, souberam deixar seu lugar de origem para correr atrás do sonho grandioso de um homem, considerado pelos seus contemporâneos como um visionário: Juscelino Kubitschek de Oliveira.

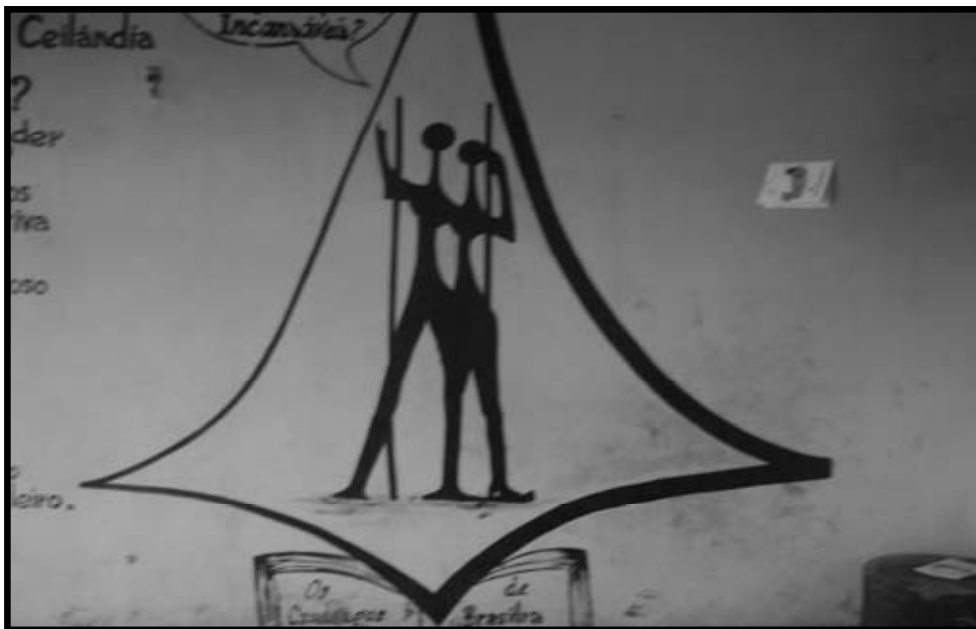


Ilustração 20: Representação dos Candangos, na Casa da Memória Viva.

3.3.2. Impactos da história de Brasília na (re)criação de identidades e direitos de moradores da Vila Planalto

O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória ora está em retraimento, ora em transbordamento (Jacques Le Goff, 1994).

O texto Impactos da história de Brasília na (re)criação de identidades e direitos de moradores da Vila Planalto, de Brayner e Magalhães (2001, p. 181-189), faz uma constatação: a de que o grande número de experiências de trabalhos com a História Oral realizados no Brasil, principalmente nas universidades, a partir do ano de 1990, assim como a criação da Associação Brasileira de História Oral em 1995, iniciaram o aprofundamento de discussões e a incorporação de novos temas ao debate.

Acrescenta, também, que, na Universidade de Brasília, o Núcleo de Estudos da Cultura, Oralidade, Imagem e Memória, no Centro Oeste – Necoim, desde 1992, desenvolve pesquisas de caráter multidisciplinar sobre a história do Distrito Federal. As autoras dizem que, em locais remanescentes de acampamentos de obras do início da construção de Brasília – Vila Planalto, Paranoá e Núcleo Bandeirante –, foram desenvolvidos trabalhos de História Oral, com o intuito de realizar uma investigação histórico-social que contribuísse para a formulação de políticas públicas educacionais e culturais que promovessem a recuperação da história regional das cidades “esquecidas” pela história oficial.

A entrevista com a História Oral, dentro da linha metodológica seguida pelas autoras acima mencionadas, é um momento único, singular, no qual os sujeitos dialogam e reconstróem a história por meio de lembranças ou rememoração. Nesse contexto, os moradores da Vila Planalto são vistos como construtores do processo histórico e também de um saber crítico sobre a dinâmica da História. Esses moradores têm consciência de que a Vila Planalto só permaneceu no Plano Piloto porque, entre outras razões não menos fundamentais, seus habitantes utilizaram o tombamento como estratégia de sobrevivência, através da apropriação da identidade do “pioneiro” e “filho de pioneiro” para fazer valer o seu direito à moradia naquele espaço urbano, ao contrário de outros acampamentos que foram segregados do centro do poder da capital federal.

Os pesquisadores, que se fundamentaram em entrevistas orais de histórias de vida e/ou temáticas com moradores das localidades mencionadas, produziram um acervo de entrevistas orais de incalculável valor histórico. Em relação aos moradores da Vila Planalto, houve um diálogo no intuito de apreender o processo de construção de identidades sociais em elaboração

no presente histórico da Vila. As autoras consideram que no diálogo estabelecido com os moradores da Vila Planalto, há a percepção de que as concepções de memória, história e patrimônio histórico se relacionam em um processo dialético no qual há disputas entre diferentes interesses e projetos de reconstrução e reapropriação de espaços e de identidades sociais historicamente produzidos.

A partir deste texto, podemos concluir, portanto, que os Candangos da Vila Planalto assim como os outros mencionados nesta pesquisa, conseguem, através da rememoração, transmitir informações capazes de reconstruir a história de localidades que ficaram esquecidas pela história oficial.

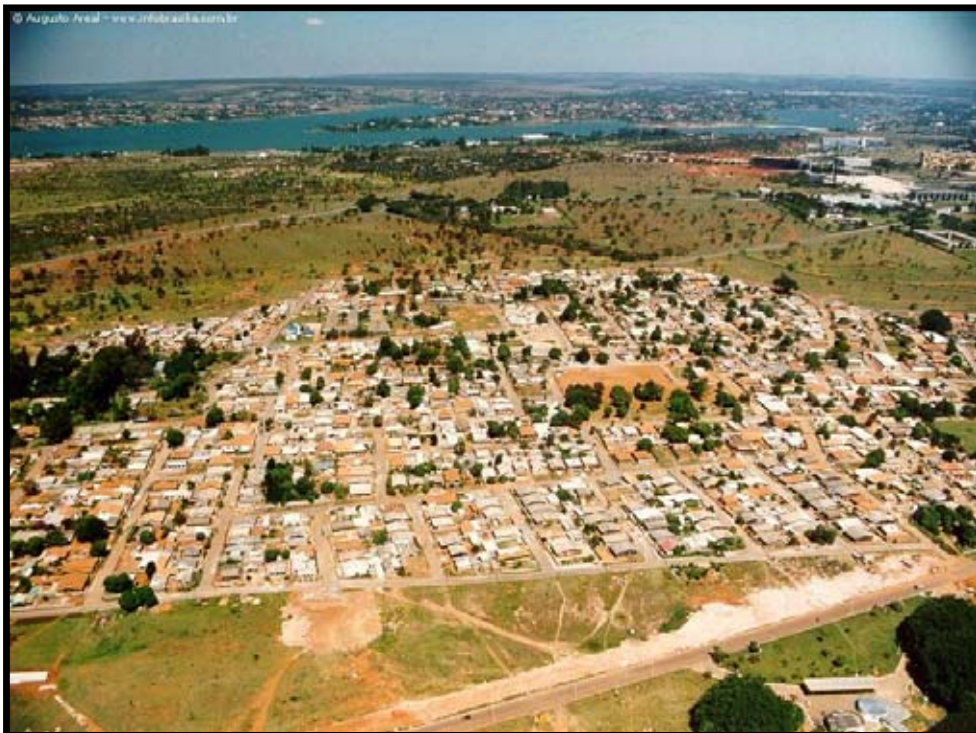


Ilustração 21: Vista aérea da Vila Planalto que, embora pareça, não é considerada uma cidade satélite, pois fica dentro dos limites da RA-I - Brasília (AREAL, Augusto C. B., 2006. Disponível em: <<http://www.geocities.com/TheTropic>. > Acesso em 26/12/2007).

3.3.3. Vizinhança e desenho urbano: Paranoá-DF

O espaço da primeira infância pode não transpor os limites da casa materna, do quintal, de um pedaço de rua, de bairro. Seu espaço nos parece enorme, cheio de possibilidades de aventura. A janela que dá para um estreito canteiro abre-se para um jardim de sonho, o vão embaixo da escada é uma caverna para os dias de chuva. (Ecléa Bosí, 1979, p. 435)

O texto Vizinhança e desenho urbano: Paranoá-DF é baseado em informações obtidas em entrevistas que ampliam e apreendem dados da vida social⁴⁹, além de contribuir para a análise e desempenho de uma nova cidade em contraste com a antiga: o Paranoá Novo e o Paranoá Velho. De acordo com Sinoti (2001, p. 283- 284), a cidade do Paranoá é mais um dos assentamentos do Distrito Federal, cuja existência decorre de embates entre a população e o poder local pela moradia.

Como tantos outros, o assentamento, montado em 1957, também se originou de um acampamento da construção de Brasília. Sua finalidade era abrigar os operários responsáveis pela construção da barragem do Paranoá. Ao redor do acampamento, havia algumas vilas de moradia precária como a Vila do Sapo, a Vila Parafuso, a Vila dos Mineiros e outras. A inauguração de Brasília, em 1960, não provocou o desmanche imediato desse e de outros acampamentos, porque muitas obras ainda não estavam concluídas. Por outro lado, as empresas responsáveis pelas obras, ao terminá-las, iam deixando no lugar casas e edificações de uso comum, como escolas, galpões, igrejas e redes de água e luz.

Os operários e seus familiares, cujas casas eram precárias, feitas de papelão, sacos de cimento ou capim, passavam a habitar as casas dos engenheiros e outros alojamentos, bem mais confortáveis. As vilas começam a ser ocupadas por levas de habitantes e continuam agregadas aos acampamentos. Assim, tudo passa a ser uma única estrutura e vem a ser chamada de Vila Paranoá. Os anos passam, a localidade atrai cada vez mais habitantes de baixa-renda e, já em 1980, a infra-estrutura existente não suporta a demanda dos moradores que vivem em constantes conflitos com os órgãos de controle governamental. Em 1990, ocorre a fixação do assentamento, mas não na área original e sim em área contígua, por decreto do governador Joaquim Roriz.

A maioria das entrevistas foi realizada com moradores que habitam o Paranoá há vinte ou trinta anos, ou seja, com habitantes que possuem uma experiência do lugar que foi se

⁴⁹ Relativos à moradia.

consolidando. Nas entrevistas, percebe-se que o contraste estabelecido pela mudança de local de moradia está presente nas expressões de saudosismo:

Eu⁵⁰ gostava muito daquele lugar, das minhas plantas, do meu lugar... amanhecia o dia, eu varria aquele quintal todo, deixava limpinho. Eu acho que aquilo era muito importante! E os vizinho da gente assim, tinha bastante pessoas de mais idade que eu. Eu casei com dezessete anos, e as mulheres tudo mais de idade, pessoas mais maduras. E eu como era criança, sem experiência, eu achei que aquelas vizinhas podiam ser minha família. Então a gente foi adquirindo assim, uma amizade, assim... aquele apoio. Então a gente se apóia um nos outros, a gente se sentia muito bem (SINOTI, 2001, p. 292).

Há também um contraste em relação à denominação da nova moradia; antes esta era casa, atualmente é lote. Para Sinoti (2001, p. 292), as divisões (cercas) que delimitavam os quintais, bem como a contigüidade das casas habitadas por pessoas conhecidas, facilitavam a comunicação interpessoal e o controle do espaço, proporcionando uma sensação de segurança. As lembranças fazem referência ao espaço pessoal e ao do vizinho:

As referências espaciais antigas, além daquelas decorrentes do espaço público, como as ruas e as praças, são aquelas da ordem privada: a casa, as árvores das casas e as casas dos vizinhos. As moradias estavam dispostas em uma espécie de conjunto, com uma face externa voltada para a rua e uma face interna voltada para os quintais, muitas vezes com afastamento lateral da casa em relação à cerca (SINOTI, 2001, p. 292).

Numerosas invasões aumentaram a população da cidade e, apesar das moradias no Paranoá Novo estarem muito próximas, isso não significa que haja segurança, porque os moradores ao lado são desconhecidos; também não há a visão de antigamente, quando as casas eram delimitadas por cercas. Hoje em dia, as casas são cercadas por muros altos, o que dificulta a visualização dos moradores vizinhos.

Podemos, então, concluir que os laços da vizinhança são muito importantes para se entender o funcionamento de qualquer comunidade, especialmente no que diz respeito às características de sociabilidade. Nesse contexto, o Paranoá Novo apresenta-se como um espaço com imenso potencial de urbanidade, sendo que alguns fatores contribuem para a qualificação e desqualificação do novo espaço, entre eles podemos citar as dimensões da vida social e a relações de vizinhança.

Assim como descobrimos muitas informações acerca dos primeiros moradores de Brasília neste texto, podemos, através dos relatos dos Candangos escolhidos para esta pesquisa, aumentar nosso conhecimento a respeito dos anseios, dificuldades ou sonhos vivenciados por estes personagens que vieram contribuir para a construção da nossa capital.

⁵⁰ Depoimento de Dona Jeni de P. Rodrigues.



Ilustração 22: Entrada Sul do Paranoá. Disponível em <www.paranoa.df.gov.br>. Acesso em 20/12/2007.

3.3.4. História e memória: Metropolitana e Núcleo Bandeirante

Não somos nunca inteiramente dependentes, mas também nunca inteiramente independentes dos espaços da memória (Gonçalves Filho, 1988, p. 113).

Este texto, assim como a pesquisa de campo desenvolvida nesta dissertação, versa sobre História e memória. Aqui, estes assuntos estão relacionados à Vila Metropolitana e ao Núcleo Bandeirante. Na dissertação propriamente dita, estão relacionados aos Candangos de diversas localidades, vindos para Brasília no espaço temporal 1956-1960.

Nunes (2005, p. 155) recorreu às experiências passadas e presentes das pessoas e grupos comuns que mostram a constante disputa pelo direito à memória e à História. Nunes associa as experiências de fixação do Núcleo Bandeirante e da Vila Metropolitana tanto pela proximidade física entre as duas localidades quanto pelos elos históricos entre os moradores.

A Vila Metropolitana é um bairro do Núcleo Bandeirante, surgido em 1956 com a chegada dos primeiros trabalhadores em Brasília, que tinham a grande tarefa de construir a nova capital do Brasil. Sua origem está vinculada ao nome da firma que construiu o acampamento.

Já o Núcleo Bandeirante, antiga Cidade Livre⁵¹, foi um núcleo habitacional provisório, criado para ser um entreposto comercial que deveria ter sido extinto com a inauguração de Brasília. Tanto a população do acampamento da Metropolitana⁵² (crescendo em função da construção do Aeroporto de Brasília e da chegada dos familiares dos trabalhadores) quanto a Cidade Livre se expandiam física e demograficamente, embora de forma diversa. Esta última se estruturava como cidade (apresentando relações sociais, econômicas e culturais múltiplas), enquanto a primeira se estruturava com características de vila (em função das práticas sócio-culturais construídas pelos seus moradores).

Nas palavras de uma entrevistada, Estela, a Cidade Livre era cercada por todos os lados: “[...] era cheio de invasão. Tinha Morro do Urubu, Morro do Querosene, Vila Tenório, Vila Esperança, Invasão do IAPI...”.

Assim como outros acampamentos, a Cidade Livre viu-se ameaçada pelo governo de erradicação daquele aglomerado urbano. Várias famílias foram removidas para outras áreas do

⁵¹ Lá não se pagava impostos. Era uma cidade liberada: podia-se construir, colocar comércio ou qualquer coisa na cidade (Nunes, 2005, p. 182).

⁵² Empresa incumbida de construir o Aeroporto de Brasília (Nunes, 2005, p. 183).

Distrito Federal, enquanto incêndios criminosos aos barracos eram freqüentes. Mas a população reagiu: comerciantes, funcionários públicos e trabalhadores em geral se uniram num movimento chamado Pró-fixação e Urbanização da Cidade Livre. Tal mobilização garantiu aos moradores que a cidade fosse fixada por projeto de lei, em 14 de dezembro de 1961, passando a se chamar Núcleo Bandeirante⁵³.

Quanto à Metropolitana, no início de 1980, o governo fez pressão para que fosse desocupada. Também naquele acampamento houve reação: os moradores se uniram e criaram a Primeira Associação de Moradores. O argumento fundamental da população, para conquistar o direito de permanecer no acampamento, girou em torno do seu papel pioneiro no processo de construção de Brasília. Para tanto, a população utilizou-se de termos como “desbravador” e “bandeirante” para reforçar seu papel na construção da capital e fez uso da memória, alegando que seu cenário (as pessoas, o traçado urbano, os seus quarteirões e ruas tortas, a praça, os quintais, os espaços edificadas e de uso coletivo: a igreja, a escola, o estádio de futebol, a vegetação circundante) era muito importante na história de Brasília. No depoimento de seu José Jorge se tem a noção de como foi boa a conquista desse direito de permanência:

E é assim que “nós conseguimos com que consolidasse a Metropolitana e vendesse os lotes a cada morador: sem mudar nenhuma rua, sem mudar nenhum lote, sem modificação nenhuma [...]. Livre de imposições governamentais sobre construções. Aquilo que o morador queira colocar, se é uma casa de comércio, se é uma indústria, se é uma residência, seja lá o que for” (NUNES, 2005, p. 185).

Enfim, as comunidades do Núcleo Bandeirante e Metropolitana foram bem assentadas, graças à dinâmica cultural de cada comunidade que se revestiu de autonomia para definir o que preservar enquanto patrimônio histórico. Podemos concluir, portanto, que as lutas que essas comunidades empreendem para assegurar a existência de seus patrimônios levam ao reconhecimento de histórias de pessoas comuns, enriquecendo a história que ganha outros personagens, além de seus mitos fundadores.

Nesta dissertação pretendemos coletar informações que demonstrassem como as pessoas comuns são importantes para a construção da história, como seus relatos podem ser interessantes para aumentar o conhecimento já existente acerca de uma determinada localidade, assim como os personagens relatados por Nunes.

⁵³ Este nome foi escolhido através de uma espécie de plebiscito para homenagear os candangos da época, segundo depoimento de Nilton de Faria (Nunes, 2005, p. 184).



Ilustração 23: Vista aérea do Núcleo Bandeirante, antiga "Cidade Livre". (AREAL, Augusto C. B. Disponível em: <www.geocities.com>. Acesso em 26/12/2007)

3.3.5. Nas asas da suprema insensatez

Como o nome desta dissertação indica, um dos assuntos estudados na mesma é a memória dos Candangos a respeito de si mesmos e de suas famílias, na cidade que os acolheu e com a qual contribuíram de maneira significativa, Brasília, que veio a se tornar Patrimônio Cultural da Humanidade. Este texto de Freitas (2007, p. 6-7) nos alerta para o fato de que inscrever uma cidade com idade inferior a trinta anos de idade na lista de candidatas a um título de tão grande teor num rol onde se encontram obras milenares como as pirâmides do Egito, a Acrópole em Atenas, o centro histórico de Roma e São Petersburgo e a cidade de Cuzco no Peru, foi considerado um ato de insensatez. Também considera a possibilidade de ser uma insensatez construir uma cidade com a arquitetura de Brasília num espaço tão exíguo: exatos mil duzentos e noventa e seis dias desde o momento em que Juscelino Kubitschek visitou a área onde aquela seria construída até a sua inauguração, em 21 de abril de 1960.

Para ser reconhecida pela Unesco⁵⁴, Brasília deveria ser considerada como obra-prima do gênio criativo do ser humano e exemplo eminente de conjunto arquitetural, representante de um período significativo da História, além de contar com um escudo de leis para protegê-la de alterações e deturpações.

Brasília foi muito feliz nos dois primeiros testes, mas estremeceu no último quesito. O relator do processo da candidatura da capital brasileira⁵⁵, sete meses antes da 11ª. Reunião Ordinária do Comitê do Patrimônio Mundial, em Paris, alertou para a necessidade de criar instrumentos legais de defesa e proteção do Plano Piloto.

“O então governador do Distrito Federal, José Aparecido de Oliveira, baixou decreto em outubro de 1987, no qual regulamentava a Lei nº. 3.751, de 13 de abril de 1960, de preservação da concepção urbanística de Brasília” (FREITAS, 2007, p. 6). Tal lei, em resumo, diz respeito às quatro escalas que definem os traços essenciais da capital ou, em outras palavras, às quatro dimensões relacionadas aos quatro modos de viver na cidade: a escala monumental (a do poder), a residencial (a das superquadras), a gregária (a dos setores de serviços e diversão) e a bucólica (a das áreas verdes entremeadas nas demais, inclusive a vegetação nativa).

No dia 7 de dezembro de 1987, em Paris, ocorreria a 11ª. Reunião Ordinária do Comitê do Patrimônio Mundial, composta por vinte e um membros. Naquela reunião, a representante dos

⁵⁴ A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (FREITAS, 2007, p. 6).

⁵⁵ O arquiteto francês Leon Pressouyre (idem, ibidem).

Estados Unidos, Susan Reccem, chamou a atenção do plenário para o parágrafo 29 das Orientações para a aplicação da convenção do patrimônio mundial, que recomendava o adiamento do exame das cidades do século XX para depois que as cidades históricas tradicionais estivessem devidamente protegidas.

O relator, Leon Pressouyre, defendeu a candidatura de Brasília, argumentando que se tratava de uma obra singular, moderna, construída no século XX a partir do nada, com o objetivo de ser a capital brasileira. Foi a prova final. Um silêncio se seguiu, significando aprovação consensual da proposta.

O tombamento de Brasília foi tão singular quanto a própria cidade. A Unesco levou sua proteção além de escalas e obras, protegeu princípios que levaram em conta o fato de ser uma obra ainda não concluída.

Freitas (2007, p. 7) termina seu belo texto enumerando as diferentes metáforas que se referem à Brasília: avião, borboleta, pássaro gigante. E afirmando que “a capital modernista voou para uma nova dimensão do conceito de patrimônio da humanidade, que protegeu uma cidade ainda em formação”.

Concordo com Freitas: Brasília não é apenas uma cidade; é a realização de um sonho que não pertenceu a uma única pessoa, mas a um aglomerado de seres humanos que viu na sua edificação a realização de uma utopia.

3.3.5.1. Fotografias de Brasília

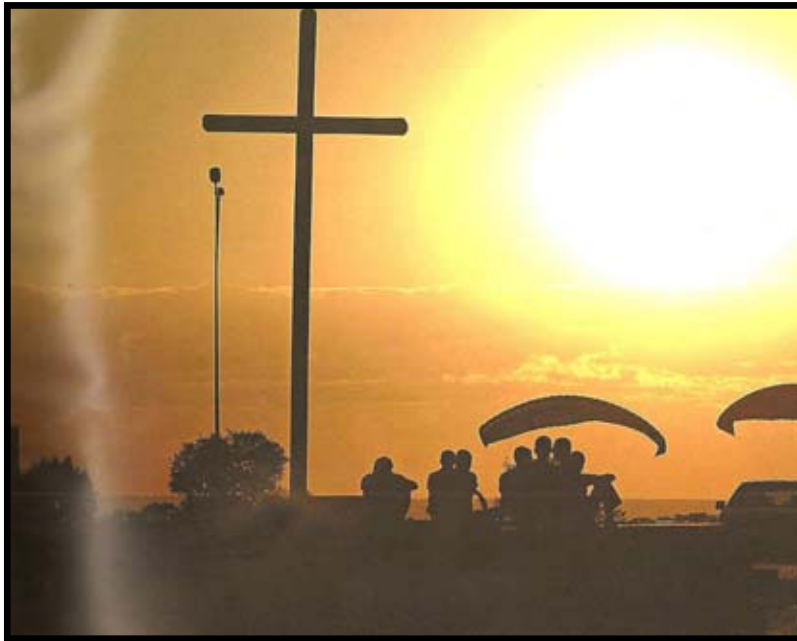


Ilustração 24: O céu de Brasília (CORREIO BRAZILIENSE, 2007, p. 11).



Ilustração 25: O céu de Brasília virou moldura (CORREIO BRAZILIENSE, 2007, p. 10).



Ilustração 26: Brasília ostentando sua escala monumental da Esplanada (CORREIO BRAZILIENSE, 2007, p. 12).



Ilustração 27: A escala gregária que se concentra no centro da cidade, no Setor Comercial, no Setor Bancário, no Setor de Diversões, no Setor Hoteleiro, Sul e Norte, e em todos os conjuntos de setores destinados à prestação de serviços e ao lazer da população (CORREIO BRAZILIENSE, 2007, p. 14).



Ilustração 28: A escala bucólica é a das extensas áreas livres, a serem densamente arborizadas, diretamente contíguas a áreas edificadas (CORREIO BRAZILIENSE, 2007, p. 15).



Ilustração 29: Eixão, via expressa com 15 km de extensão, seis faixas de rolamento e uma central de escape (CORREIO BRAZILIENSE, 2007, p. 19).



Ilustração 30: Eixo Monumental, a avenida mais larga do mundo, com 250m de um meio-fio a outro, e 12 faixas, seis de cada lado (CORREIO BRAZILIENSE, 2007, p. 21).



Ilustração 31: As superquadras, uma das grandes composições urbanas do século XX, compostas por blocos de apartamentos sustentados por pilotis, entremeados de jardins e rodeados de equipamentos da vida em comunidade, compõem a escala residencial (CORREIO BRAZILIENSE, 2007, p. 28).



Ilustração 32: A Universidade de Brasília é um acervo arquitetônico e paisagístico situado entre a Asa Norte e o Lago Paranoá, de onde sobressaem estruturas criadas por Lúcio Costa, como o Instituto Central de Ciências, o Minhocão (CORREIO BRAZILIENSE, 2007, p. 48).



Ilustração 33: A fachada do Palácio do Itamaraty tem volume envidraçado e arcos em concreto. Um grande espelho d'água o aproxima do passeio público com um jardim de plantas aquáticas tropicais criado por Burle Marx (CORREIO BRAZILIENSE, 2007, p. 61).



Ilustração 34: Memorial JK, pirâmide interrompida na base, com a estátua de Juscelino Kubitschek num pedestal de 28m de altura. Inteiramente fechado, menos pela entrada, ilumina-se com o vitral da câmara mortuária de Marianne Peretti. O memorial recentemente ganhou as estátuas de JK e de Dona Sarah (CORREIO BRAZILIENSE, 2007, p. 76).



Ilustração 35: Pulsação - Lúcio Costa concebeu a Rodoviária como um conjunto de plataformas em três níveis em que se cruzam os Eixos Rodoviário e Monumental, mistura da obra viária e obra arquitetônica. É o coração geográfico de Brasília (CORREIO BRAZILIENSE, 2007, p. 24).

3.3.6. O capital da esperança. Brasília, um estudo sobre uma grande obra da construção civil

A construção de Brasília, tal como é abordada neste projeto, foi um evento que alimentou o sonho de milhares de trabalhadores na busca por uma vida melhor. Para Ribeiro (1980) tal sonho se concretizaria na conquista do interior do Brasil. Com esse intuito, os futuros construtores da capital brasileira saíram de seus estados de origem, em que estavam acostumados a viver, para enfrentar uma realidade hostil: a precariedade e/ou ausência de condições básicas tais como alimentação e moradia, numa região que lhes apresentava uma vegetação desconhecida e a terra vermelha. No entanto, a edificação da cidade dependia do trabalho que esses aventureiros se dispuseram a realizar.

A experiência diária desses trabalhadores que construíram a cidade num tempo exíguo é retratada na dissertação de mestrado de Ribeiro⁵⁶. Neste trabalho, o autor buscou histórias e depoimentos de pioneiros nas localidades do Núcleo Bandeirante, Candangolândia e Vila Planalto para retratar as condições de vida desses heróis anônimos. Para compor a pesquisa, este autor lançou mão de reportagens dos jornais da época da construção, como a Tribuna, por exemplo, o qual circulava no Núcleo Bandeirante, além de mapas e fotografias do Arquivo Público do DF.

Neste trabalho, o autor revela conflitos causados pelo excesso de trabalho dos operários e pela busca dos mesmos por uma moradia. Os locais onde os trabalhadores habitavam, inicialmente, os acampamentos de obras, eram chamados de invasão e o governo não media esforços para destruí-los, mandando seus ocupantes para locais distantes e desconhecidos, onde eles se fixariam sem condições mínimas de higiene e saneamento básico. Os acampamentos são retratados de forma a lembrar a precariedade de lazer e de alimentação: os operários comiam em cantinas que tinham uma dupla finalidade: além de refeitório, também serviam de bar. Como os trabalhadores não tinham um lugar onde pudessem se divertir, ficavam nesses bares, onde surgiam brigas e confusões com a polícia, a qual era bastante violenta. Também é apontada na pesquisa a desproporção entre a quantidade de homens e mulheres. Para cada 100 homens havia apenas 17 mulheres. Por isso, a cidade livre, que era uma zona de comércio, logo se transformou também num local de prostituição.

⁵⁶ Professor do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, Gustavo Lins Ribeiro.

O texto “a Fotografia como Memória na Vida dos Candangos”, tal como a dissertação de Ribeiro se preocupa em apontar as condições dos pioneiros na construção de Brasília: os acampamentos, os conflitos, as moradias, a falta de saneamento básico, assim como em exaltar a coragem desses homens e mulheres que deixaram para trás sua terra natal, suas famílias e suas vivências para experimentar a realização de um sonho.

4. RELATOS DOS ENTREVISTADOS

A memória articula-se formalmente e duradouramente na vida social mediante a linguagem. Pela memória as pessoas que se ausentaram fazem-se presentes. Com o passar das gerações e das estações esse processo “cai” no inconsciente lingüístico, reafirmando sempre que se faz uso da palavra que evoca e invoca. (Alfredo Bosi, 1992, p. 28)

Foram escolhidas para serem entrevistadas oito pessoas, pioneiras na construção do Distrito Federal, e de diversas classes sociais; trata-se dos chamados Candangos, aos quais se pediu que escolhessem fotografias de seu acervo pessoal, que serviram de suporte na evocação de suas lembranças. Em seguida, procurou-se reproduzir a história de vida desses indivíduos, com a maior fidelidade possível.

4.1. Nome dos entrevistados/Cidade onde moram

Os entrevistados a seguir foram escolhidos entre cidadãos que vieram para Brasília no período compreendido entre 1956-1960. Estas pessoas se dispuseram a relatar suas experiências de vida e a oferecer suas fotografias para a edição do trabalho porque consideraram interessante uma iniciativa deste porte. Ficaram contentes com o fato de poderem contribuir de alguma forma para aumentar o conhecimento sobre o construto histórico de Brasília, esta cidade que amamos.

- João Eurípedes de Melo/Novo Gama
- José Valter Ramos/Valparaíso de Goiás
- Judite Magalhães de Oliveira/Residencial Paiva (Novo Gama)
- Maria Ascendina da Silva/Brasília
- Maria Barreto Anunciação/Santo Antônio do Descoberto
- Myriam Siqueira de Almeida/Valparaíso de Goiás
- Sílvia Cirillo Pinho da Costa/Valparaíso de Goiás
- Valdir Viana Coelho/Santa Maria

4.2. Entrevistas

4.2.1. Seu João



Ilustração 36: Seu João em sua oficina em 24/01/2008.

Meu nome é João⁵⁷ Eurípedes de Melo. Nasci em 31 de maio de 1938, na cidade de Ipameri, estado de Goiás, aliás, nasci mesmo foi no dia 31 de maio de 1940. Aquele povo atrasado tinha cada idéia, imagine aumentar a idade da gente. Estou morando no Novo Gama, Avenida Central, Bloco 7, Apartamento 104. Estudei até o segundo ano primário e durante toda a minha vida fui mecânico de automóveis. Já sou aposentado, mas continuo trabalhando em minha oficina. Sou desquitado e tenho cinco filhos: Marcos, Constância, Márcia, Sueli e Rauyl.

Eu morava em Goiânia antes de vir para Brasília, em 25 de junho de 1956. Eu vim sozinho de caminhão e fiquei numas barracas de lona doadas pelo Exército no Núcleo Bandeirante. Aquela cidade estava no começo. Eu vim fichado pela NOVACAP⁵⁸ (risos), Nova Organização para Acabar com a Pátria.

⁵⁷Seu João não tinha fotografias de família, porque as mesmas ficaram com suas ex-mulheres.

⁵⁸ Nome fantasia da Companhia Urbanizadora da Nova Capital, empresa criada com o objetivo de construir a nova capital federal do Brasil entre 1956 e 1960.

Quem me trouxe foi o engenheiro Jofre Mosaico Parada, para trabalhar como mecânico. Minha vida no começo foi um sufoco. Era o tempo todo comendo poeira e lama. Fui morar na Velhacap⁵⁹, numa casinha de madeira.

Daquela época me lembro do governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira, que foi muito bom para nós, porque tudo que temos devemos agradecer a ele.

Morei em vários lugares: Núcleo Bandeirante, Taguatinga Sul, Taguatinga Norte, Gama, Asa Norte (SQN 408, Bloco F, Apartamento 303) e, finalmente, Novo Gama.

A minha opinião sobre Brasília é que ela é um céu pra gente. Onde eu morava antes era uma novela... Foi em Brasília que adquiri família, emprego e salário. É de bater palmas para Brasília.

⁵⁹ Área posteriormente chamada Candangolândia.

4.2.1.1. Fotografias de Seu João



Ilustração 37: Seu João e seus amigos em sua oficina no Novo Gama no final de 2007.



Ilustração 38: A prefeita do Novo Gama, Sônia, seu marido Marinaldo e seu João em sua oficina no Novo Gama no final de 2007.



Ilustração 39: Seu João (à esquerda), Rosa (enfermeira), Roberto Amaro de Lucena, um empregado do seu Roberto, um conhecido de Santa Maria com a esposa e a filha. Dezembro de 2007.



Ilustração 40: Seu João entre conhecidos no Novo Gama. Dezembro de 2007.

4.2.2. Seu José Valter



Ilustração 41: Seu Valter (à esquerda) e seu amigo Fernando, em sua sala de estar no dia da entrevista: 15/10/2007.

Meu nome é José Valter Ramos. Nasci em 9 de julho de 1951 numa cidade chamada Venturosa, Pernambuco, entretanto fui registrado como se tivesse nascido na cidade de São Brás, Alagoas. Moro na Quadra 10, Casa 2, Setor D do Valparaíso I, Valparaíso de Goiás. Cursei até o Segundo Grau. Sou funcionário público aposentado, da Polícia Civil. Sou casado com a Dona Sílvia. Tenho dois filhos: Juninho e Ana Lúcia.

Antes de me mudar para Brasília, eu morava em Triunfo, Pernambuco, sertão *véio, brabo*, mas Triunfo, hoje, é conhecida como a cidade da *rapadura*. Cheguei a Brasília no mês de junho ou julho de 1958, conforme conta minha mãe. Vim com minha família: meu pai, Severino José Ramos, minha mãe, Gercina Almeida Bezerra, meus irmãos Maria da Glória, Vanda Maria e Severino.

Minha vida no início foi muito dura, *Ave Maria*. Primeiro, moramos no Núcleo Bandeirante, conhecido com Cidade Livre (1958) e depois fomos para Taguatinga (em 1959).

Meu pai era alfaiate e a minha mãe costureira. Com exceção da irmã mais velha, que meu pai pagou os estudos num colégio do Núcleo Bandeirante chamado Colégio Brasília, eu e meus irmãos tivemos bolsas de estudo no Colégio Marista.

Lembro-me bem de dois fatos políticos: a inauguração de Brasília e a Revolução de 1964, quando o governo militar assumiu o poder. Próximo à época da inauguração da capital, meu pai, que era muito bem humorado, dizia que iam derreter os pretos para asfaltar Brasília e eu ficava morrendo de medo, pensando que fosse verdade.

Alguns fatos marcaram a minha vida:

- A minha formatura do Ginásio, que foi muito emocionante;
- A morte do meu pai em 1974, quando eu tinha apenas vinte e três anos de idade e não tinha ainda experiência de morte em pessoas da família;
- Meus três casamentos: o primeiro durou oito anos, o segundo, com a Incrível Hulk (uma mulher que lembra aquela personagem verde da Rede Globo), durou cerca de três anos e o último com a Sílvia já dura vinte anos;
- A viagem que fiz com a Sílvia para os Estados Unidos em 1989 em que conhecemos as cidades de Miami e Orlando no estado da Flórida. Foi uma experiência muito, muito boa.

Pensando em Brasília, atualmente, acho que é muito agitada e não serve mais para morar. Foi por isso que vim para o Entorno, em busca de um pouco de tranqüilidade.

4.2.2.1. Fotografias de Seu José Valter



Ilustração 42: Seu José Valter (à direita) e seu irmão Severino na Vila do IAPI em 1959.



Ilustração 43: Nesta foto aparecem os amigos Albertino (à esquerda), que hoje é aposentado da Marinha e mora perto do cemitério no Setor M Norte, Seu José Valter (ao centro) e o irmão Severino (à direita) já falecido.



Ilustração 44: Seu José Valter no dia de sua formatura do Ginásio no Colégio Marista em 1967.



Ilustração 45: Seu José Valter na Polícia da Aeronáutica em 1969.



Ilustração 46: Seu José Valter e um colega na Polícia da Aeronáutica em 1969.



Ilustração 47: Seu José Valter (à direita) em confraternização de família na Superquadra 710 da Asa Sul. Foto comum a Dona Sílvia e a Seu José Valter.

4.2.3. Dona Judite



Ilustração 48: Dona Judite, em seu quintal, no Residencial Paiva, Município de Novo Gama, Goiás.

Meu nome de batismo é Judite Magalhães de Oliveira. Nasci no município de Mundo Novo, Bahia, a 1º. de novembro de 1935. Sou solteira. Moro na Quadra 5, lote 7, Residencial Paiva, Município de Novo Gama, Goiás. Escolaridade? Tenho o segundo grau incompleto, cursei até a segunda série, mas não terminei. Profissão? Sou funcionária pública aposentada.

Eu morava em Salvador antes de vir para Brasília em 11 de novembro de 1960. Vim de ônibus, cheguei no dia do aniversário de um ano do meu sobrinho mais velho, Fernando Antônio de Oliveira. Vim com a minha família: papai, mamãe, meus irmãos Antônio, Raquel, Milton, Maria Vitória e Maria das Graças, além do meu sobrinho Fernando, filho de Raquel. Fomos morar na vila do IAPI, todos numa mesma casa. Logo arrumei emprego no Hospital de Base. Papai foi trabalhar como operário: na construção da rodoviária de Brasília, na construção do Palácio do Itamaraty e em muitas outras obras, como aquelas ocas de índios, que ficam perto da CAESB⁶⁰, no Parque Way. Antônio arrumou emprego na Guarda Florestal. Milton, Maria das

⁶⁰ Companhia de Águas e Esgotos de Brasília.

Graças e Maria Vitória eram crianças naquela época. Raquel ficou muito tempo desempregada. Algum tempo depois, eu e minha irmã Raquel trabalhamos como professoras leigas na Educação de Adultos; foi assim que Raquel conheceu Mário, seu aluno, com quem veio a se casar. As reuniões pedagógicas eram realizadas numa Escola Parque da Asa Sul.

Minha trajetória profissional? Como eu já disse, primeiro trabalhei no Hospital de Base, depois trabalhei no Hospital do Gama, que era de tábuas naquela época. Trabalhei também como professora na Educação de Adultos num colégio de tábuas no Gaminha (o Setor Oeste do Gama), onde hoje é a Igreja Nossa Senhora Aparecida. Depois voltei a trabalhar no hospital de tábuas, até quando foi inaugurado o Hospital Regional do Gama. Em 1975, fui trabalhar na Administração Regional do Gama e, por último, prestei serviço na Junta de Serviço Militar do Gama, onde trabalhei apenas alguns meses, pois logo pedi aposentadoria, porque o Governador Elmo Serejo Farias criou um decreto, permitindo que os funcionários que assim o desejassem, pudessem se aposentar.

Já morei em vários locais: Vila do IAPI, Gama, Novo Gama, Luziânia, Pedregal e, finalmente, estou morando aqui neste bairro do Novo Gama (Residencial Paiva).

Fatos políticos importantes de que me lembro? Ah, me lembro da posse do Jânio Quadros em 1964. No dia em que ele tomou posse, fui trabalhar e fiquei sozinha no hospital porque todos os outros funcionários tinham ido para a solenidade de posse. Também me lembro da votação do *sim ou não*⁶¹, da morte de Tancredo Neves, da posse de Fernando Collor de Melo e dos Carapintadas⁶².

Fatos marcantes em minha vida? Ah, nada mais marcante que o nascimento dos meus filhos, que são:

- Francisco Tadeu de Magalhães, em 12 de outubro de 1962;
- Cecília Denise de Magalhães, em 23 de março de 1963;
- Sávio Sebastião de Magalhães, em 25 de março de 1966;
- Carlos Antônio de Magalhães, em 21 de janeiro de 1968, que faleceu em 20 de julho de 1980, vítima de acidente de trânsito; e
- Osvaldo Magalhães de Oliveira, em 3 de janeiro de 1975.

⁶¹ Depois da renúncia de Jânio Quadros em 1964, João Goulart assumiu a Presidência da República, mas ficou estabelecido que, em 1965, haveria um plebiscito para decidir pela continuidade do parlamentarismo ou pela volta ao presidencialismo. (FIGUEIRA, 2002, p. 381)

⁶² Jovens ligados à UNE (União Nacional dos Estudantes) que, no governo de Fernando Collor de Melo, saíram às ruas para protestar contra a corrupção. (FIGUEIRA, 2002, p. 422).

Outro fato marcante na vida foi a adoção de minha filha Sávvia Fabíola Magalhães, permitida pelo Juizado de Menores da Asa Norte em 22 de janeiro de 1985.

Olhar para as fotos e lembrar os acontecimentos? É uma delícia, é como voltar atrás no tempo: vejo de novo minha avó, há tanto tempo falecida, os batizados de filhos e parentes, os rostos queridos de entes que não estão mais conosco, os enterros de nossos parentes, as confraternizações com os colegas de trabalho, os amigos e parentes distantes.

Brasília? Brasília, hoje? Ah, é linda. O que mais gosto são as ruas largas (Eixão e W-3). Gosto também do Poder Judiciário de Brasília, porque todas as vezes que procurei fui muito bem atendida. Admiro muito as Forças Armadas, principalmente o Exército, onde meus três filhos serviram:

- Francisco Tadeu, na época do presidente Figueiredo;
- Sávio Sebastião, na época da morte de Tancredo Neves;
- Osvaldo, na época de Fernando Henrique Cardoso.

Saúde? Brasília, apesar de ser uma cidade moderna, de ser bem avançada, possui um serviço de saúde que está muito mal, como se estivesse na UTI (Unidade de Terapia Intensiva).

Um acontecimento muito especial para mim, muito especial mesmo, foi a “Solenidade de Passagem dos 40 Anos do Sistema de Saúde do Distrito Federal (1960-2000)”, quando recebi o diploma de “*Pioneiro do Sistema de Saúde do Distrito Federal*” do meu ex-colega de trabalho e Secretário de Saúde do Distrito Federal, Jofran Frejat.

Jofran Frejat é uma figura pública muito importante no GDF; como Secretário de Saúde e presidente da Fundação Hospitalar do Distrito Federal, criou muitos benefícios, entre outros:

- Quinze mil empregos diretos;
- Quadro de carreira da Fundação Hospitalar do Distrito Federal;
- Oito Centros de Saúde no Plano Piloto;
- Um Centro Cirúrgico de Queimados e uma Unidade de Atendimento a Fissurados no HRAN⁶³;
- O Segundo Bloco do Instituto de Saúde, a Divisão de Zoonoses, e o Bloco Administrativo do Hemocentro de Brasília.

Voltando a falar da festa dos pioneiros da saúde, foi uma festa maravilhosa, só para servidores da saúde, e todos que compareceram foram homenageados e ganharam um diploma.

⁶³ Hospital Regional da Asa Norte.

4.2.3.1. Fotografias de Dona Judite



Ilustração 49: Foto muito antiga feita na Bahia. Nela aparecem a avó de Dona Judite, Maria do Sacramento Magalhães da Silva, e a tia de Dona Judite, Maria Magalhães da Silva, apelidada de Dona Jilu.



Ilustração 50: Dona Judite e sua colega de trabalho, Dona Júlia (já falecida), na sacada do Instituto de Preservação e Reforma da Bahia, onde trabalhavam como costureiras de roupas dos internos do Instituto de Menores de Salvador.



Ilustração 51: Dona Mariinha (amiga de Dona Judite), sentada ao centro, com uma criança ao colo. Dona Judite está posicionada atrás de Dona Mariinha. Todas as outras pessoas que aparecem na foto são filhos de Dona Mariinha. Mundo Novo, Bahia.



Ilustração 52: Foto do pai de Dona Judite, José Borges de Oliveira, nascido a 6 de junho de 1906, em Mundo Novo, Bahia.



Ilustração 53: Foto de Dona Maria (já falecida), comadre de Dona Judite, que é madrinha de sua filha Raimunda. Foi sua vizinha na Quadra 28 do Setor Oeste do Gama.



Ilustração 54: Enterro do sobrinho Antônio, que faleceu aos oito meses de idade, filho da irmã de Dona Judite, Mariazinha, que morava numa invasão perto do cemitério do Gama. Hoje, a invasão já não existe mais.



Ilustração 55: Almoço de confraternização dos funcionários da Administração Regional do Gama, no Centro de Desenvolvimento Social do Gama em 1964.



Ilustração 56: Dona Isabel Magalhães de Oliveira, mãe de Dona Judite, com Maria das Graças (filha adotiva) nos braços, no lote da Quadra 16 do Setor Leste do Gama.



Ilustração 57: Almoço na casa do seu Lira (colega de Dona Judite), na Quadra 11 do Setor Oeste do Gama. A casa era de tábuas e o piso era de cimento vermelho.



Ilustração 58: Lembrança de aniversário – 11 de abril de 1966 – de Ivone Maria Dias, filha de Dona Ivonete, amiga de Dona Judite.



Ilustração 59: Nesta foto aparecem a irmã de Dona Judite, Dona Raquel, o cunhado de Dona Judite, seu Mário, os sobrinhos Fernando Antônio e José Antônio, além de duas irmãs de seu Mário: Neilza (maior) e Marilene, que teria sido dada pela mãe para uma família que foi embora para São Paulo.



Ilustração 60: Sávio, filho de Dona Judite, aos dois meses de idade, na Quadra 25 do Setor Oeste do Gama.



Ilustração 61: Aniversário de dois anos de Cecília Denise, filha de Dona Judite.



Ilustração 62: Batizado do filho Sávio. Foram padrinhos Seu Mário, tio de Sávio, e Dona Raquel, tia. A mocinha que aparece na foto é Diná, madrinha de apresentação.



Ilustração 63: Batismo e crisma de Sávio, filho de Dona Judite.



Ilustração 64: Batizado do afilhado Robson, na Igreja de Nossa Senhora Aparecida, no Setor Oeste do Gama. A igreja era de tábuas.



Ilustração 65: Dona Judite e a tia do seu filho Sávio (Dona Rosa) na Quadra 16 do Setor Leste do Gama.



Ilustração 66: Lembrança do colega Aristides (falecido), ex-funcionário da Câmara dos Deputados, que tirou esta foto perto da Lagoa Feia, em Formosa, onde comprou uma fazenda.



Ilustração 67: Sobrinho de Dona Judite, James, filho da irmã, Maria das Graças, em 1976.



Ilustração 68: A filha de Dona Judite, Cecília Denise, com quatorze anos de idade, aproximadamente.



Ilustração 69: Lembrança de uma colega de trabalho de Dona Judite, funcionária do Hospital Regional do Gama. O menino na foto é filho da colega.



Ilustração 70: Foto tirada no interior da Igreja São Sebastião: crisma de criança.



Ilustração 71: Batizado da filha de uma amiga.



Ilustração 72: Primeira Corrida de Bicicletas do Gama. A corrida ocorreu perto do Mercado do Setor Oeste do Gama nos anos 60.



Ilustração 73: Batizado da filha de Dona Bernadete. Os padrinhos foram Dona Raquel, irmã de Dona Judite, e Seu Mário, cunhado.



Ilustração 74: O filho de Dona Judite, Tadeu, na casa da tia Raquel em Luziânia. Atrás da árvore de Natal está seu primo José Antônio.



Ilustração 75: Os filhos de Dona Judite, Osvaldo e Sávio, com seu cachorro, na Quadra 13 do Setor Oeste do Gama.



Ilustração 76: Os filhos de Dona Judite Osvaldo e Sávio, num parquinho, no Setor Oeste do Gama.



Ilustração 77: Nicéia, sobrinho de Seu Mário, cunhado de Dona Judite, em Valparaíso de Goiás.



Ilustração 78: Missa de corpo presente do filho de Dona Judite, Carlos Antônio de Magalhães, falecido em 22 de julho de 1980.



Ilustração 79: Vista da Rodoviária do Plano Piloto em dezembro de 1982.



Ilustração 80: Patrícia e Eliane, netas de Dona Judite, em 10 de outubro de 1983.



Ilustração 81: Eliane, neta de Dona Judite, em outubro de 1983. Atualmente, ela é Técnica de Enfermagem.



Ilustração 82: Patrícia, neta de Dona Judite, em 10 de outubro de 1983.



Ilustração 83: Fabíola, filha de Dona Judite, e Denise, neta, no Pedregal, Goiás.



Ilustração 84: Sália Fabíola, filha adotiva de Dona Judite, em 1988.



Ilustração 85: Dona Judite, Sália Fabíola e Dica, amiga de Dona Judite, que mora no bairro Gurgel, Rondônia. Foto tirada em Rondônia em maio de 1991.



Ilustração 86: Aniversário de Dona Isabel, mãe de Dona Judite, em Salvador, Bahia.



Ilustração 87: Dona Judite, sua filha Sávia Fabíola e sua tia Marieta (irmã de Dona Isabel) que mora no Junco (Bahia) em Salvador, na casa de Dona Mariazinha, irmã de Dona Judite.



Ilustração 88: O filho de Dona Judite, Tadeu, e seu colega no Exército.



Ilustração 89: Sávio e os colegas no rancho do Exército.



Ilustração 90: Sávio fazendo pose.



Ilustração 91: Sávio em treinamento no Exército.



Ilustração 92: Tadeu, no Regimento de Companhia e Guarda.



Ilustração 93: Sávio, na Quarta Companhia de Infantaria e Guarda Soberania.



Ilustração 94: Osvaldo, próximo ao Quartel General.



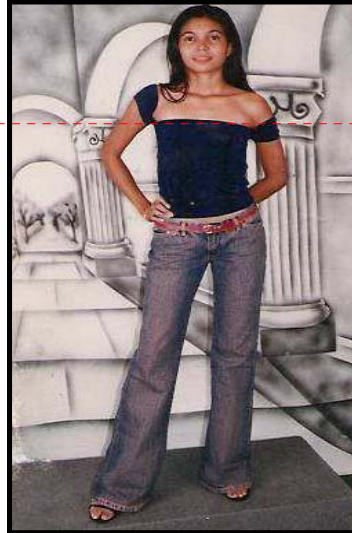
Ilustração 95: Júlia Grazielle e Clívia, netas de Dona Judite e filhas de Tadeu.



Ilustração 96: Foto tirada na casa do vizinho Erivan em Santa Maria, DF. Aparecem Erivan, seus dois filhos, além de Sávio e Sávila Fabíola.



Ilustração 97: Sávia Fabíola e Dona Judite, no dia 22 de outubro de 2002, comemorando o aniversário de 15 anos daquela, no Residencial Paiva.



Excluído: <sp>

Ilustração 98: Júlia Grazielle, neta de Dona Judite, que faleceu, vítima de acidente de automóvel no dia 18 de maio de 2003 em Rondônia.

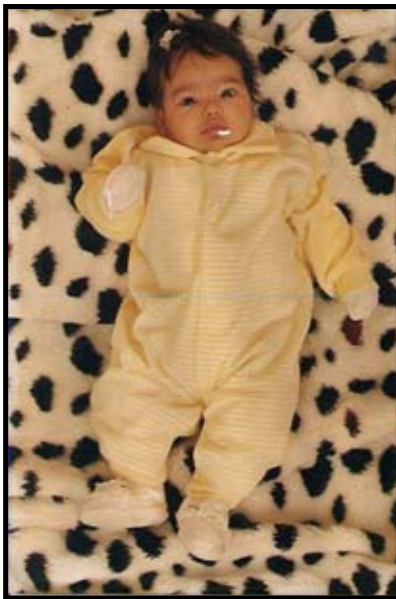


Ilustração 99: Bárbara, primeira filha de Osvaldo e Lucélia.



Ilustração 100: Isadora, segunda filha de Osvaldo e Lucélia.



Ilustração 101: Dona Judite com o “Diploma dos 40 Anos do Sistema de Saúde do Distrito Federal”.

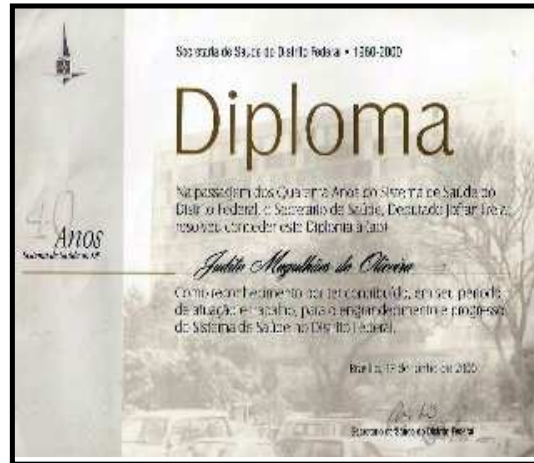


Ilustração 102: “Diploma dos 40 Anos do Sistema de Saúde do Distrito Federal”.



Ilustração 103: Convite do casamento de Patrícia, neta de Dona Judite.



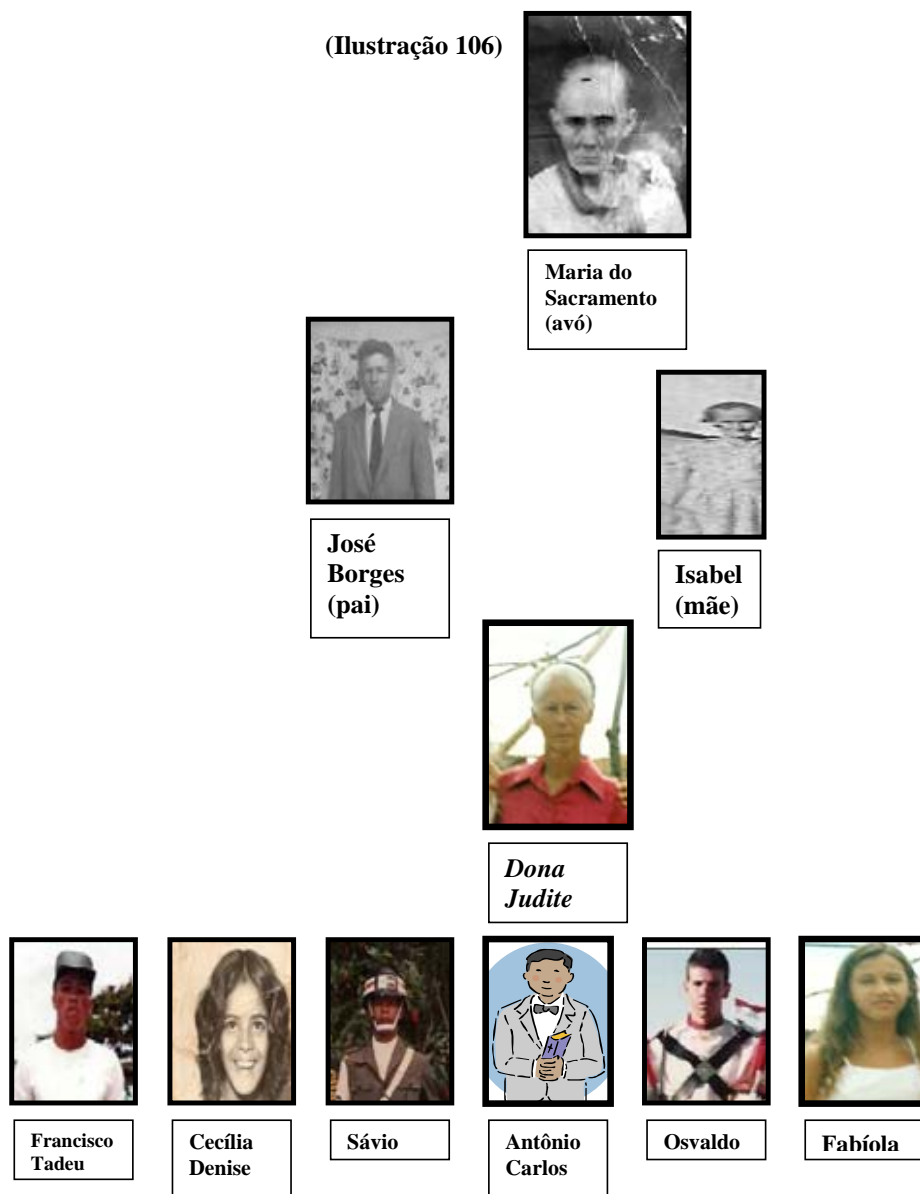
Ilustração 105: Dona Judite e seu pequeno vizinho em seu quintal no Residencial Paiva.



Ilustração 104: Dona Judite colhendo mamão em seu quintal no Residencial Paiva.

4.2.3.2. Árvore Genealógica de Dona Judite

(Ilustração 106)



4.2.4. Dona Maria Ascendina da Silva

Meu nome é Maria Ascendina da Silva. Nasci em 9 de novembro de 1941 em Guapó, estado de Goiás. Atualmente moro no seguinte endereço: SQN⁶⁴ 408 Bloco F apartamento 304 Asa Norte, Brasília. Estudei só o primário. Sou desquitada e do lar.

Antes de me mudar para Brasília em 23 de outubro de 1958, eu morava em Goiânia. Vim com meu esposo, João Eurípedes de Melo. Casei num dia e vim embora no outro. Um ano depois nasceu a minha primeira filha, Constância. Ela nasceu no mesmo dia que a sua avó materna fazia aniversário, dia 18 de setembro de 1959.

Aqui em Brasília havia poucas mulheres, o número de homens era grande, mas eles eram respeitadores. A minha primeira moradia foi na Superquadra 709 Sul, com a minha sogra, Ana Barbosa dos Santos. Depois que eu estava grávida de uns seis meses eu fui morar na Candangolândia, no acampamento da Velhacap⁶⁵ (entre o Núcleo Bandeirante e a Candangolândia), algum tempo depois fui morar em Taguatinga e passei dois anos na Superquadra 112 Sul, mas já faz trinta e oito anos que em moro neste apartamento.

A vida, para mim, no início era boa, embora o comércio fosse pouco. Naquela época, o único lugar em que a gente fazia compras era o Núcleo Bandeirante. Em mercearias, não tinha mercado grande. A vida era gostosa de viver: todo mundo era amigo, não tinha essa violência que tem hoje.

Quando Brasília foi inaugurada, eu não fui à festa, mas me lembro de quando Juscelino Kubitschek de Oliveira entregou a presidência para Jânio Quadros. Também me lembro da Revolução de 1964: havia muitos canhões nas ruas e muitos soldados armados até os dentes.

Tive cinco filhos: Constância Maria de Melo (a filha mais velha de quem eu já falei); Junimar Maria de Melo, nascida em 26 de março de 1963, que faleceu no dia 3 de junho de 1963 (no mesmo dia em que faleceu o Papa João XXIII⁶⁶), antes de completar três meses de idade⁶⁷; Márcia Maria de Melo, nascida em 2 de fevereiro de 1962; Sueli Marilac de Melo, nascida em 3

⁶⁴ Superquadra Norte.

⁶⁵ Velhacap, designação dada ao Rio de Janeiro depois da instalação da capital em Brasília. Aqui se refere a um acampamento.

⁶⁶ Alguns membros da Igreja Católica na época do falecimento do Papa, disseram que João XXIII estava partindo, mas levava consigo muitos anjinhos (Esclarecimento de Dona Maria Ascendina da Silva).

⁶⁷ Ela apareceu morta no berço, o médico disse que foi colapso, um tipo de doença infantil.

de março de 1961 e sete anos depois do nascimento de Junimar em 1970, exatamente no mesmo dia de aniversário dela (26 de março), nasceu o meu filho caçula, Marcos Eurípedes de Melo.

Quando me divorciei do João, em 1973, eu tinha apenas trinta e dois anos de idade e meu filho Marcos tinha só três aninhos. Então tive que criar a família sozinha. Meus filhos fizeram o Primeiro Grau em escolas públicas, mas a Márcia e o Marcos fizeram o Segundo Grau no Colégio JK. A Constância e a Sueli foram estudar fora de Brasília.

Tenho três netas: Aline (vinte e quatro anos), Patrícia (dezenove anos), filhas de Sueli, e Cristina (vinte e dois anos), filha de Constância.

Não estou com as fotografias da família, porque um cunhado meu de Fortaleza, levou todas para copiar e armazenar no computador dele, mas se você quiser quando ele trouxer, a gente acrescenta ao seu trabalho. Olhe, eu tenho uma coisa que pode interessar bastante a você: é uma carta do Presidente Juscelino que ele fez e entregou para cada um dos seus funcionários (o João trouxe para casa e eu guardei muito bem guardada). Outro dia vi que ela estava ficando frágil, quase rasgando e resolvi plastificá-la. Eu sei que é uma relíquia, muita gente recebeu a carta e não guardou e hoje se arrepende muito. Eu tenho uma cópia e vou dar a você.

Brasília, hoje, aqui onde moro, está péssima. Eu estou muito chateada porque existem aqui perto cinco bares cujos freqüentadores fazem muito barulho e não deixam a gente dormir.

4.2.4.1. Carta de Juscelino Kubitschek de Oliveira a seus funcionários - 1ª. parte.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Ao aproximar-se o término do meu mandato, venho manifestar-lhe, de modo especial, o meu reconhecimento pelo seu patriótico apoio à luta que tracei para conduzir a pleno êxito a causa do desenvolvimento nacional.

Sinto-me satisfeito em poder proclamar que, na Presidência da República, não faltéi a um só dos compromissos que assumi como candidato. *Merci de Deus,* em muitos setores realizei além do que prometi, fazendo o Brasil avançar, pelo menos, cinqüenta anos de progresso em cinco anos de governo. *Pude ainda,* através da Operação Pan-Americana, despertar

Ilustração 107: Carta cedida por Dona Maria Ascendina da Silva - primeira parte.

4.2.4.2. Carta de Juscelino Kubitschek de Oliveira a seus funcionários - 2ª. parte.

as esperanças e energias dos povos americanos para o objetivo comum do combate ao sub-desenvolvimento. E todo esse esforço culminou no cumprimento da meta democrática, quando o nosso país apresentou ao mundo um admirável espetáculo de educação política, que me permite succeder o mandato, num clima de paz, de ordem, de prosperidade e de respeito a todas as prerrogativas constitucionais.

Sefam qual forem os rumos da minha vida pública, levarei comigo, ao deixar o honroso posto que me confiou a vontade popular, o firme propósito de continuar seguindo ao Brasil com a mesma fé, o mesmo entusiasmo e a mesma confiança nos seus altos destinos.

Juscelino Kubitschek
Brasília - 1961

Ilustração 108: Carta cedida por Dona Maria Ascendina da Silva - segunda parte.

4.2.5. Dona Maria Barreto



Ilustração 109: Dona Maria Barreto em sua casa no dia da entrevista convalescendo de uma doença.

Meu nome é Maria Barreto Anunciação. Fiquei órfã aos nove anos de idade e quem acabou de me criar foi Maria Barreto Souza, conhecida como Mariquinha, nascida a 8 de março de 1902. Nasci na Sambaíba, município de Itapicuru, Bahia, a 18 de fevereiro de 1929, mas fui registrada como se tivesse dois anos a mais. Quando tinha dezesseis anos, para que eu pudesse votar, sugeriram que eu tirasse a certidão de nascimento como se tivesse nascido em 1927. Estudei até a terceira série primária. Sou costureira e meu estado civil é solteira. Embora eu tenha me casado na Igreja, todos os meus documentos atestam que eu sou solteira. Moro na Quadra B, Casa 16, Vila Paraíso II, Santo Antônio do Descoberto.

Antes de me mudar para Brasília, em novembro de 1960, eu morava em São Paulo. Meu marido, Cassiano Alves Barreto, veio primeiro, em março daquele ano, para trabalhar no Hotel Nacional, emprego que ele arrumou por intermédio de um amigo. Vim de ônibus com meus filhos Hugo Alves Barreto, nascido a 23 de junho de 1950, Ubaldo, nascido a 02 de julho de 1951, Urbano Alves Barreto, nascido a 28 de maio de 1952, e a caçula Eliana Alves Barreto, nascida a 15 de dezembro de 1958.

Minha vida assim que mudei para Brasília foi muito diferente daquela a que eu estava acostumada, pois eu nunca tinha morado em barracos de madeira e tive que morar na Vila do IAPI, que só tinha barracos. O meu tinha um único cômodo.

Sáímos de São Paulo para Brasília com a mudança encomendada. Nós viemos de ônibus e a nossa mudança veio de São Paulo para Anápolis de trem. De Anápolis para a Vila do IAPI, a mudança veio num caminhão da empresa Real Expresso, oito dias depois. O barraco era tão pequeno que para nossas coisas caberem foi preciso aumentá-lo. A sensação que tive ao acordar no primeiro dia na Vila foi assustadora: abri meus olhos e vi aquela enorme quantidade de barracos, uma coisa inteiramente nova para mim.

Quanto à educação dos meninos, a Vila tinha uma escola particular e os meninos foram matriculados na mesma para prosseguirem seus estudos.

A vizinhança era muito boa, normal. Minha atividade profissional no início foi costurar colchões de capim para uma fábrica instalada na Vila. Eu ia à fábrica, pegava os tecidos, as linhas e levava para casa. Lá, eu costurava os colchões e os levava de volta à fábrica para enchê-los. Depois comecei a costurar roupinhas de crianças: shortinhos, camisas, vestidinhos.

Um dia, passou um fiscal na vila e disse a nós, moradores, que dentro de quinze dias todo mundo ia ter que mudar para um lugar distante chamado Gama e que os barracos iam ser derrubados. Meu marido ficou apavorado com a idéia de ir para um lugar desconhecido e comprou um lote em Taguatinga que já tinha um barraco. Dessa forma, mudamos para lá em julho de 1961.

Um fato de que nunca me esqueci foi uma ação promovida pelo governo em Taguatinga. Distribuíram três cartões azuis e um cartão rosa para recebermos presentes para as crianças na época de Natal em 1961. Eu e minha comadre Cristina fomos para um colégio em Taguatinga, que hoje fica perto das Lojas Americanas, onde seriam distribuídos os presentes. Quando as portas do colégio se abriram, a multidão entrou quase ensandecida e nós não conseguimos receber nada além de um saquinho de pano envolto em uma fita (era o tal presente), embora houvesse vários tipos de brinquedos: carrinhos, bolas, bonecas. Na confusão, meu filho Urbano desapareceu e fiquei muito preocupada porque disseram que um menino tinha sido pisoteado. Todos começaram a procurá-lo e só depois de um dos outros meninos ter ido em casa e voltado, é que achamos Urbano, que estava agachado embaixo de uma mesa, com medo da polícia. Depois disso, encontrei um garoto e consegui trocar o saquinho que tinha recebido por uma boneca com

cabeça de plástico e corpinho de pano. Minha filha Eliana foi a única pessoa da família a ganhar presente. Minha comadre Cristina olhava para o saquinho que tinha recebido e dizia: “Pra que serve esta porqueira?” E graças a Deus nenhum menino que estava naquele local havia sido pisoteado, tinha sido invenção do povo.

Em 1975, comecei a ir para a Sambaíba (Bahia) e Tobias Barreto (Sergipe), lugares vizinhos, para comprar enxovais e revender.

Desde 1960 até o dia de hoje já morei em vários locais:

- Vila do IAPI (1960-1961);
- Taguatinga, na QNE 3 (1961 a 1972);
- São Paulo, durante seis meses (1972);
- Ceilândia, Taguatinga e Guará (1972 a 1986);
- Santo Antônio do Descoberto (1986 a 1989);
- Cidade Ocidental (1989 a 1990);
- Santo Antônio do Descoberto (1990 até hoje).

Em 1986, meu cunhado Ozair, preocupado com a minha situação de ter que pagar aluguel todos os meses, resolveu me dar um lote de presente no Santo Antônio do Descoberto, lugar que eu já tinha visitado várias vezes e do qual eu tinha me agradado. O interessante é que ele não tinha o dinheiro para comprar o lote, mas pediu dinheiro emprestado a um agiota e disse que seus filhos iam ajudar a pagar a compra do lote. Foi assim, graças a meu cunhado e à sua família que mudei para esta cidade em que moro até hoje. Aquele primeiro lote no Santo Antônio do Descoberto foi um marco para a minha nova vida e mesmo não tendo luz, construímos um barraco e eu me senti muito feliz. No dia em que a morada ficou pronta, eu disse aos meus familiares: “Agora, meus filhos, pisem firme que esse chão é nosso”.

Tenho onze netos: Shirley, Valéria, Viviane e Huguinho (filhos de Hugo); Daniel e Denise (filhos de Ubaldo); Ana Carolina e Ana Paula (filhas de Urbano); Wesley, Bruno e Alan (filhos de Eliana).

Tenho também sete bisnetos: Rodrigo (filho de Shirley), Murilo e Gustavo (filhos de Valéria); Laura (filha de Viviane); Pietra (filha de Ana Carolina); Eduardo (filho de Ana Paula); Felipe e Milena (filhos de Wesley).

Achei muito bom falar sobre os acontecimentos de minha vida. Gosto muito de ver fotos e me lembrar de fatos passados como as festas de São João na Sambaíba, as festas em família, o

rosto dos meus filhos, sobrinhos e netos, quando eram crianças e agora, o rosto de parentes e amigos em diferentes fases da vida, o rosto dos bisnetos e todos os momentos felizes que ficaram registrados para sempre.

4.2.5.1. Fotografias de Dona Maria Barreto



Ilustração 110: Cassiano Barreto, seu cunhado Chico, sua irmã Sunamita e sua amiga Elisa. Foto anterior a 1960 tirada na Bahia.



Ilustração 111: Casal de vizinhos da Vila do IAPI em 1960: Francisquinha e Raimundo.



Ilustração 112: Foto oferecida por Sunamita como "Lembrança da Romaria de Nossa Senhora das Candeias" ao irmão Cassiano Barreto em 2 de fevereiro de 1961.



Ilustração 113: Sunamita, cunhada de Dona Maria Barreto.



Ilustração 114: A irmã de Dona Maria Barreto, Nilza, em sua terra natal, Sambaíba, em dezembro de 1962.



Ilustração 115: A irmã de Dona Maria Barreto, Nilza, em agosto de 1963, na Bahia.



Ilustração 116: Jacira, sobrinha de Dona Maria Barreto, primeira filha do irmão José Mário.



Ilustração 117: Dona Maria Barreto, seus filhos Hugo, Ubaldo, Urbano e Eliana e seu vizinho em Taguatinga.



Ilustração 118: Nilza, a irmã de Dona Maria Barreto, e seus sobrinhos José e Rainério.



Ilustração 119: Eliana, filha de Dona Maria Barreto, aos três anos de idade e seu vizinho Ailton, na QNE 3, Taguatinga.



Ilustração 120: Lurdinha (já falecida), Carminha e Ailton, vizinhos na QNE 3, Taguatinga.



Ilustração 121: Eliana, Lurdinha e Ailton, na QNE 3, Taguatinga.



Ilustração 122: Clodon, Maria (sua mulher) e as duas filhas, vizinhos na QNE 3, Taguatinga.



Ilustração 123: Finada Teté, Sambaíba, Bahia.



Ilustração 125: Eliana, filha de Dona Maria Barreto, aos dez anos de idade.



Ilustração 124: Foto na Igreja da Sambaíba, na festa de São João, em 1965 aproximadamente.



Ilustração 126: O sobrinho de Dona Maria Barreto, Jacob, aos sete anos.



Ilustração 127: As sobrinhas de Dona Maria Barreto, Maria Lúcia e Maria da Glória em Jequié, setembro de 1968.



Ilustração 128: O marido de Dona Maria Barreto, Cassiano Barreto, com os colegas de trabalho no Hotel Nacional em 1959.



Ilustração 129: Idamar Ângela da Silva, nora de Dona Maria Barreto, esposa de Hugo.



Ilustração 130: A sobrinha de Cassiano Barreto em agosto de 1974.



Ilustração 131: A sobrinha de Dona Maria Barreto, Rute Maria, em novembro de 1974.



Ilustração132: A sobrinha de Dona Maria Barreto, Maria Núbia, em maio de 1971.



Ilustração 133: A vizinha de Dona Maria Barreto, Valéria, em São Paulo.



Ilustração 134: A nora de Dona Maria Barreto, Geni, esposa de Ubaldo.



Ilustração 135: Festa Junina do HUB, Hospital Universitário de Brasília, em 1973. Nela aparecem a filha de Dona Maria Barreto, Eliana, e seu neto Wesley.



Ilustração136: O marido de Dona Maria Barreto, Cassiano Barreto, em Goiânia em 1976.



Ilustração137: O neto Wesley, filho de Eliana, em janeiro de 1981.



Ilustração 138: O sobrinho de Dona Maria Barreto, José, no Gama, em janeiro de 1983.



Ilustração 139: Seu Cassiano Barreto e suas netas Valéria e Shirley.



Ilustração 140: A sobrinha de Dona Maria Barreto, Luzia, e uma criança na Sambaíba, Bahia.



Ilustração 141: O sobrinho de Cassiano Barreto, Barretinho.



Ilustração 142: O batizado de Shirley, neta de Dona Maria Barreto.



Ilustração 143: A sobrinha Luzia e a neta Shirley.



Ilustração 144: Os sobrinhos de Dona Maria Barreto, Paulinho e Núbia, no Gama, em 1983.



Ilustração 145: O irmão de Dona Maria Barreto, José Mário, e sua sobrinha Maria Lúcia, em Jequié, Bahia, em agosto de 1986.



Ilustração 146: O sobrinho de Dona Maria Barreto, Rainério, em janeiro de 1987.



Ilustração 147: A nora de Dona Maria Barreto, Sandra, suas filhas Ana Carolina (saia azul) e Ana Paula (colo) e uma vizinha.



Ilustração 148: Procissão de São João na Sambaíba, Bahia.



Ilustração 149: A tia de Dona Maria Barreto, Mariquinha, na Sambaíba, Bahia.



Ilustração 150: Cidade Eclética, próxima a Santo Antônio do Descoberto.

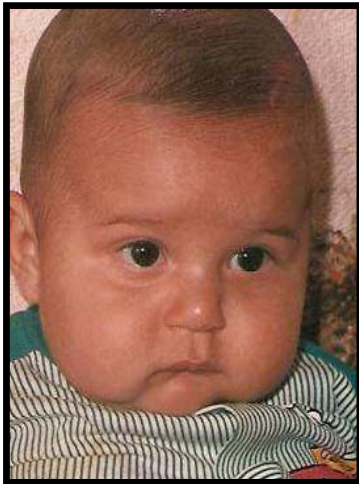


Ilustração 151: O sobrinho neto, Vítor, em 15 de março de 1988, com três meses e dezenove dias.



Ilustração 152: Ana Paula e Alan, sobrinha neta e neto de Dona Maria Barreto, respectivamente.



Ilustração 153: A neta de Dona Maria Barreto, Valéria, aos dezesseis anos de idade.



Ilustração 154: Vítor, sobrinho neto, filho de Núbia.



Ilustração 155: A sobrinha neta de Dona Maria Barreto, Malu, filha de Maria Lúcia.



Ilustração 156: O neto de Dona Maria Barreto, Alan, aos três anos de idade.



Ilustração 158: Thaís, sobrinha neta de Dona Maria Barreto, em março de 1995.



Ilustração 161: Bisnetos de Dona Maria Barreto - Felipe (filho de Wesley), Murilo Henrique (filho de Valéria) e Rodrigo (filho de Shirley).



Ilustração 157: Dona Maria Barreto e a neta Denise, filha de Ubaldo.



Ilustração 159: Dona Maria Barreto, seu neto Alan e sua filha Eliana.



Ilustração 160: A neta de dona Maria Barreto, Shirley, em agosto de 1996.



Ilustração 162: Dona Maria Barreto e sua tia Mariquinha.



Ilustração 163: Felipe, neto de Dona Maria Barreto, em março de 2001.



Ilustração 164: Rodrigo, neto de Dona Maria Barreto, em março de 2001.



Ilustração 165: Larissa, sobrinha neta de Dona Maria Barreto, filha de Luzia.



Ilustração 166: Maria Lúcia, sobrinha de Dona Maria Barreto, e sua filha Malu.



Ilustração 167: Maria da Glória (sobrinha de Dona Maria Barreto) e seu filho João Pedro em Ilhéus, Bahia.



Ilustração 168: Pietra, bisneta de Dona Maria Barreto, e neta de Urbano.



Ilustração 169: Lorena, sobrinha neta de Dona Maria Barreto, na sua festa de debutante, em julho de 2006.



Ilustração 170: Dona Maria Barreto e sua irmã Nilza, na Bahia.



Ilustração 171: Pietra, bisneta de Dona Maria Barreto na festa de Lorena.



Ilustração 172: Hugo, Eliana, Urbano, Denise (filha de Ubaldo), Alan (filho de Eliana) e Ubaldo na festa de casamento do neto de Dona Maria Barreto, Bruno.



Ilustração 173: Dona Maria Barreto, seu filho Ubaldo e seu cunhado Ozair na festa de Lorena.



Ilustração 174: Dona Maria Barreto, em sua casa no Santo Antônio Descoberto, recuperando-se de uma doença, em agosto de 2007.



Ilustração 175: Foto de Dona Maria Barreto, jovem. A foto enfeitada a sala de estar.

4.2.6. Dona Myriam



Ilustração 176: Dona Myriam, em sua casa no dia 14/03/2008.

Meu nome é Myriam Siqueira de Almeida, nasci em 11 de dezembro de 1939. Sou natural da Guanabara e vim do Rio de Janeiro para Brasília com a minha família em 1960. Naquela época, minha família era composta de quatro pessoas: eu, meu marido e meus dois filhos, José Carlos e Maria de Lourdes. Hoje sou viúva. Meu marido morreu em 1982.

Antes de mudarmos para cá, meu marido morava no Rio de Janeiro, mas trabalhava para o estado de São Paulo. Vim de ônibus com minha família. Quando cheguei a Brasília, vim morar na Asa Sul, na Superquadra 105 Sul, em um apartamento pertencente ao deputado Anis Badra. Ali fiquei aproximadamente por um ano. Trabalhei muito para advogados e assessores do governo do estado de São Paulo, que vieram para a inauguração de Brasília. Eu os recebia e os encaminhava para os lugares onde desejavam ir. Vi muitos Candangos (pedreiros) caírem dos prédios em construção, muitos chegaram a morrer da queda: os andaimes eram de madeira e não

apresentavam segurança. Naquela época, havia uns rodaminhos, apelidados de Lacerdinha⁶⁸, que impregnavam as roupas com manchas vermelhas (barro vermelho).

Mudei-me para a Superquadra 410 Sul, onde nasceu a minha terceira filha, Jussara. Naquela quadra morei por aproximadamente quatro anos. Naquele tempo, os prédios da Esplanada dos Ministérios estavam em construção: só apresentavam os esqueletos.

Mudei-me depois para o Cruzeiro Velho, onde havia poucas casas e cujas ruas eram de barro. Era uma lama triste. A escola dos meninos era perto: Escola Classe nº. 1 do Cruzeiro. Naquela cidade morei por vinte anos. Foi lá que nasceram mais cinco filhos: Jussiara, Ubirajara, Luís, Jupira e Simone.

Voltei para o Rio de Janeiro, onde fiquei por sete anos. Quando voltei, vim morar no Valparaíso, onde estou até hoje.

A minha opinião sobre esta cidade, bem, eu gosto muito de Brasília, apesar da violência que existe hoje.

Gosto de contar as histórias da minha vida e uma de que me recordo bem é uma viagem que fizemos para a Bahia. Vamos à história então:

Meu marido, Marival, havia comprado uma Kombi, ano 1966, e resolveu ir para a Bahia com toda a família, com o intuito de visitar uns parentes em Salvador. Na preparação para a viagem, compramos um fogão de duas bocas e um botijão pequeno. Lá fomos nós. No caminho, parávamos nos postos de gasolina para dormir e comer. O meu marido improvisava uma barraca com uma lona e eu e as crianças fazíamos a comida. Mas, de vez em quando, a Kombi quebrava e toda a família ficava esperando o mecânico para consertá-la. Foi em Salvador que batizamos a nossa filha Jupira, que já estava com sete anos de idade. Ficamos ali somente dois dias e fomos para Alagoinhas, onde ficamos hospedados por uns quinze dias em um colégio de freiras pertencente à família. Foi uma viagem muito boa.

Na volta, quando estávamos no estado do Espírito Santo, a Kombi quebrou de novo e, como meu marido tinha um primo chamado Dr. Agenor (médico), ficamos hospedados na casa dele: uma casa chique que tinha até mordomo. Fomos muito bem recebidos, muito bem tratados. No dia que chegamos lá, fiquei com vergonha de entrar na casa dele com as crianças com as roupas sujas.

⁶⁸ Uma homenagem carinhosa a Carlos Lacerda, líder da oposição ao governo de Jânio Quadros.

4.2.6.1. Fotografias de Dona Myriam



Ilustração 177: Jupira, filha de Dona Myriam, aos quatro anos de idade. Já falecida.



Ilustração 178: Simone, filha de Dona Myriam, no carnaval de 1984.



Ilustração 179: O filho de Dona Myriam, Ubirajara, (à direita) e seu colega Jailson, na Polícia Militar do DF, em 26/10/1994.



Ilustração 180: Ubirajara, filho de Dona Myriam, no quartel da PMDF. Quarto da fila da direita para a esquerda.



Ilustração 181: Freira, amiga de Dona Myriam, do Colégio de Freiras do Capão Redondo. Seu nome é Maria do Rosário.



Ilustração 182: Jupira, filha de Dona Myriam, falecida aos dezessete anos.



Ilustração 183: Ubirajara, filho de Dona Myriam, em casa no Valparaíso.



Ilustração 184: Ubirajara, filho de Dona Myriam, Raimundo, genro de Dona Myriam, e Luís, filho de Dona Myriam, fazendo pose de super - homem.



Ilustração 185: Bira (Ubirajara) na cachoeira de Cocalzinho.



Ilustração186: Jussara, filha de Dona Myriam.



Ilustração 187: Maria de Lourdes, filha de Dona Myriam, na fazenda de Cocalzinho.



Ilustração 188: Os netos de Dona Myriam, Alessandra e Alexandre, filhos de Maria de Lourdes.



Ilustração 189: A neta de Dona Myriam, Milena, filha de José Carlos.



Ilustração 190: A neta de Dona Myriam, Alessandra, filha de Maria de Lourdes.



Ilustração 191: Jussarinha, neta de Dona Myriam, aos dois anos de idade.



Ilustração 192: Jéssica, neta de Dona Myriam, e filha de Jussiara.



Ilustração 193: Formatura de Jardim de Infância de Vanessa, neta de Dona Myriam.



Ilustração 194: Jussarinha, no aniversário de cinco anos.



Ilustração 195: Vanessa numa festa junina.



Ilustração 196: Jussara, filha de Dona Myriam, e o cantor Daniel em São Paulo.



Ilustração 197: Cláudio, amigo de Dona Myriam, e sua filha Andreza.



Ilustração 198: Dona Myriam, a passeio, em Porto Seguro, Bahia.



Ilustração 199: O casamento de Cláudia, sobrinha de Dona Myriam, em 07/01/2005.



Ilustração 200: Dona Myriam e amigos na LBV (Legião da Boa Vontade).



Ilustração 201: Preta, Simone, filha de Dona Myriam, Raimundo, marido de Simone, e Dona Myriam em sua casa no Valparaíso.



Ilustração 202: Maria de Lourdes, filha de Dona Myriam, Dona Myriam e seu genro Licínio.



Ilustração 203: Jussara, filha de Dona Myriam, Eunice, cunhada de Dona Myriam, e Dona Myriam em Mato Grosso.



Ilustração 204: Amigos de Dona Myriam em Cocalzinho. No dia em que a fotografia foi tirada, o rapaz sem camisa faleceu, vítima de ataque cardíaco. Dona Myriam não pôde ir ao passeio.



Ilustração 205: Sílvio, cunhado de Dona Myriam, Terezinha, irmã de Dona Myriam, e os netos dos dois.



Ilustração 206: Dona Myriam e seu irmão Manoel no Rio de Janeiro.



Ilustração 207: Jussara, filha de Dona Myriam, Beto, irmão de Dona Myriam, e Dona Myriam.



Ilustração 208: Dona Myriam e sua irmã Edna em Janaúba, Minas Gerais. Edna mora nos Estados Unidos da América.



Ilustração 209: Dona Myriam, sua madrastra, Judite, sua irmã Edna e o neto de Edna.



Ilustração 210: Churrasco na casa de Dona Myriam. Bira (sentado à direita), Luís (em pé), e amigos.



Ilustração 211: Aniversário surpresa para Dona Myriam.



Ilustração 212: Jussiara, filha de Dona Myriam, Toninho, genro de Dona Myriam e Preta, nora de Dona Myriam, na casa de Dona Myriam em 14/03/2008.



Ilustração 213: Alessandra, filha de Preta e Valmar, amigo de Dona Myriam.



Ilustração 215: Wellington, amigo de Dona Myriam em 14/03/2008.



Ilustração 214: Jurema, filha de Preta, e Marcelo, marido de Jurema.



Ilustração 216: Dona Myriam em 14/03/2008.

4.2.7. Dona Sílvia



Ilustração 217: Dona Sílvia no quintal da sua casa no dia da entrevista: 15/10/2007.

Eu sou Sílvia Cirillo Pinho da Costa. Nasci no Rio de Janeiro, antigo estado da Guanabara, em 19 de julho de 1945. Tenho curso superior completo em Pedagogia. Minha profissão atual é cuidar do lar. Sou casada, mas já tive outros estados civis dessa lista: já fui solteira, casada, divorciada, viúva e agora estou casada de novo. Moro no Valparaíso de Goiás, na Quadra 10, Casa 2, Setor D, Valparaíso I.

Antes de vir para Brasília, eu morava no Rio de Janeiro. Vim de ônibus, cheguei aqui em 1960 e fui morar no Acampamento do Banco do Brasil, na Superquadra 303 da Asa Sul. Não vim sozinha, na verdade, vim com meus pais, Sílvio e Ediva, e meus irmãos Walter, Gilberto, Sandra e Gilson. Meu pai, Sílvio, trabalhava no Banco do Brasil e veio transferido para cá. A nossa vida no início foi muito fácil (risadas). A gente tinha muita mordomia, tínhamos apartamento, bom salário e até motorista para nos buscar na escola.

Os fatos políticos importantes que nunca saíram da minha memória foram a inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960, e a Revolução de 1964, que foi muito dolorosa para mim e para a minha família. O meu pai foi preso porque fazia parte do

Sindicato dos Bancários, na verdade, ele era apenas sindicalizado. Ele também foi demitido do Banco do Brasil e perdemos nossa moradia. Então tivemos que voltar para o Rio de Janeiro, onde tínhamos um apartamento, e minha mãe teve que trabalhar para custear as despesas da casa. Eu e meu irmão Waltinho também tivemos que trabalhar. Meu pai estava desempregado e ainda por cima ficou internado por seis meses, pois ficou desnorteado com a demissão. A solução para garantir a nossa despesa foi minha mãe abrir um ateliê em um quarto da casa, já que ela era costureira. Quanto a mim, fui trabalhar numa das lojas do meu primo, Lojas Esplanada, enquanto meu irmão foi ser ajudante de cabeleireiro de um tio nosso. Meu pai entrou na Justiça contra o Banco do Brasil e foi provado que ele não teve culpa no caso. Dois anos depois, voltou a trabalhar lá, recebendo os pagamentos do tempo em que ficou afastado do serviço e o apartamento de volta.

Tenho três filhos: Marcos, Soraya e Polé.

Gostei muito de falar das minhas fotos, lembrei de fatos que há muito tempo não pensava, rememorei coisas que havia esquecido, foi muito bom procurar as fotos, observá-las e falar sobre elas.

4.2.7.1. Fotografias de Dona Sílvia



Ilustração 218: Dona Sílvia e sua amiga Lygia na Superquadra 712 da Asa Sul em 1964.



Ilustração 219: Dona Sílvia e seu filho Marcos no Parque da Cidade em 1970.



Ilustração 220: Os filhos de Dona Sílvia, Marcos e Soraya, próximos à Torre de Televisão em 1970.



Ilustração 221: Dona Sílvia (à esquerda), Telma (sobrinha), Luís Cláudio (sobrinho), Juliana (sobrinha) e Valter (marido) numa confraternização de família na Superquadra 710 da Asa Sul.



Ilustração 222: Dona Sílvia em sua sala de estar no dia da entrevista: 15/10/2007.

4.2.8. Seu Valdir



Ilustração 223: Seu Valdir no Setor Leste do Gama em 2007.

Sou Valdir Viana Coelho. Nasci em 17 de junho de 1936, no Município de Parelhas, Rio Grande do Norte. Estudei até a quarta série primária. E sou servidor público aposentado, viúvo.

Vim de uma cidade pacata, vivia somente de casa para a rua, da rua para casa, e minha diversão era pegar uma espingarda chumbeira para pegar rolinhas. Dos quinze aos dezenove anos minha vida era nesse ritmo. Tinha apenas duas mudas de roupa. Um dia disse para mim mesmo: “Vou tomar fôlego e vou melhorar”. Pedi um emprego ao dono de uma usina com quem meu pai tinha uma dívida. Ele me deu o emprego e eu fui trabalhar em descarçamento de algodão durante seis meses. Quando eu recebi o primeiro pagamento, paguei uma parte da dívida e com a continuidade no emprego, terminei de pagá-la. Quando vim para Brasília trouxe um pouco de dinheiro ganho na lavoura de algodão. A cidade onde eu morava antes de vir para Brasília, em

1960, era Parelhas. Andei nove dias de pau-de-arara⁶⁹ e fiquei em Luziânia, porque a Polícia Rodoviária não deixava esse tipo de caminhão entrar em Brasília. Mas eu não vim sozinho; meus amigos José Simão Pereira, Clóvis e Sebastião Pereira vieram também.

Sáimos de Luziânia, eu e meus amigos, e fomos para um acampamento no Núcleo Bandeirante com o objetivo de arrumar emprego. Nós achamos emprego na construção civil. A primeira obra em que trabalhei foi a da construção do IPASE⁷⁰, na Superquadra 206 Sul. Era um local muito bom para trabalhar: não atrasava os pagamentos, que eram quinzenais ou mensais, tinha alojamentos para os trabalhadores⁷¹, oferecia refeições de segunda a sábado.

Mas nem todo mundo estava bem. Um acontecimento marcante daquela época foi a posse do Presidente da República, Jânio Quadros⁷². Quando ele assumiu o governo, mandou que parassem quase todas as obras da construção de Brasília e a maioria dos Candangos ficou sem emprego. No entanto, ele não ficou muito tempo no governo; logo ele teve que renunciar. No seu lugar ficou o Vice-Presidente João Goulart⁷³. Assim que os Candangos ficaram sabendo da renúncia de Jânio e da posse do novo presidente, foram para a frente do Palácio da Alvorada e começaram a bater latas, panelas, fazendo o maior barulho. João Goulart chamou seu assessor e

⁶⁹ Caminhão coberto, usado sobretudo no transporte de retirantes nordestinos para São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro (FERREIRA, 1978).

⁷⁰ Instituto de Previdência e Assistência Social.

⁷¹ Cada quarto acomodava quatro pessoas, com camas tipo beliche.

⁷² Candidato que se destacou em 1960, com 48% dos votos. No discurso de posse, criticou seu antecessor e apontou os dois maiores problemas que teria que enfrentar: o alto índice de inflação e a crescente dívida externa. Coerente com a sua promessa de campanha, Jânio adotou um programa econômico de combate à inflação, com reforma cambial, restrição ao crédito, redução dos subsídios ao trigo e ao petróleo. As medidas atraíram o apoio do FMI, o que facilitou a negociação da dívida externa e a obtenção de novos empréstimos. Logo, porém, o efeito dessa política se faria sentir com a recessão e o conseqüente descontentamento popular. Outra promessa de campanha foi a moralização da administração pública, que Jânio não conseguiu cumprir, atraindo a antipatia popular. O descontentamento popular aumentou com medidas como a proibição do lança-perfume no Carnaval e de biquíni nas praias. Em pouco tempo Jânio estava isolado. Seu isolamento aumentou quando ele condecorou o líder guerrilheiro Che Guevara, um dos principais heróis da Revolução Cubana. Em 24 de agosto, Carlos Lacerda, líder da oposição, fez um violento discurso contra Jânio pelo rádio e o acusou de estar tramando um golpe de Estado. No dia seguinte, numa atitude que pegou de surpresa toda a nação, Jânio Quadros encaminhou ao Congresso sua carta de renúncia, encerrando seu governo apenas sete meses após ter tomado posse (FIGUEIRA, 2002, p. 381).

⁷³ João Goulart, conhecido como Jango, Vice-Presidente de Jânio Quadros estava no exterior, em viagem oficial à China quando Jânio Quadros renunciou. Por isso, nomearam o deputado Ranieri Mazzili para ocupar a presidência. Os militares tentaram impedir que Jango chegasse à presidência. Ao saber da renúncia, João Goulart iniciou uma demorada viagem de volta ao Brasil, realizando várias escalas. Finalmente chegou ao Uruguai, onde ficou aguardando o desfecho da crise criada pelo veto militar. Poucos apoiaram o discurso dos quartéis. Um amplo movimento popular exigia a posse de Jango. O Congresso Nacional propôs uma solução conciliatória: a mudança do regime político do país para o parlamentarismo. Assim, Jango assumiria a presidência mas dividiria os poderes com um primeiro-ministro, indicado pelo próprio Congresso. Ficou estabelecido que, em 1965, haveria um plebiscito para decidir pela continuidade do parlamentarismo ou pela volta ao presidencialismo. Jango não teve outra escolha senão aceitar. Retornou ao Brasil e tomou posse no dia 7 de setembro. Como primeiro-ministro assumiu Tancredo Neves (FIGUEIRA, 2002, p. 381).

perguntou o que estava acontecendo. Ele respondeu que era uma manifestação de pessoas que queriam trabalhar. O presidente, então, chamou o Ministro do Trabalho da época e autorizou a contratação dos trabalhadores nas autarquias e nas obras que estavam paradas.

Quanto a mim, trabalhei durante dez meses e voltei para Parelhas. Com o dinheiro que ganhei no ano de 1960, comprei uma casa para meu pai lá no Rio Grande do Norte. Ao chegar a Parelhas, assisti à festa de São Sebastião e voltei para Brasília em 1961. Ao retornar, trabalhei durante quatro anos. Passado esse tempo, voltei para minha terra natal para realizar um compromisso: casar. Eu tinha deixado uma moça comprometida em casamento, Romana Taveira da Silva, e ela estava me esperando. Antes de retornar para Parelhas, enviei dinheiro para ela arrumar os preparativos do nosso casamento. Ela comprou as alianças e arrumou o enxoval. Ela mesma costurou as peças, pois fazia isto muito bem. Em 15 de maio de 1965 nós nos casamos. Ficamos em Parelhas uns quinze dias e fomos para Natal de ônibus. No dia seguinte, viemos para Brasília de avião. Íamos para a casa de minha irmã.

Mas não tínhamos o endereço certo de Valda, que morava na Vila Planalto. Meus amigos Sebastião e José Pereira foram nos esperar no aeroporto e disseram que minha irmã não estava mais morando lá. O pessoal do governo tinha removido as famílias e provavelmente minha irmã tinha ido morar no Gama, num bairro chamado Itamaracá. Pegamos um táxi, um carro modelo SIMCA, do aeroporto para o Gama. Chegando lá, começamos a procurar meu cunhado, Bento, que era pedreiro e consegui achar sua residência por causa do modelo de barraco dele que era igualzinho ao da Vila Planalto. Quando eu bati o olho naquele barraco, eu disse: “é o barraco da minha irmã”. Apesar de o barraco ser pequeno nós conseguimos dormir numa rede. No dia seguinte, compramos um estrado de cama e um colchão de capim. Ficamos morando com meu cunhado algum tempo e depois ele ganhou um lote comercial e passou aquele lote para o meu nome.

Naquele lote, do meu casamento com dona Romana nasceu o meu primeiro filho, Gildo, que morreu ainda bebê, devido a umas convulsões. Minha mulher ficou grávida novamente, mas teve um aborto. Ela ficou muito triste. Um dia, uma conhecida, que morava perto, disse a ela que tinha uma dona dando uma criança porque não tinha condições de criá-la. Minha mulher pegou a criança e a levou para casa. Quando eu cheguei em casa, vi aquela menina linda e perguntei de quem era. Romana respondeu que era nossa. Eu perguntei como tinha acontecido e ela me contou. Fiquei com medo que a mulher, depois que a menina estivesse grandinha, viesse buscá-

la. Fui ao Serviço Social, que me mandou ir ao Plano Piloto. Lá eu registrei a criança e uma assistente social disse que eu poderia ficar com ela, mas o juiz teria que falar com a mãe da menina. Romana foi procurar a mãe da menina e perguntou se ela poderia ir conosco até o juiz, ela disse que sim. Então, nós três fomos ao Serviço Social, onde hoje fica o BNDES⁷⁴, e o juiz falou com a gente, primeiro com o casal e depois com a mãe da menina. A mulher disse que não tinha mesmo condições de criá-la e jamais viria atrás para tomá-la. A menina é a Dalila, que hoje é professora e mãe de dois filhos, Guilherme e Ana Beatriz. Depois, nasceu a Maria. E por último, nasceu o Danilo. Eles estudavam numa escola perto da Igreja São Sebastião.

Bem, foi com o trabalho do IPASE que criei minha família. Apesar de ter sido fichado como servente de pedreiro, eu nunca trabalhei nesse tipo de serviço. Sempre trabalhei na limpeza dos alojamentos da firma. Posso dizer que foi nesta cidade chamada Brasília que tive apoio, por isso Brasília é considerada por mim como a minha cidade natal. É uma cidade que mora no meu coração. Foi onde eu adquiri alguma coisa. É uma cidade de que eu gosto muito. É quase como minha cidade de nascimento.

⁷⁴ Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social.

4.2.8.1. Fotografias de Seu Valdir



Ilustração 224: Acampamento da 207 Sul. Seu Valdir (à esquerda) segurando a cachorra Pretinha, e seus amigos João e Severo em 1960.

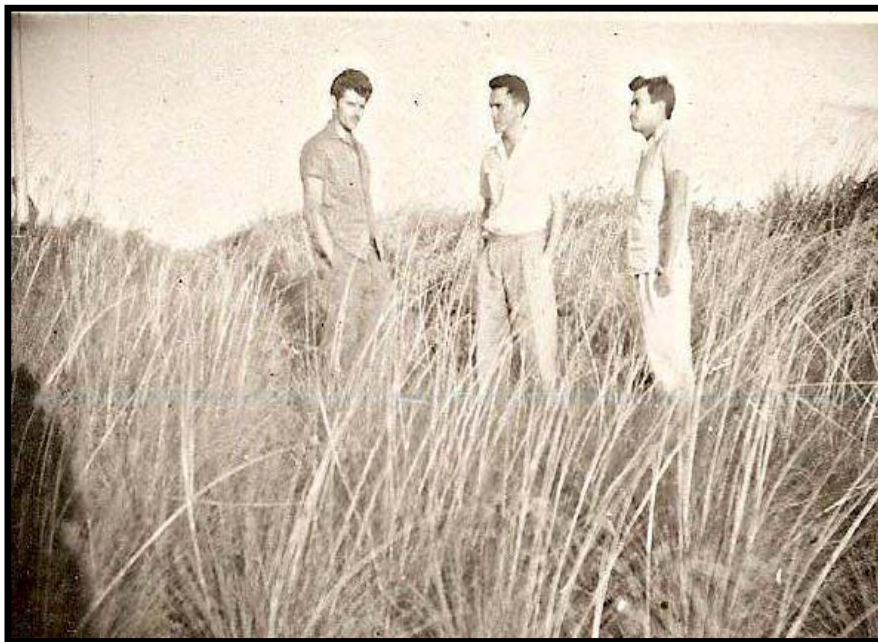


Ilustração 225: Foto tirada perto da rua da Igrejinha em 1960. Seu Valdir (à direita), seu amigo Severo (ao meio) e seu amigo Geraldo (à esquerda).



Ilustração 226: Acampamento da 207 Sul. Seu Valdir (à direita) segurando a cachorra Pretinha, João (ao meio) e Severo (à esquerda).



Ilustração 227: Seu Valdir na área em frente à Rodoviária de Brasília em 1960.



Ilustração 228: Prédio do Banco do Brasil em construção no Setor Bancário Sul. Seu Valdir (à direita) e seu amigo Geraldo. O carro estava no estacionamento e não pertencia a nenhum dos dois.



Ilustração 229: Acampamento da 207 Sul. Seu Valdir (ao meio), um eletricista (à esquerda) e Eliese, um amigo, (à direita). O carro, um FORD 1948, pertencia a Eliese. Ano 1960.



Ilustração 230: Pessoas que moravam com Dona Romana, antes de ela se casar com Seu Valdir. Família do coração, não do sangue.



Ilustração 231: Uma amiga de Dona Romana (à esquerda) e Dona Romana (à direita).



Ilustração 232: Recordação da amiga de Dona Romana, Socorrinho, em 15 de dezembro de 1961.



Ilustração 233: Dona Romana e amigas. Em pé: Maria (à esquerda), Gerse (ao meio) e Valda (à direita). Sentadas: Dona Romana (à esquerda) e a cunhada Maria (à direita).



Ilustração 234: A amiga de Dona Romana, Socorrinho Pereira, no dia do seu casamento na cidade de Natal em 1º. de julho de 1962.



Ilustração 235: Lembrança do primeiro aniversário de Maria Edilene, filha de uma amiga de Dona Romana, em 8 de maio e 1962.



Ilustração 236: Lembrança de uma amiga de Dona Romana, Ivanda Garcia. Parelhas, em 4 de março de 1963.



Ilustração 237: Lembrança da afilhada de Dona Romana, Maria Alice.



Ilustração 238: Isaurina e Deca, tios de Seu Valdir.



Ilustração 239: Isaurina (à direita), mulher de um tio de Seu Valdir chamado Deca.



Ilustração 240: Família de criação de Dona Romana. Em pé, da esquerda para a direita, os irmãos Sansão, Edite, Dulce e Guri. Sentados, da esquerda para a direita: Ulisses (irmão), Maria Pereira (mãe), Gregório (cunhado) e Socorro (irmã).



Ilustração 241: Lembrança de Hudson e Edilene, filhos de uma amiga de Dona Romana em 8 de maio de 1963.



Ilustração 242: Lembrança da conclusão do primário da sobrinha Fátima em 16 de dezembro de 1963.



Ilustração 243: A irmã de Seu Valdir, Valda, e os filhos Rodão, Galiana (Nena) e Ricarte (no colo).



Ilustração 244: Casamento de Socorrinho.



Ilustração 245: Casamento de Seu Valdir em 15 de maio de 1965.



Ilustração 246: Velório do primeiro filho do casal, Gildo, que faleceu ainda bebê, vítima de convulsões.



Ilustração 247: Lembrança da formatura no curso de datilografia da sobrinha de Seu Valdir, Lúcia de Fátima, em 11 de janeiro de 1967.



Ilustração 248: A mãe do Seu Valdir, Alexandrina Valentim Coelho. Aproximadamente em 1968.



Ilustração 249: Lembrança dos filhos de uma amiga de Dona Romana, Vlamir, Eliana e Alex . Rio, maio de 1968.



Ilustração 250: Dona Romana com Dalila no colo.



Ilustração 251: Dalila, a filha mais velha de Seu Valdir, na Quadra 5 do Setor Leste do Gama.



Ilustração 252: Dalila com um ano de idade.



Ilustração 253: Aniversário de um ano de Dalila.



Ilustração 254: Amiga da família, Aurora, com Dalila no colo.



Ilustração 255: Dalila e seus presentes (aniversário de um ano).



Ilustração 256: Aniversário de dois anos de Dalila.



Ilustração 257: Lembrança do casamento de uma amiga de Dona Romana.



Ilustração 258: A sobrinha do Seu Valdir, Lúcia de Fátima, em 16 de setembro de 1970.



Ilustração 259: Dalila (ao meio) e suas amigas Márcia (à esquerda) e Gercina (à direita), numa festa de aniversário de Dalila.



Ilustração 260: As filhas de Seu Valdir, Dalila e Maria.



Ilustração 261: A filha de Seu Valdir, Maria.



Ilustração 262: Iolanda, filha do inquilino de Seu Valdir, no quintal de casa na Quadra 5 do setor Leste do Gama.



Ilustração 263: O filho de seu Valdir, Danilo.



Ilustração 264: O filho de Seu Valdir, Danilo, no seu carrinho de bebê.

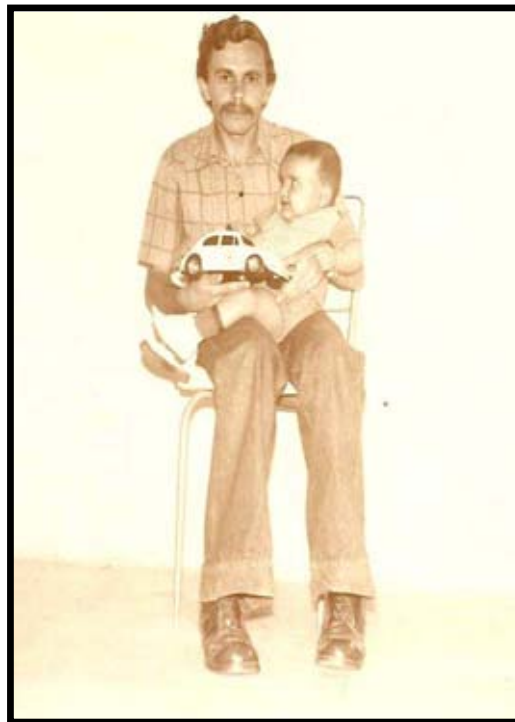


Ilustração 265: O sobrinho de Seu Valdir, Robério, com Danilo no colo.



Ilustração 266: O filho de Seu Valdir (a criança maior) e Iolanda, vizinha, na Quadra 5 do Setor Leste do Gama.



Ilustração 267: A sobrinha de Seu Valdir, Nena.



Ilustração 268: Dalila e a colega Gersina no dia da Primeira Comunhão.



Ilustração 269: Primeira Comunhão de Dalila.



Ilustração 270: Dalila e uma amiga, Dagmar, com o uniforme do CG, Colégio do Gama.



Ilustração 271: Os filhos do seu Valdir, Maria e Danilo, e a cachorrinha Cacá.



Ilustração 272: Dalila em sua casa na Quadra 5 do Setor Leste do Gama.



Ilustração 273: Seu Valdir (quinta pessoa à esquerda) e seus colegas de trabalho na 104 Sul em 1978.



Ilustração 274: Dona Romana (segunda pessoa à esquerda) e as colegas da Legião de Maria na Igreja São Sebastião.

5. ANÁLISE DE RESULTADOS

A pesquisa de campo foi realizada com o intuito de acrescentar informações ao construto histórico produzido sobre o Distrito Federal, mediante o auxílio de fotografias de acervo pessoal, demonstrando como a imagem pode ser um instrumento valioso na reconstrução da memória dos indivíduos, de forma que os novos dados pudessem contribuir, de alguma forma, para o reconhecimento dos direitos de indivíduos e comunidades quanto à sua participação na constituição da história de Brasília.

Para tal, foram realizadas oito entrevistas. A entrevista com Dona Maria Ascendina da Silva não teve fotografias, mas trouxe informações bastante interessantes, além de um documento de valor histórico muito grande, uma carta de próprio punho do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Todos os entrevistados foram muito simpáticos. O questionário formulado serviu como base para iniciar a conversação, mas ao longo da conversa foram surgindo assuntos que nos obrigaram a fazer novos questionamentos. A escolha das fotos foi muito prazerosa. Ao serem questionados sobre cada um das fotos escolhidas, notamos bastante emoção sobre as vivências evidenciadas nas imagens.

Reportando-nos à teoria sobre fotografia, pudemos comprovar o que foi dito por Bourdieu (1979, 15-24) quando afirma que o que um grupo social considera digno de ser fotografado revela o que este grupo considera digno de ser solenizado. No grupo estudado, as imagens que se repetiram ao longo da pesquisa foram, basicamente, as crianças, os entrevistados quando jovens, as famílias reunidas, as fotos dos amigos e vizinhos, os parentes, as festas religiosas (como a Procissão de São João na Sambaíba, Bahia, do acervo de Dona Maria Barreto), o ambiente de trabalho, as confraternizações (como a festa junina do HUB⁷⁵ do acervo de Dona Maria Barreto), os enterros, os bebês da família, os aniversários, os batizados (como o de Shirley, do acervo de Dona Maria Barreto), as crismas, os sobrinhos, os eventos (como a primeira corrida de bicicletas do Gama, do acervo de Dona Judite), as antigas moradias, os netos, os passeios (como o que dona Judite fez a Rondônia), os soldados no Exército, as formaturas. Tais imagens indicam o que as pessoas consideram solene, importante, para que fique registrado para a posteridade, digno de ser mostrado. Também não foi difícil de comprovar o que foi afirmado por Paiva (1998 p. 218-220): "Não há nada mais forte do que um rosto, não há fotografia mais contundente do que o retrato. Fotografia que muito provavelmente sobreviverá a nós". Nos acervos pessoais pesquisados

⁷⁵ Hospital Universitário de Brasília.

encontramos fotografias de várias pessoas que já não estão entre nós como o pai de Dona Judite, Seu José Borges, a mãe de Dona Judite, Dona Isabel, ou ainda, a neta de Dona Judite, Júlia Grazielle, entre outros. Também pudemos perceber que um dos conceitos deste autor sobre fotografia, "recordação", é realmente válido. Inúmeras foram as fotografias encontradas nos acervos pessoais caracterizadas como lembranças, inclusive com dedicatória. É o caso, por exemplo, da lembrança da conclusão do primário da sobrinha de Seu Valdir e de Dona Romana, Fátima, em 16 de dezembro de 1963. Constatamos, dessa forma, que as pessoas daquela época costumavam revelar várias fotografias iguais para mandá-las aos parentes e amigos de diferentes localidades como "lembranças". Outra consideração que ousamos fazer é a respeito da afirmação de Carvalho e Lima (1998, p.111-122) sobre a apropriação de imagens do passado, cuja função principal, segundo estas autoras, é "tornar familiar o momento presente". Quando nos reunimos em família, entre amigos ou entre colegas para ver álbuns de fotografias, ou fotografias avulsas de algum evento do qual tenhamos participado, como, por exemplo, as de uma festa na qual tenhamos ido, o momento é de descontração, de aproximação com os companheiros, um momento genuinamente familiar, onde temos a liberdade de fazer comentários, dar risadas, criticar ou fazer sugestões. Foi o que aconteceu nos meus encontros com os entrevistados: o momento presente tornou-se, com a evocação do passado, um momento genuinamente familiar.

As narrativas nem sempre foram lineares: um assunto evoca outro e, às vezes, passei muito tempo com uma única fotografia. Havia também assuntos recorrentes, como festas na família, batizados, enterros, viagens. Em regra, os assuntos relacionados à própria família vêm muito carregados de emoção. O entrevistado, às vezes, demora para se lembrar de algo, mas se concentra e vai relembando alguns detalhes revelados na foto ou não. É o que chamamos de extra-campo⁷⁶ (a visão do que não está na foto, mas pode ser lembrado porque fazia parte da paisagem, embora tenha ficado de fora no momento do clique fotográfico). Muitas vezes, a simples visão da foto traz à tona comentários sobre assuntos que não estão enfocados ali. O trabalho revelou-se muito agradável e os entrevistados demonstraram muito prazer em falar de si mesmos e mais ainda em saber que suas vidas podem ser conhecidas por outras pessoas.

Reportando-nos sobre o assunto memória, pudemos constatar a veracidade do comentário de Nishikawa (2005, p. 1808) que diz que toda vez que observamos certa fotografia sobre determinada paisagem, automaticamente a imagem expressa, já existente na memória do

⁷⁶ O termo extra-campo vem da técnica fotográfica.

observador, será atualizada de forma que elementos pictográficos não envelheçam como memória, mas se atualizem como referência. Nos relatos dos entrevistados, verificamos que, ao olhar determinadas fotografias, automaticamente, a pessoa sabia do que se tratava e logo tecia comentários sobre as mesmas. Isso significa que quanto mais vemos uma fotografia, mais detalhes são apreendidos, mais atualizados ficamos sobre a sua imagem. Também foi percebida a importância do comentário de Callegaro (2007, p. 37) que afirma que existem pesquisas que apontam que a lembrança que temos do passado não é uma reconstrução literal dos eventos, mas uma construção influenciada pelas expectativas e crenças do sujeito e pelas informações do presente. Em algumas visitas, em que o entrevistado não estava sozinho em casa, pudemos verificar que ao relatar um evento ou afirmar que tal fotografia se referia a tal ou qual evento, outra pessoa também conhecedora do fato ou da fotografia, interferia na conversação, com a intenção de esclarecer um detalhe do qual estaria discordando. Pode-se concluir desse fato, que a lembrança do passado não estava sendo reconstruída de maneira literal, mas de acordo com a vivência de cada um. Ainda sobre a memória, foi possível perceber o quão importante é a concepção de Bosi (1992, p. 28), que afirma que a linguagem permite conservar e reavivar a imagem que cada geração tem das anteriores. "Memória e palavra, no fundo inseparáveis, são a condição de possibilidade do tempo reversível". Nos relatos foi possível constatar a presença de comentários tais como o de Seu José Valter que disse "Cheguei a Brasília no mês de junho ou julho de 1958, conforme conta minha mãe". Um comentário deste tipo nos permite perceber a imagem ou aproximação que o entrevistado tem com sua geração anterior. Halbwachs (1990, p. 34) faz um comentário sobre a necessidade de que as memórias concordem entre si e tenham muitos pontos de contato para que a lembrança possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Observamos que alguns acontecimentos se repetem ao longo das entrevistas, ou seja, são comuns a mais de um personagem. Na verdade, alguns dados de uma entrevista complementam e até esclarecem os dados de outra. É o caso, por exemplo, das informações sobre os acampamentos onde ficavam os Candangos quando vinham para Brasília. Cada entrevista conta um pouquinho, uma faceta desses acampamentos.

Nas entrevistas realizadas, embora as pessoas não conheçam quem são os outros entrevistados, pudemos constatar, por exemplo, as impressões sobre um lugarejo chamado Vila do IAPI: os comentários são bastante parecidos, e a preocupação das pessoas que moravam lá

também, todos viviam sob a permanente tensão de serem despejados e terem que mudar para lugares distantes e desconhecidos. Foi o que nos contou Dona Maria Barreto

Um dia, passou um fiscal na vila e disse a nós, moradores, que dentro de quinze dias todo mundo ia ter que mudar para um lugar distante chamado Gama e que os barracos iam ser derrubados. Meu marido ficou apavorado com a idéia de ir para um lugar desconhecido e comprou um lote em Taguatinga que já tinha um barraco. Dessa forma, mudamos para lá em julho de 1961.

Ao nos remeter ao Capítulo *Questões sobre a relação entre História Oral e Memória*, nos detivemos nas palavras de Gonçalves Filho (1988, p. 12) para quem o fluxo da memória vem todo margeado por pontos ou acontecimentos de profunda significação como mudança de casa ou de lugar, morte de um parente, formatura, casamento, etc. Estes e outros eventos vão modelando o sentido das coisas que durante anos teriam resistido a nós e acabaram tomando algo do que fomos. Na realização da entrevista com Dona Maria Ascendina da Silva, observamos que um fato memorável para ela foi o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira ter dado a seu marido, um modesto funcionário do governo, uma carta de próprio punho, onde deixa um agradecimento pelos serviços prestados. Outro fato memorável na vida de Dona Maria foi a morte de sua filha ainda bebê no mesmo dia em que o Papa João XXIII faleceu. Benjamin (1983, p. 62) considera que a arte de narrar é a de continuar contando histórias e que esta se perde quando as histórias não são mais retidas. Ora, a realização desta pesquisa mostrou-se uma excelente oportunidade de retenção de histórias. Foi possível obter informações necessárias e pertinentes sobre a história de alguns Candangos e a fotografia de seus acervos pessoais foi um instrumento muito útil na evocação de lembranças. Foi observado que existe um sentimento comum de pertencimento à cidade de Brasília e cada um dos personagens entrevistados colaborou, de forma singular, com dados interessantes sobre a história da construção da capital.

Ao nos remeter ao capítulo *Conjunturas de Identidade Coletiva*, verificamos o pensamento de Castells (2001, p. XXI) que afirma "O nosso mundo e a nossa vida têm vindo a ser moldados pelas tendências em conflito da globalização e da identidade". Na realização deste projeto de pesquisa, procuramos conhecer um pouco sobre a identidade dos Candangos entrevistados, não apenas no seu aspecto individual, mas também como um indivíduo que faz parte de uma comunidade, no caso a comunidade candanga, que viu na construção de Brasília uma oportunidade de crescimento tanto para si como para suas famílias. É consenso entre alguns entrevistados que Brasília, a cidade que ajudaram a construir e que os acolheu, é uma cidade

abençoada porque foi nos limites desta cidade que o progresso e melhores condições de vida foram possíveis para eles. Para comprovar, podemos nos remeter ao depoimento de Seu Valdir que afirmou com veemência:

Posso dizer que foi nesta cidade chamada Brasília que tive apoio, por isso Brasília é considerada por mim como a minha cidade natal. É uma cidade que mora no meu coração. Foi onde eu adquiri alguma coisa. É uma cidade de que eu gosto muito. É quase como minha cidade de nascimento.

A gama de dados obtidos durante as entrevistas nos permite dizer que muitas informações estão interligadas como se pertencessem a uma rede originária de diferentes aspectos. Na verdade, elas pertencem à mesma rede, pois têm em comum a construção de Brasília, sendo que muitos indivíduos tiveram nos assentamentos improvisados os mesmos problemas e dificuldades, assim como a esperança de dias melhores para si e seus familiares. Em resumo, o resultado da pesquisa sinaliza para uma maior compreensão da própria vida, uma vez que ao relembrar de assuntos passados, normalmente se faz uma revisão daqueles acontecimentos ocorridos ao longo da existência.

5.1. Dados sobre os entrevistados

Tabela 1

Nome	Idade	Ano de chegada em Brasília	Local de origem	Idas e vindas	Meio de transporte	Locais onde morou no Distrito Federal	Número de filhos
João Eurípedes de Melo	69 anos	1956	Ipameri/Goiás	_____	Caminhão	Taguatinga; Gama; Plano Piloto (Asa Norte); Novo Gama.	5
José Valter Ramos	56 anos	1958	Venturosa/Pernambuco	_____	Ônibus	Cidade Livre; Taguatinga; Valparaíso.	2
Judite Magalhães de Oliveira	72 anos	1960	Mundo Novo/Bahia	_____	Ônibus	Vila do IAPI; Gama; Luziânia; Pedregal; Novo Gama.	6
Maria Ascendina da Silva	66 anos	1958	Goiânia	_____	Ônibus	SQS 709; Candangolândia; Taguatinga; SQS 112; SQN 408.	5
Maria Barreto Anunciação	81 anos	1960	Itapicuru/Bahia	Uma: para São Paulo	Ônibus	Vila do IAPI; Taguatinga; Ceilândia; Guará; Ocidental; Santo Antônio do Descoberto.	4

Continuação da tabela 1

Nome	Idade	Ano de chegada em Brasília	Local de origem	Idas e vindas	Meio de transporte	Locais onde morou no Distrito Federal	Número de filhos
Myriam Siqueira de Almeida	68	1960	Guanabara	Uma: para o Rio de Janeiro	Ônibus	Plano Piloto (Asa Sul); Cruzeiro Velho; Valparaíso	8
Sílvia Cirillo Pinho da Costa	62	1960	Guanabara	Uma: para o Rio de Janeiro	Ônibus	Plano Piloto; Valparaíso.	3
Valdir Viana Coelho	71	1960	Parelhas/Rio Grande do Norte	Duas: para Parelhas	Caminhão	Núcleo Bandeirante; Gama; Santa Maria.	4

5.2. Análise dos dados da Tabela 1

Analisando os dados da tabela acima, podemos verificar:

- Foram entrevistados três homens e cinco mulheres.
- Que os entrevistados se encontram na faixa etária de 56 a 81 anos.
- O ano de chegada é variável: vai de 1956 a 1960, tal qual foi colocado no projeto de pesquisa.
- Os entrevistados são oriundos de lugares variados: Goiás, Bahia, Guanabara, Rio Grande do Norte e Pernambuco.
- Três entrevistados nunca voltaram para morar em seu lugar de origem nem foram morar em qualquer outro lugar. Quatro entrevistados saíram de Brasília para morar em outros estados uma vez. Um entrevistado saiu para morar em seu estado de origem duas vezes.
- O meio de transporte utilizado pelos entrevistados para vir para Brasília foram ônibus e caminhão.
- O número de filhos dos entrevistados varia de dois a oito.
- Dos oito entrevistados, apenas um mora em Brasília. Os outros tiveram que ir para o entorno da cidade ou para as cidades satélites, isto é para a periferia.

Os dados apresentados na tabela coincidem com as expectativas da pesquisa, pois abrangem homens e mulheres, que chegaram a Brasília no período 1956/1960, oriundos de diversas localidades, acompanhados ou não de suas famílias.

Tabela 2

Nome	Veracidade da idade de nascimento	Escolaridade	Profissão	Estado civil
João Eurípedes de Melo	Não ⁷⁷	Segundo ano primário	Mecânico de automóveis e funcionário público aposentado.	Desquitado
José Valter Ramos ⁷⁸	Sim	Segundo Grau	Funcionário público aposentado	Casado.
Judite Magalhães de Oliveira	Sim	Segunda série do segundo grau.	Funcionária pública aposentada.	Solteira
Maria Ascendina da Silva	Sim	Primário	Do lar	Desquitada
Maria Barreto Anunciação	Não	Terceira série primária	Costureira	Solteira ⁷⁹
Myriam Siqueira de Almeida	Sim	Quarta série primária	Do lar.	Viúva
Sílvia Cirillo Pinho da Costa	Sim	Superior: Pedagogia	Do lar.	Casada
Valdir Viana Coelho	Sim	Quarta série primária	Funcionário público aposentado	Viúvo

⁷⁷ Nasceu em 31 de maio de 1940, mas foi registrado como se tivesse nascido em 31 de maio de 1938.

⁷⁸ Seu José Valter nasceu em Venturosa, Pernambuco, mas foi registrado como se tivesse nascido em São Brás, Alagoas.

⁷⁹ Casamento na Igreja Católica, não reconhecido pelo Estado.

5.3. Análise de dados da Tabela 2

Analisando os dados da tabela acima, verificamos que:

- Dois entrevistados tiveram a data de nascimento alterada;
- Cinco entrevistados apresentam nível de escolaridade de primário, variando entre a segunda e a quarta séries;
- Dois entrevistados apresentam nível de escolaridade de segundo grau, sendo que um não o completou;
- Um entrevistado possui nível superior completo;
- Quatro entrevistados são funcionários públicos aposentados, sendo que um destes continua na ativa por conta própria;
- Uma entrevistada é costureira;
- Três entrevistadas exercem a função "do lar";
- Dois entrevistados são desquitados;
- Dois entrevistados são casados;
- Duas entrevistadas são solteiras;
- Dois entrevistados são viúvos.

E concluímos que os dados apresentados na tabela coincidem com a proposta da pesquisa que previu abranger moradores de Brasília e Entorno de diversas classes sociais.

6. CONCLUSÕES

Estudar a fotografia mostrou-se um exercício muito útil. Para bem entendê-la, recorreu-se à sua história e a diferentes pontos de vista de diversos autores. Para entender melhor como utilizar a evocação de lembranças, verificou-se a necessidade de estudar a memória e a História Oral. Pelo fato de o trabalho ter como tema central os Candangos, foi necessário recorrer a trabalhos interpretativos sobre a construção de Brasília, sob o enfoque de diferentes pesquisadores.

Em relação à História Oral, foi possível perceber que, através desta prática, pode-se obter um melhor conhecimento da história da sociedade contemporânea. É através dessa interação do pesquisador com o sujeito social que aspectos significativos de experiências de vida individuais e coletivas podem vir à tona, conforme disse Aceves (2000 p. 9-20). Foi nesta perspectiva de conhecimento dos Candangos que as entrevistas foram realizadas.

Em relação ao uso de fotografias no corpo do trabalho, a ação mais difícil foi colocá-las em ordem cronológica, porque muitas delas não têm um sinal sequer de data de produção, e as pessoas nem sempre sabem o momento exato da ocorrência de determinado fato. No entanto, procurou-se colocá-las na ordem mais correta possível. O efeito visual do trabalho foi muito bom. As fotografias mais antigas, geralmente em preto-e-branco, vêm no início e, naturalmente, as coloridas vêm depois. Os entrevistados ficaram muito empolgados por causa do trabalho e volta e meia perguntavam quando é que ele seria publicado. Ainda sobre o estudo da fotografia propriamente dita posso enumerar as seguintes constatações:

- Em toda família parece existir um guardião das fotografias, alguém que se considera o responsável pela conservação das fotos mais importantes de todo o clã. Na realização da pesquisa, ouvi várias vezes a expressão “tenho que pegar as fotos na casa de fulano, porque foi ele que ficou com a maioria das fotos da família”, o que reforça as palavras de Carvalho e Lima (1998, p. 111) ao dizer que “a apropriação de imagens do passado não é um fato excepcional”. Segundo estas autoras (1998, p. 112), “a compreensão e ordenação do passado produzem sentimentos de tranquilidade e segurança”. É o que acontece quando as pessoas evocam seu passado através das fotografias: exprimem um sentimento de pertencimento a um determinado grupo (família, amigos, colegas de trabalho,

vizinhança) que aparece nas narrativas em tranqüilos e emocionantes momentos de lembrança, assim como explicitam um sentimento de segurança.

- As fotografias são utilizadas como um meio de evocar as lembranças, servindo para que a família fixe seus eventos fundadores como casamentos, batizados, crismas, primeira comunhão, e reafirme periodicamente sua unidade: em reuniões de famílias, é comum folhear os álbuns de fotografias para lembrar e recontar fatos de modo que as lembranças não fiquem esquecidas e que os mais jovens saibam como foi a vida de suas famílias mesmo numa época em que não eram nascidos.
- As fotografias fortalecem os vínculos familiares, uma vez que as pessoas guardam recordações daquilo que consideram mais importante, como, por exemplo, o nascimento dos filhos, os batizados, as crismas, a primeira comunhão, o aniversário de 15 anos e os demais aniversários, os casamentos, as formaturas, as mortes em família, assim como a imagem dos entes mais queridos: os avós, os pais, os tios, os filhos, os sobrinhos, os netos, os amigos.
- As crianças são um tema recorrente nas fotografias, aparecendo em mais de 50% dos acervos pessoais, o que nos faz refletir sobre a colocação de Canclini (2005, p. 83): “as crianças fortalecem a coesão familiar, aumentam o tempo de convivência e estimulam os pais a conservar tudo isso e a comunicá-lo mediante fotos”.
- Outro tema recorrente são as viagens que as pessoas costumam realizar ao longo de suas vidas. O que nos leva novamente à colocação de Canclini (2005, p. 83): “Na origem da maior parte das fotografias estão a família e o turismo”.
- Os entrevistados, ao rever as fotografias, muitas vezes, ficavam emocionados: ora sorriam, ora choravam, dependendo do tipo de lembrança que estavam experimentando. Como exemplo, podemos citar o Seu Valdir, que chorou ao rever a fotografia de sua filha Dalila, adotada quando criança, assim como a de seu filho Gildo, falecido quando bebê. Podemos também destacar a emoção de Dona Judite, ao rever seus filhos pequenos nas festividades de família e/ou comunidade, ou vestidos com o uniforme das Forças Armadas.

Se evocar a memória através da oralidade (História Oral) e da visualidade (fotografias) foi uma tarefa complexa, editar e transcrever as entrevistas também não foi muito fácil. Um cuidado

todo especial foi seguido desde o início da escrita da dissertação, para que todos os assuntos relacionados na mesma não ficassem desconexos e mantivessem a unidade.

Ao chegar ao final de redação desta dissertação, retomei os meus objetivos para verificar se os atingi e de que maneira. Verificando-os percebi que meu objetivo geral era “acrescentar informações ao construto histórico produzido sobre o Distrito Federal, mediante o auxílio de fotografias de acervo pessoal, demonstrando como a imagem pode ser um instrumento valioso na reconstrução da memória dos indivíduos, possibilitando, posteriormente, a criação de um documento que recupere uma parcela da memória social de um povo, no caso, os Candangos”.

Quanto aos objetivos específicos, estes eram a) trazer à tona a história de pessoas que vieram para a construção de Brasília no período de 1956 a 1960, mediante relatos evocados pela memória a partir de entrevistas e da observação de fotografias de seus acervos pessoais; b) coletar fotografias para a criação de um banco de imagens pessoal sobre os Candangos; c) demonstrar a importância da fotografia como um instrumento metodológico de criação e expressão do conhecimento histórico .

Analisando os dados pesquisados chego à conclusão de que meu *objetivo geral* foi atingido, pois é possível, a partir de relatos, com técnicas de história oral, e com o auxílio da fotografia, produzir um conjunto de informações que possa contribuir com a história de Brasília e com o reconhecimento da participação dos indivíduos na constituição da mesma. Segundo Bellotto (1994, p. 13)

Existem, porém, outras categorias de fontes que não as oficiais e não obrigatoriamente recolhidas aos arquivos públicos⁸⁰. No entanto são da maior importância, pois trazem a urdidura necessária que completa a trama do sentido humano que todo fato histórico necessariamente carrega em si: são os depoimentos pessoais, devidamente tratados pelas técnicas da chamada História Oral. Nem sempre o historiador poderá contar com este tipo de fonte, sobretudo o que trabalha com épocas mais remotas. Mas para eventos enquadrados na história contemporânea, tal como a construção de Brasília, os depoimentos não só são possíveis, como são na verdade indispensáveis.

⁸⁰ Para esta e outras questões consultar o **Catálogo de depoimentos orais**. Brasília: o arquivo, 1994. Arquivo Público do Distrito Federal.

Vejamos abaixo alguns acréscimos proporcionados por estas entrevistas:

Acampamentos de obras na construção de Brasília

- Seu João: os candangos ficavam alojados provisoriamente em barracas de lona doadas pelo Exército num acampamento do Núcleo Bandeirante.
- Seu Valdir: "Era um local muito bom para trabalhar: não atrasava os pagamentos, que eram quinzenais ou mensais, tinha alojamentos para os trabalhadores, oferecia refeições de segunda a sábado".

Ingresso no serviço público⁸¹ em Brasília

- Seu João: através da indicação do engenheiro Jofre Mosaico Parada.
- Dona Judite: através de procura por iniciativa própria.
- Marido de Dona Myriam: através de transferência do estado de São Paulo para Brasília.
- Pai de Dona Sílvia: transferido do Rio de Janeiro para Brasília, pelo Banco do Brasil.
- Seu Valdir: através de procura por iniciativa própria.

Primeiro emprego em Brasília

- Seu João: mecânico de automóveis/NOVACAP.
- Dona Judite: auxiliar de enfermagem⁸²/Hospital de Base do Distrito Federal.
- Dona Maria Barreto: Costureira/Fábrica de colchões na Vila do IAPI.
- Marido de Dona Maria Barreto: Hotel Nacional.
- Dona Myriam: auxiliar de advogados e assessores do governo do estado de São Paulo que vieram para a inauguração de Brasília em 1960.

⁸¹ Mais precisamente nas obras de construção. Geralmente acontecia sem concurso através da indicação de amigos e parentes.

⁸² Naquela época, a maioria dos funcionários não tinha que apresentar grau de escolaridade nem diplomas para ocupar certos cargos.

- Marido de Dona Myriam: Governo do Distrito Federal.
- Pai de Dona Sílvia: funcionário do Banco do Brasil.
- Seu Valdir: funcionário do IPASE, na Superquadra 206 Sul.

Fatos políticos importantes de que se lembra

- Seu João: o bom governo de Juscelino Kubitschek.
- Seu José Valter: a inauguração de Brasília e a Revolução de 1964.
- Dona Judite: a posse do Presidente da República, Jânio Quadros, em 1964; a eleição do *Sim ou Não*, a morte de Tancredo Neves, a posse do Presidente da República Fernando Collor de Melo; os Caras-Pintadas; a criação de um decreto do Governador Elmo Serejo Farias permitindo que os funcionários que assim o desejassem, pudessem se aposentar.
- Dona Maria Ascendina: a posse do Presidente da República, Jânio Quadros, e a Revolução de 1964. "Havia muitos canhões nas ruas e muitos soldados armados até os dentes".
- Dona Maria Barreto: uma ação social promovida pelo governo da Administração Regional de Taguatinga para distribuição de presentes de Natal em 1961.
- Dona Sílvia: a inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960, e a Revolução de 1964, que foi muito dolorosa para ela e sua família.
- Seu Valdir: a posse do Presidente da República, Jânio Quadros, em 1964; a forma como o Presidente da República, João Goulart, sucessor de Jânio Quadros, tratou os trabalhadores que foram pedir emprego em frente ao Palácio da Alvorada.

Primeira Moradia/Tipo

- Seu João: no acampamento da Velhacap/casinha de madeira.
- Dona Judite: na Vila do IAPI/barraco de tábuas.
- Dona Maria Ascendina: em Brasília, na SQS 709/apartamento.
- Dona Maria Barreto: na Vila do IAPI/barraco de tábuas.
- Dona Myriam: na Superquadra 105 Sul, na Asa Sul/apartamento.

- Dona Sílvia: no acampamento do Banco do Brasil, na Superquadra 303 da Asa Sul/apartamento.
- Seu Valdir (sozinho): na Superquadra 206, Asa Sul/no alojamento para os trabalhadores do IPASE.
- Seu Valdir (com a família): na Quadra 5 do Gama/barraco.

Fatos marcantes na vida

- Dona Judite: o nascimento dos filhos; a adoção de uma filha, Fabíola; a “Solenidade de Passagem dos 40 Anos do Sistema de Saúde do Distrito Federal (1960-2000)”.
- Seu José Valter: a formatura do Ginásio; a morte do pai em 1974; os três casamentos; a viagem que fez com a esposa Sílvia para os Estados Unidos em 1989.
- Dona Maria Ascendina: falecimento da segunda filha, Junimar Maria de Melo.
- Dona Maria Barreto: o recebimento de um lote, como presente, do seu cunhado Ozair, que pediu dinheiro emprestado a um agiota para pagá-lo.
- Dona Myriam: uma viagem a Salvador, Bahia, realizada com o marido e os filhos em 1966.
- Dona Sílvia: a prisão do pai na Revolução de 1964, a demissão do pai do Banco do Brasil e a volta para o Rio de Janeiro.
- Seu Valdir: a morte do primeiro filho, Gildo, o aborto de sua mulher, a adoção da filha Dalila, o nascimento dos filhos, Danilo e Maria.

Opinião sobre Brasília

- Seu João: "A minha opinião sobre Brasília é que ela é um céu pra gente. Onde eu morava antes era uma novela... Foi em Brasília que adquiri família, emprego e salário. É de bater palmas para Brasília".

- Seu José Valter: "Pensando em Brasília, atualmente, acho que é muito agitada e não serve mais para morar. Foi por isso que vim para o Entorno, em busca de um pouco de tranqüilidade".
- Dona Judite: "Brasília? Brasília, hoje? Ah, é linda. O que mais gosto são as ruas largas (Eixão e W-3). Gosto também do Poder Judiciário de Brasília, porque todas as vezes que procurei fui muito bem atendida".
- Dona Maria Ascendina: "Brasília, hoje, aqui onde moro, está péssima. Eu estou muito chateada porque existem aqui perto cinco bares cujos frequentadores fazem muito barulho e não deixam a gente dormir".
- Dona Myriam: Eu gosto de Brasília, apesar da violência que existe hoje.
- Seu Valdir: "Posso dizer que foi nesta cidade chamada Brasília que tive apoio, por isso Brasília é considerada por mim como a minha cidade natal. É uma cidade que mora no meu coração. Foi onde eu adquiri alguma coisa. É uma cidade de que eu gosto muito. É quase como minha cidade de nascimento".

Em relação aos objetivos específicos, considero que os atingi porque escrevi os relatos dos entrevistados, mediante a evocação de suas lembranças e da observação de suas fotografias conforme pode ser constatado no capítulo "Relatos dos entrevistados"; coletei as fotografias dos acervos pessoais dos entrevistados para criar um banco de dados pessoal sobre os Candangos, além de utilizá-las na dissertação propriamente dita e; finalmente, através da teoria explicitada no capítulo "A fotografia: história e considerações" e na utilização de imagens na pesquisa de campo, pude constatar que a fotografia é um instrumento metodológico de criação e expressão do conhecimento histórico, conforme o atesta Bourdieu (1979, p.15) ao fazer e responder a seguinte pergunta: "a prática da fotografia e a significação da imagem fotográfica podem e devem proporcionar material para a Sociologia?", assim como também o atesta outro estudioso do assunto, Recuero (2005, p. 1869) ao afirmar que, se antes a fotografia ilustrava galerias, informava em jornais e anunciava o consumível, agora busca no seio da ciência o lugar que lhe foi reservado: "Não ser arte, mas conter a arte. Não ser realidade, mas conter a realidade. Não ser ciência, mas mostrar a ciência" (RECUERO, 2005, p. 1869).

Recomendo outros pesquisadores a utilizarem o estudo da fotografia em suas pesquisas, porque além de ser um trabalho muito empolgante, é um meio de se preservar a história dos habitantes de um lugar, deixando para as gerações futuras um legado que, além de ser bonito, traz

em si o poder de despertar emoções, muitas emoções... Algumas pessoas presentes em ocasiões de entrevistas sugeriram que fosse realizado um trabalho semelhante na localidade em que residem. Foi o que aconteceu na casa de Dona Myriam, que estava repleta de convidados e um deles disse que ficaria muito satisfeito se fizessem um trabalho sobre os pioneiros de Valparaíso. Outro convidado disse que conhecia os primeiros moradores desta localidade e se prontificaria a ajudar na pesquisa, caso alguém resolvesse fazer um trabalho assim. Dessa forma, acredito que unir o estudo da fotografia, da memória e da oralidade para compor um trabalho dissertativo certamente é um desafio que merece ser aceito.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEVES, Jorge E. **Historia oral e historias de vida: teoria, métodos y técnicas.** Una bibliografía comentada. México: CIESAS, 1996.

ACEVES, Jorge E. **La historia oral contemporánea: uma mirada plural.** In: *História oral: ensayos y aportes de investigación.* México: CIESAS, 2000.

ALBERTI, Verena. *História oral e arquivos.* In: SILVA, Zélia L. (org.) **Arquivos, patrimônios e memória: trajetórias e perspectivas.** São Paulo: Editora UNESP, FAPESP, 1999.

BARRETO, Ângela Maria. *Memória e sociedade contemporânea: apontando tendências.* In: **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina,** Florianópolis, v. 12, n. 2, jul./dez.2007.

BARTHES, Roland. **A câmara clara.** Lisboa: Edições 70, 1989.

BELLOTTO, Heloísa. *Prefácio de Heloísa Bellotto.* In: **Catálogo de depoimentos orais.** Brasília: o arquivo, Arquivo Público do Distrito Federal, 1994.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: Observações sobre a obra de Nikolai Leskow.* Trad. M. Carone. In: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, J. **Textos escolhidos.** 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história.* In: **Obras escolhidas,** v. 1, *Magia e técnica, arte e política.* São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *La fotografia: un arte intermedio.* Trad. Turuna Mercado. México: Nueva Imagen, 1979.

BOSI, Alfredo. *O tempo e os tempos.* In: **Tempo e História.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992. (Ensaio).

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

BRANDÃO, C. R. **Educação popular.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRAYNER, Natália Guerra. Imagem e pesquisas: diálogo entre ciência e arte. In: **Cadernos do CEAM**. Brasília: Ed. da UnB, 2000.

BRAYNER, Natália Guerra; MAGALHÃES, Nancy Alessio. Impactos da história de Brasília na (re)criação de identidades e direitos de moradores da Vila Planalto. In: COSTA, Cléria B. et. all. (org.s) **Contar história, fazer História: história, cultura e memória**. Brasília: Paralelo 15, 2001.

CALLEGARO, Marco Montarroyos. Implantes de memória. In: **Psique: Ciência & Vida**. Ano I n. 7, Editora Escala, 2007.

CANCLINI, Nestor García. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas de interculturalidade**. Tradução: Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CARVALHO, Iracilda Pimentel. Brasília, imagens e representações. In: COSTA, Cléria B. et. all. (org.s). **Contar história, fazer História: história, cultura e memória**. Brasília: Paralelo 15, 2001.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de. Representações urbanas: Militão Augusto de Azevedo e a memória visual da cidade de São Paulo. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Nacional**, n. 27, 1998.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. V. II: O poder da identidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. Editorial: A fotografia em perspectiva histórica. In: **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 15, n. 12, dez. 2005.

COSTA, Cléria Botelho da. Memórias compartilhadas: os contadores de história. In: **Outros 500 outros 40: história, cultura e memória**. Brasília: Ed. da UnB, 2001.

DUVIGNAUD, J. Prefácio. In: HALBWACHS, Maurice, **A memória coletiva**, p. 14, 1990.

FERREIRA, Amauri Carlos; GROSSI, Yonne de Souza. A narrativa na trama da subjetividade: perspectivas e desafios. In: **HISTÓRIA ORAL: Revista da Associação Brasileira de História Oral**, São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, n. 7, jun. 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário século XXI escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: um inventário das diferenças. In: **Entre-vistas**: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

FIGUEIRA, Divalte Garcia. **História**: volume único. São Paulo: Ática, 2002.

FRANCASTEL, Pierre. **A realidade figurativa**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

FREITAS, Conceição. Nas asas da suprema insensatez. In Brasília da humanidade: **Correio Braziliense**, 7 de dezembro de 2007.

FREUD, Sigmund. El malestar en la cultura. In: **Obras completas**, v. III. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968.

GANDARA, Gercinair Silvério. Rio Parnaíba: velho monge entre a história e a imagem. In: **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 15, n. 12, dez. 2005.

GERGEN, K. J. The social constructionist movement in modern psychology. In: **American Psychologist**, Arlington, S.L., 1985.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Olhar e memória. In: NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GRANGEIRO, Cândido Domingues. **As artes de um negócio**: a febre photographica. São Paulo 1862-1886. Campinas, 1993. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

JOUTARD, Philippe. **Essas voces que nos llegan del pasado**. México: Popular, 1986.

KESSEL, Zilda. **A construção da memória na escola**: um estudo sobre as relações entre memória, história e informação na contemporaneidade. São Paulo: USP, 2003.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história.** São Paulo: Editora Ática S.A., 1989.

KOSSOY, Boris. **Origens e expansão da fotografia no Brasil: século XIX.** Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

KOSSOY, Boris. **Tempo da fotografia: o efêmero e o eterno.** Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

LACERDA, Aline Lopes de. Os sentidos da imagem: fotografias em arquivos pessoais. In: **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, 1993.

LAURITO, Ilka Brunild. Introdução. In: **São Paulo em três tempos; 1862-1887-1914.** São Paulo: Governo do Estado/Casa Civil/Imprensa Oficial do Estado/Arquivo do Estado, 1982.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994.

LUCAS, Fábio. **Expressões da identidade brasileira.** São Paulo: Educ, 2002.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MANINI, Miriam P. **Análise documentária de fotografias: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários.** São Paulo, 2002. Tese de doutoramento. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da USP.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e história – possibilidades de análise. In: ALVES, Nilda et al (org.s). **A leitura de imagens na pesquisa social:** História, comunicação e educação. São Paulo: Cortez, 2004.

NEVES, Lucília de Almeida. Comemorações, diálogos e confrontos: Identidade nacional: a questão democrática e a sociedade civil na República brasileira. In: COSTA, Cléria B. et. all. (org.s). **Contar história, fazer História: história, cultura e memória.** Brasília: Paralelo 15, 2001.

NIETHAMMER, Lutz. Conjunturas de identidade coletiva. In: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP,** São Paulo, 1997.

NISHIKAWA, Reinaldo. Retratos em preto e branco: uma discussão analítica sobre as fontes fotográficas para o historiador. In: **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 15, n. 12, 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP**, São Paulo, 1993.

NUNES, José Walter. **Patrimônios subterrâneos em Brasília**. São Paulo: Annablume, 2005.

ORTENSI, Maurício Luiz. **A história da fotografia**. 2005. <<http://www.ortensi.com/foto/histfotl.php>>. Acesso em 22/8/2007.

PAIVA, Joaquim. Núcleo Bandeirante, cidade pioneira: uma releitura de fotografias antigas. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 27, 1998.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC - SP**, São Paulo, 1997.

POZENATO, José Clemente. A mudança do olhar: a fotografia como instrumento de resgate da memória cultural. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 27, 1998.

RECUERO, Carlos Leonardo. **O uso da imagem fotográfica em trabalhos científicos**. In: **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 15, n. 12, dez. 2005.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança**. Brasília, um estudo sobre uma grande obra da construção civil. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.

RIBEIRO, Núbia Braga et al. **Becos da memória, desenhos da cidadania: Pedreiro Prado Lopes: a vila no trajeto de sua história oral**. Belo Horizonte: Centro Universitário de Belo Horizonte/Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2001.

SALES, Ozair Marques de. **Memórias de um candango**, 2008. (Mimeo).

SANTOS, Myrian S. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 1993.

SHATFORD, Sara. Analyzing the subject of a picture: a theoreticcal approach. In: **Cataloging & Classification Quarterly**, New York, v. 6, n. 3, 1986.

SINOTI, Marta Litwinczik. Vizinhança e desenho urbano: Paranoá-DF. In: COSTA, Cléria B. et. all. (org.s). **Contar história, fazer História: história, cultura e memória.**, Brasília: Paralelo 15, 2001.

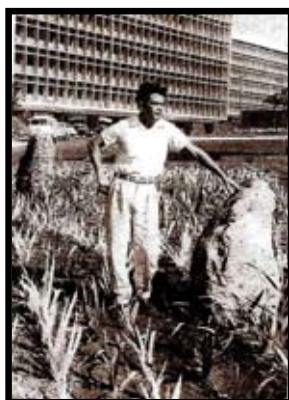
THOMPSON, Paul. **Voz do passado: historia oral.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TRENTIM, Ary Nicodemos. O registro fotográfico no projeto ECIRS: critérios e procedimentos básicos. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 27, 1998.

TURNER, Victor. **The ritual process: structure and anti-structure.** London: Oxford, 1974.

8. ANEXOS

8.1. ANEXO A - Quadro-resumo acompanhado de fotografia⁸³



Categoria	Definição geral	DE genérico	DE específico	Sobre
QUEM/O QUE	Animado ou inanimado, objetos e seres concretos.	Esta imagem é de quem? De que objetos? De que seres?	De quem, especificamente, se trata?	Os seres ou objetos funcionam como símbolos de outros seres ou objetos? Representam a manifestação de uma abstração?
	Exemplo	Homem	Senhor Valdir	Operário/ Construção de Brasília.
ONDE	Onde está a imagem no espaço?	Tipos de lugares geográficos, arquitetônicos ou cosmográficos.	Nomes de lugares geográficos, arquitetônicos ou cosmográficos.	O lugar simboliza um lugar diferente ou mítico? O lugar representa a manifestação de um pensamento abstrato?
	Exemplo	Perfil de cidade	Brasília	Lugar de trabalho.
QUANDO	Tempo linear ou cíclico, datas e períodos específicos, tempos recorrentes.	Tempo cíclico.	Tempo linear	Raramente utilizado. Representa o tempo, a manifestação de uma idéia abstrata ou símbolo?
	Exemplo	Primavera	1958	Esperança, fertilidade, juventude.
COMO	O que os objetos e seres estão fazendo? Ações, eventos, emoções.	Ações, eventos.	Eventos individualmente nomeados.	Que idéias abstratas (ou emoções) estas ações podem simbolizar?
	Exemplo	Construção.	Construção de Brasília.	Esperança, transformação.

⁸³Baseado no Quadro-resumo de Shatford (1986).

8.2. ANEXO B – Quadro-resumo acompanhado de fotografia⁸⁴



Categoria	Definição geral	DE genérico	DE específico	Sobre
QUEM/O QUE	Animado ou inanimado, objetos e seres concretos.	Esta imagem é de quem? De que objetos? De que seres?	De quem, especificamente, se trata?	Os seres ou objetos funcionam como símbolos de outros seres ou objetos? Representam a manifestação de uma abstração?
	Exemplo	Mulher	Dona Judite	Ex-servidora do Serviço Público do Distrito Federal.
ONDE	Onde está a imagem no espaço?	Tipos de lugares geográficos, arquitetônicos ou cosmográficos.	Nomes de lugares geográficos, arquitetônicos ou cosmográficos.	O lugar simboliza um lugar diferente ou mítico? O lugar representa a manifestação de um pensamento abstrato?
	Exemplo	Interior de órgão público.	Brasília	Cerimônia ecumênica.
QUANDO	Tempo linear ou cíclico, datas e períodos específicos, tempos recorrentes.	Tempo cíclico.	Tempo linear	Raramente utilizado, representa o tempo, a manifestação de uma idéia abstrata ou símbolo?
	Exemplo	Inverno	2000	Agradecimento, honraria.
COMO	O que os objetos e seres estão fazendo? Ações, eventos, emoções.	Ações, eventos.	Eventos individualmente nomeados.	Que idéias abstratas (ou emoções) estas ações podem simbolizar?
	Exemplo	Recebendo homenagem.	Homenagem pela passagem dos “40 Anos do Sistema de Saúde do Distrito Federal”.	Agradecimento.

⁸⁴ Também baseado no Quadro-resumo de Shatford (1986).

8.3. ANEXO C – Formulário de entrevista

FORMULÁRIO DE ENTREVISTA

Data: _____

1. Nome: _____

2. Sexo: () Masculino () Feminino

3. Data de nascimento: _____

4. Naturalidade: _____

5. Endereço: _____

6. Escolaridade: _____

7. Profissão: _____

8. Estado civil:

() Solteiro(a)

() Casado(a)

() Divorciado(a)

() Separado(a)

() Viúvo(a)

9. O (a) senhor (a) tem fotografias da época em que veio para Brasília? _____

10. O (a) senhor (a) poderia escolher algumas fotos e falar sobre elas? _____

11. Quando o (a) senhor (a) veio para Brasília? _____

12. Onde o (a) senhor (a) morava antes de vir para Brasília? _____

13. O (a) senhor (a) veio sozinho (a) ou acompanhado(a)?

14. Como foi sua vida no início?

15. De que fatos políticos marcantes o (a) senhor (a) se lembra?

16. Que fatos marcaram sua nova vida?

17. O que o(a) senhor(a) acha de Brasília hoje?

8.4. ANEXO D - Brasília de ontem e de hoje

Na fotografia⁸⁵ que se segue, temos imagens de Brasília, vista da Torre de TV; no final dos anos sessenta e em dois mil e quatro. Observando-as bem, poderemos perceber algumas diferenças que estão listadas nas curiosidades abaixo:

- a passagem ligando a W-3 Sul à W-3 Norte foi feita apenas no final dos anos 70;
- na foto dos anos 60 existe apenas a armação de concreto da Catedral. Ela só seria inaugurada em 31/05/70;
- o prédio original do Hotel Planalto, com 2 andares, foi demolido e substituído por um novo prédio de 3 pavimentos.



Ilustração 7: Brasília no final dos anos 60 (fotos de Cesar Areal) e em 2004 (fotos de Augusto Areal).

⁸⁵ Disponível em <http://www.geocities.com/TheTropics/3416/tabfotos.htm#ontem>. Acesso em 20/12/02007.

8.5. ANEXO E – AutorizaçãoAUTORIZAÇÃO

Autorizo a senhora *Rita Barreto de Sales Oliveira* a publicar em sua dissertação de mestrado “*A Fotografia como Memória na Vida dos Candangos*” bem como em outros trabalhos relacionados à mesma o relato por mim concedido a ela quando da realização da entrevista com este fim. Esclareço ainda que a senhora Rita explicou, de forma clara, como seria a entrevista e como seria utilizada.

Brasília, _____
Nome do entrevistado: _____
RG: _____
CPF: _____

8.6. ANEXO F - Carta⁸⁶ do Presidente JK aos funcionários do governo.**PRESIDENTE DA REPÚBLICA**

Ao aproximar-se o término do meu mandato, venho manifestar-lhe, de modo especial, o meu reconhecimento pelo seu patriótico apoio à luta que travei para conduzir a pleno êxito a causa do desenvolvimento nacional.

Sinto-me satisfeito em poder proclamar que, na Presidência da República, não faltei a um só dos meus compromissos que assumi como candidato. Mercê de Deus, em muitos setores realizei além do que prometi, fazendo o Brasil avançar, pelo menos, cinquenta anos de progresso em cinco anos de govêrno. Pude ainda, através da operação Pan-Americana, despertar as esperanças e energias dos povos americanos para o objetivo comum do combate ao sub-desenvolvimento. E todo esse esforço culminou no cumprimento à meta democrática, quando o nosso País apresentou ao Mundo um admirável espetáculo de educação política, que me permite encerrar o mandato, num clima de paz, de ordem, de prosperidade e de respeito a tôdas as prerrogativas constitucionais.

Sejam quais forem os rumos da minha vida pública, levarei comigo, ao deixar o honroso pôsto, que me confiou a vontade popular, o firme propósito de continuar servindo ao Brasil com a mesma fé, o mesmo entusiasmo e a mesma confiança nos seus altos destinos.

Juscelino Kubitschek - 1961

⁸⁶ Copiou-se a carta na íntegra, preservando-se a ortografia original utilizada no Brasil no ano de 1961.